

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LUCIANI WIENKE BEIERSDORFF

A MESCLAGEM CONCEPTUAL NA CONSTITUIÇÃO DE UM *LÉXICO VEGANO*

**Rio Grande
2023**

LUCIANI WIENKE BEIERSDORFF

A MESCLAGEM CONCEPTUAL NA CONSTITUIÇÃO DE UM *LÉXICO VEGANO*

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina de Seminário de Dissertação do Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Silva
Tavares

Rio Grande

2023

Ficha Catalográfica

B422m Beiersdorff, Luciani Wienke.

A mesclagem conceptual na constituição de um *Léxico vegano* /
Luciani Wienke Beiersdorff. – 2023.
126 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS,
2023.

Orientadora: Dra. Eliana da Silva Tavares.

1. Semântica cognitiva 2. Conceptualização 3. Referenciação
4. Categorização 5. *Léxico vegano* I. Tavares, Eliana da Silva
II. Título.

CDU 81'37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 22/2023

No dia dezoito de outubro de dois mil e vinte e três, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação de mestrado de **Luciani Wienke Beiersdorff**, intitulada “**A mesclagem conceptual na constituição de um léxico vegano**”. A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Eliana da Silva Tavares, orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação, que também foi composta por: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (FURG) e Prof. Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira (Unicamp). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.



Documento assinado digitalmente
ELIANA DA SILVA TAVARES
Data: 19/12/2023 09:48:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eliana da Silva Tavares (orientadora -FURG)

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (FURG)

Prof. Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira (Unicamp)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a Profa. Dra. Eliana da Silva Tavares, pelo carinho, paciência, pelas dicas e amizade durante este período em que estivemos trabalhando juntas durante a elaboração deste trabalho e, principalmente, por acreditar no meu potencial. Agradeço também pela compreensão e apoio neste momento tão importante e decisivo de minha formação acadêmica.

À professora Maria Cristina Brisolara, pelo imenso carinho, afeição e pelas amáveis palavras de incentivo e encorajamento em seguir mais esta etapa acadêmica.

À minha filha Milena, amor de minha vida, que sempre está ao meu lado, ao meu esposo Gerson pelos momentos de felicidade.

Aos meus pais Ingrid e Nelson, irmãos, Lauri e Renato, cunhadas, Fernanda e Roberta, e sobrinhos Raquel e Ricardinho, pelos momentos de felicidade.

À amiga e comadre Nathaniele Alave pela amizade, pelas horas de incentivo, palavras de apoio e ombro amigo. A querida afilhada Ângela e sua irmã Isabel, pelos momentos de alegrias.

Às amigas Alessandra Correia que sempre encontra as palavras mais lindas e significativas para dizer e demonstrar o quanto de amor que há em seu coração. E Gabriele Costa, minha maior incentivadora a fazer o mestrado e, que nunca cansa em me ajudar no que for necessário, inclusive nesta dissertação.

À Simoni Machado, amiga e incentivadora dos meus projetos e companheira de momentos únicos e inesquecíveis. À Thalena Santos, por sempre acreditar em mim e me alegrar com suas palavras de carinho.

Às amigades que fiz durante o mestrado, queridas Maiara Brandão, meu braço direito durante o mestrado, tanto nas horas alegres quanto nas difíceis! E às queridas Rosana e Veridiane pelos momentos de alegria.

Aos professores do PPGLetras - Estudos da Linguagem, por me proporcionarem momentos de aprendizagem que refletiram num enriquecimento pessoal e profissional.

À querida Isabel Faria, que sempre me a resolver meus perrengues e as inúmeras dúvidas que surgiam durante este período.

À banca Adail Sobral e Caio Mira por aceitarem o convite e, principalmente, pela leitura crítica e atenta.

Muito obrigada por tudo!

O ditador caiu numa cadeira, os árabes deixaram de vender petróleo, o morto é o melhor amigo do vivo, as coisas nunca são o que parecem, quando vires um centauro acredita nos teus olhos, se uma rã escarnecer de ti atravessa o rio. Tudo são objectos. Quase.

(José Saramago. Objecto quase, 1994)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa visa a analisar como se dá a constituição da noção do *léxico vegano* a partir de um *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado na sociedade em anúncios de produtos veganos. Neste sentido, faz-se pertinente o estudo da problemática da referência, que é muito importante para a Semântica Cognitiva, começando por Platão (*Crátilo*, 383a), que mostra a questão da natureza e a convenção dos nomes, passando por Frege (1978) que visa a separar a possibilidade de designação (nomear) da possibilidade de referir, até chegar a Mondada e Dubois (2015) que rompem com a ideia de representação, pois o que se tem na realidade são objetos de discurso. Na Semântica (Sócio) Cognitiva serão estudados autores como Fauconnier (1994) com os espaços mentais, Lakoff (1987) com as questões de categorização e conceptualização, esta última também abordada por Lakoff e Johnson (1999) e a mesclagem conceptual em Fauconnier e Turner (2002). Juntamente com teoria de protótipos abordada por Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999) e Rizzati (2001), as semelhanças de família de Wittgenstein (1991) e a conceptualização cultural com Sharifian (2011), os quais irão ajudar a construir o conceito de *léxico vegano*. Quanto aos procedimentos metodológicos, de acordo com Gil (2002), a pesquisa é exploratória com base nos objetivos e com base nos procedimentos técnicos o fenômeno estudado é a formação de um *léxico vegano* em anúncios de produtos veganos. Para a execução da pesquisa foram captadas imagens (virtuais) de cardápios de restaurantes veganos que apresentam termos, itens do que designamos como *léxico vegano*, bem como anúncios de produtos em mercados e sites de culinária que anunciam receitas com produtos veganos. Nos resultados, podemos observar que o adjetivo *vegano* é um traço significativo que qualifica o léxico como pertencente à *categoria vegana*, ou seja, o adjetivo *vegano* tanto identifica quanto valora o nome ao qual se refere. Quanto ao *efeito de prototipicidade*, ele está presente principalmente no primeiro termo, o *substantivo*, pois é ele que faz surgir os traços de *semelhança de família* entre o exemplo mais prototípico e os seus exemplares periféricos. É o substantivo que desencadeia esse processo na memória linguística das pessoas e assim, cria as aproximações entre os conceitos.

Palavras-chave: semântica cognitiva, conceptualização, referenciação, categorização, *léxico vegano*.

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche vise à analyser comment se constitue la notion de *lexique végétalien* à partir d'un *lexique alimentaire* déjà culturellement sédimenté dans la société et dans les publicités pour les produits végétaliens. En ce sens, il est pertinent d'étudier le problème de la référence, très important pour la Sémantique Cognitive, en commençant par Platon (*Cratyle*, 383a), qui pose la question de la nature et de la convention des noms, en suivant par Frege (1978) qui vise à séparer la possibilité de désignation (naming) de la possibilité de la référence, jusqu'à arriver à Mondada et Dubois (2015) qui rompent avec l'idée de représentation, car ce que nous avons en réalité sont des objets du discours. Dans le livre (Socio) Cognitive Semantics, des auteurs comme Fauconnier (1994) seront étudiés avec les espaces mentaux, Lakoff (1987) avec les questions de catégorisation et la notion de conceptualisation, cette dernière idée est également abordée par Lakoff et Johnson (1999) et mélange conceptuel dans Fauconnier et Turner (2002). Avec la théorie des prototypes abordée par Lakoff (1987), Lakoff et Johnson (1999) et Rizzati (2001), les airs de la famille de Wittgenstein (1991) et la conceptualisation culturelle avec Sharifian (2011), qui aideront à construire le concept de *lexique végétalien*. Quant aux procédures méthodologiques, selon Gil (2002), la recherche est exploratoire fondée sur les objectifs et basée sur les procédures techniques, le phénomène étudié est la formation d'un *lexique végétalien* en concernant les publicités pour les produits végétaliens. Pour la mise en œuvre de la recherche, des images (virtuelles) de menus de restaurants végétaliens ont été capturées, contenant des termes, des éléments de ce que nous appelons le *lexique végétalien*, ainsi que des publicités de produits sur les marchés et sur des sites Web culinaires annonçant des recettes avec des produits végétaliens. Dans les résultats, nous pouvons observer que l'adjectif *végétalien* est une caractéristique significative qui qualifie le lexique comme appartenant à la *catégorie végétalienne*, c'est-à-dire que l'adjectif *végétalien* identifie et valorise le nom auquel il fait référence. Quant à l'*effet de prototypicité*, il est présent principalement dans le premier terme, le *nom*, car c'est lui qui donne naissance aux traces d'*air de famille* entre l'exemple le plus prototypique et ses exemples périphériques. C'est le nom qui déclenche ce processus dans la mémoire linguistique des gens et crée ainsi, des rapprochements entre les concepts.

Mots-clés: sémantique cognitive, conceptualisation, référencement, catégorisation, *lexique végétalien*.

ABSTRACT

This research work aims to analyze how the notion of the vegan lexicon is constituted based on a food lexicon already culturally sedimented in society in advertisements for vegan products. In this sense, it is pertinent to study the problem of reference, which is very important for Cognitive Semantics, starting with Plato (Cratylus, 383a), which shows the question of the nature and convention of names, going through Frege (1978) who aims to separate the possibility of designation (naming) from the possibility of referring, until arriving in Mondada and Dubois (2015) who break with the idea of representation, as what we have in reality are objects of discourse. In (Socio) Cognitive Semantics, authors such as Fauconnier (1994) will be studied with mental spaces, Lakoff (1987) with the issues of categorization and conceptualization, the latter also addressed by Lakoff and Johnson (1999) and conceptual mixing in Fauconnier and Turner (2002). Together with prototype theory addressed by Lakoff (1987), Lakoff and Johnson (1999) and Rizzati (2001), Wittgenstein's family resemblances (1991) and cultural conceptualization with Sharifian (2011), which will help to build the vegan lexicon concept. As for the methodological procedures, according to Gil (2002), the research is exploratory based on the objectives and based on the technical procedures, the phenomenon studied is the formation of a vegan lexicon in advertisements for vegan products. To carry out the research, (virtual) images of vegan restaurant menus were captured that present terms, items from what we call the vegan lexicon, as well as product advertisements in markets and culinary websites that advertise recipes with vegan products. In the results, we can observe that the adjective *vegan* is a significant feature that qualifies the lexicon as belonging to the *vegan category*, that is, the adjective *vegan* both identifies and values the name to which it refers. As for the *prototypical effect*, it is present mainly in the first term, the *noun*, as it is what gives rise to the traces of *family resemblance* between the most prototypical example and its peripheral examples. The noun triggers this process in people's linguistic memory and thus creates approximations between concepts.

Keywords: cognitive semantics, conceptualization, referencing, categorization, *vegan lexicon*.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. A problemática da referência e da categorização.....	16
2. Semântica cognitiva: a teoria dos espaços mentais.....	35
2.1. Conceptualização.....	48
3. Efeitos de prototipicidade para a construção de um <i>léxico vegano</i>	55
4. A formação do léxico.....	76
5. Análise de dados.....	98
Nenhuma análise é completa e acabada.....	123
Referências.....	125

Índice de figuras

Figura 1 Comparação entre os conceitos animal e cavalo.....	19
Figura 2 Semas referentes ao Planeta Vênus.....	21
Figura 3 Semas referente ao Unicórnio.....	22
Figura 4 Semas de sapos e morcegos.....	27
Figura 5 Princípio da arbitrariedade do Valor.....	29
Figura 6 Representação imagética de oito animais diferentes.....	38
Figura 7 Semas referentes ao conceito de Valor.....	39
Figura 8 Semas referentes ao conceito de Celular (smartphone).....	40
Figura 9 Semas do conceito Rosa (no jogo de Stop).....	41
Figura 10 Semas do conceito dos Espaços Mentais.....	42
Figura 11 Comparação entre os semas do leite e os tipos de leite.....	43
Figura 12 Esquema básico da integração conceptual.....	44
Figura 13 Espaço de Mescla - Hambúrguer Vegano.....	45
Figura 14 Categorização sobre a ocupação x tipo de carro.....	47
Figura 15 Semas do conceito Léxico “Leite”.....	49
Figura 16 Efeito de prototipicidade da categoria pássaro.....	50
Figura 17 Semas do conceito Hambúrguer vegano.....	51
Figura 18 Comparação entre os conceitos Verbo e Nome.....	57
Figura 19 Comparação entre as camadas de gelo x Segurança das pessoas.....	59
Figura 20 Efeito de prototipicidade da categoria comida.....	59
Figura 21 Semas do conceito de Categorização.....	63
Figura 22 Níveis das categorias segundo Rosch e Mervis (1975).....	63
Figura 23 Semas do conceito Nível Básico segundo Lakoff; Johnson (1999).....	65
Figura 24 Diversos tipos de cadeiras.....	65
Figura 25 Semas do conceito Balan (na cultura Dyirbal).....	68
Figura 26 Categorização do uso do álcool etílico.....	69
Figura 27 Comparação entre os conceitos de Chave.....	70
Figura 28 Construção de locuções verbais no Português brasileiro.....	70
Figura 29 As relações associativas.....	71
Figura 30 Semas do conceito sapo.....	72
Figura 31 Modelo distribuído de um esquema cultural.....	75
Figura 32 Plano de expressão e de plano de conteúdo de Hjelmslev.....	77
Figura 33 Mesclagem conceptual referente ao vírus de computador.....	85
Figura 34 Léxico composto de nomes conhecidos acrescidos do adjetivo “vegano”.....	91
Figura 35 Uso de adjetivos no léxico leite para identificá-lo / diferenciá-lo.....	94
Figura 36 A relevância das conceptualizações culturais para diversas disciplinas / domínios.....	95
Figura 37 Beijinho vegano.....	99
Figura 38 Semas do beijinho vegano.....	99
Figura 39 Comparação de traços do termo leite (alimento x cosmético).....	103
Figura 40 Comparação de traços do termo leite (origem vegetal x animal).....	104
Figura 41 Comparação de traços do termo leite (forma de comercialização).....	105
Figura 42 Leite de vaca.....	106
Figura 43 Semas do leite de vaca.....	106

Figura 44 Leite de caixinha.....	107
Figura 45 Esquema de Givón (1986).....	108
Figura 46 Comparação entre os conceitos Leite de coco e Leite de vaca.....	109
Figura 47 Comparação entre os conceitos Leite de aveia e Leite de vaca.....	111
Figura 48 Comparação entre os conceitos Leite de aveia (cosmético) e Leite de vaca.....	112
Figura 49 Comparação entre os conceitos Leite de aveia e Leite de aveia (cosmético).....	113
Figura 50 Cardápio de marmitas com opções veganas.....	114
Figura 51 Comparação entre os conceitos Carne e Carne vegana.....	115
Figura 52 Comparação entre os conceitos Croquete de carne e Croquete vegano.....	116
Figura 53 Comparação entre os conceitos Almôndega e Almôndega vegana.....	118
Figura 54 Cardápio com opções veganas de Hambúrguer.....	119
Figura 55 Comparação entre os conceitos Hambúrguer e Hambúrguer vegano.....	120

Introdução

(...) la langue, en effet, existe d'abord dans et par les pratiques langagières des locuteurs; elle est profondément imbriquée en elles et ne peut donc être définie indépendamment d'elles (...) (Mondada, 2001, p. 66)¹.

O presente trabalho visa a analisar como se dá a constituição do *léxico vegano* a partir de um *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado. Neste sentido, faz-se pertinente o estudo da categorização referencial, por meio dos processos de conceptualização em Lakoff e Johnson (1999), em Fauconnier e Turner (2002), em Sharifian (2011) e de categorização em Lakoff (1987), em sua relação com a noção de Semelhanças de Família em Wittgenstein, (1991 [1953]), aplicados à constituição de um *léxico vegano*.

A questão em análise deve-se a sedimentação semântica de um *frame vegano* constituído a partir da experiência (sócio) histórica cognitiva com o estudo da categorização referencial, por meio dos processos de conceptualização e de categorização em Lakoff (1987), em sua relação com as Semelhanças de Família, a partir de um *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado. Já, quanto à escolha pelo objeto de estudo, o *léxico vegano*, este se deu em função da particularidade do seu léxico devido a sua vinculação ao *léxico alimentar* já consolidado culturalmente.

Neste sentido foram levantadas duas questões: É possível postular a existência de um *léxico vegano*, constituído em função de um modelo de cognição cultural emergente e distributiva em Sharifian (2011)? Os processos de conceptualização e de categorização envolvidos na constituição de um *léxico vegano* seriam decorrentes de Semelhanças de Família em Wittgenstein (1991 [1953]), e dos consequentes efeitos de prototipicidade em Lakoff, (1987) que discursivamente desencadeariam? Deste modo, para respondermos estes questionamentos, objetivamos em trabalhar com os estudos em Semântica (Sócio)Cognitiva estudando como ocorre a relação entre conceptualização, categorização e referenciação.

Assim, na presente dissertação, objetivamos a fazer uma investigação sobre as questões da problemática da referência, da teoria dos espaços mentais, passando pela referenciação, conceptualização, semelhanças de família e conceptualizações culturais para compreendermos como ocorre a constituição do *léxico vegano*. Para tanto, no

¹ Tradução: (...) a linguagem, de fato, existe primeiro nas e através das práticas languageiras dos falantes; ela está profundamente entrelaçada neles e não pode, portanto, ser definida independentemente delas (...) (Mondada, 2001, p. 66).

primeiro capítulo, o qual nomeamos de *Problemática da referência (categorização)*, trazemos um arrazoado sobre a problemática da referência, iniciando por Crátilo em Platão (*Crátilo*, 383a), com a correção dos nomes, depois Santo Agostinho (1973) que faz um instigante debate com seu filho sobre as semelhanças e diferenças entre os signos, as palavras e os nomes. Após trazemos Frege (1978) que faz uma análise instigante entre o sentido e a referência, mas ainda com um viés mais lógico, e para contrapor este autor, buscamos em Saussure (2012) argumentos que já aprofundam essas questões, para o autor, a referência da língua é a própria língua. E, finalizamos com Marcuschi (2005), o qual muda o seu foco de referente para a *referenciação* e as autoras Mondada e Dubois (2015), corroboram com essa concepção afirmando que referimos a partir dos *objetos de discurso*.

Já no segundo capítulo, o qual é intitulado como *Semântica cognitiva: a teoria dos espaços mentais*, propõe-se a designar a abordagem semântica diferenciando as investigações semânticas interligadas ao significado das investigações de natureza discursiva vinculadas ao estudo do sentido. Outro tópico enfatizado nesta seção é a abordagem dos efeitos do sentido, os quais operam com base em um funcionamento mais discursivo, que considera índices como: pessoa, tempo e espaço; questão que trata de uma ocorrência discursivamente indexada. Ainda no que tange aos efeitos de sentido, propomos considerações sobre a constituição do significado e a significação mediante as experiências cognitivas, corporificadas e sócio historicamente situadas, a partir de uma análise do processo mental que intercala a unidade a partir da experiência com o interior linguístico. O capítulo encerra-se a partir da problematização do processo cognitivo com base na valoração atribuída nos espaços mentais criados na corporificação dos indivíduos sócio historicamente situados na formação de redes de significação integradas e contínuas.

No que diz respeito ao terceiro capítulo, *Efeitos de prototipicidade para a construção de um léxico vegano*, discutimos considerações acerca do que seja um protótipo, para consecutivamente discutir sobre os efeitos da prototipicidade. Essa discussão tem como base a concepção de referência e categorização aliadas conforme as primeiras categorias da língua a partir das considerações do filósofo Aristóteles. Uma vez que temos como referência na área lógica, a categoria do significado a partir de traços necessários e suficientes. Em outros termos, significa dizer que existe a consideração de um melhor exemplar como categoria a ser considerado o mais prototípico.

Ademais, neste capítulo tecemos ponderações sobre as possíveis peculiaridades de cada localidade e suas diferenciações culturais, visto que os fenômenos linguísticos correspondem a uma mente *corporificada socialmente situada*. Nessa relação da localidade e seus aspectos culturais, emergem as estruturas neurais que viabilizam as inferências para o processo de categorização. Assim, relacionamos a questão do léxico mental com o prototípico e a categoria que são manifestadas de forma cristalizada na memória discursiva da sociedade.

Por fim, encerramos a terceira parte com a relação do nível básico do processo de categorização e corporificação da mente. Discutimos consecutivamente a teoria prototípica como uma intersecção da Linguística e da Psicologia Cognitiva, sendo que atribuímos significados ao mundo ancorados no processo de conceptualização e categorização de modelos cognitivos idealizados.

No quarto capítulo, *A formação do léxico*, desenvolvemos uma discussão sobre o que seria o léxico, como se forma, qual a sua função na linguística cognitiva e principalmente, seu papel na formação do léxico vegano. Iniciamos com as considerações de Perini (1996), o qual explica o que é a *Lexicologia* e seu fundamento taxiológico, questões importantes para este estudo, principalmente, quanto à constituição de um léxico nomeado como *léxico vegano*.

Para desenvolver essas considerações, outras bases bibliográficas foram escolhidas, como a perspectiva gramatical funcionalista de Ataliba de Castilho, em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, a qual apresenta uma abordagem gramatical funcionalista cognitiva (Castilho, 2012). Juntamente com uma perspectiva semântica (sócio)cognitiva de Gilles Fauconnier, como em *Mappings in Thought and Language*, a qual apresenta a noção de mesclagem conceptual, para explicar ocorrências como *vírus de computador* e *arquivos infectados* (Fauconnier, 1997, p. 18). Lilian Ferrari, em *Introdução à linguística cognitiva*, elabora o esquema da mesclagem conceptual sobre esse exemplo de *vírus de computador* de Fauconnier (1997), extremamente importante para a análise do nosso *corpus*.

Finalizamos o capítulo com as considerações de Sharifian (2017), sobre o conceito de *Esquemas Culturais* o qual corrobora com o fato das construções a respeito do léxico serem permeadas por construções culturais, de acordo com este autor, quando ocorre uma comunicação efetiva supõe-se que tanto o falante quanto o ouvinte compartilhem destes esquemas culturais.

Por fim no quinto capítulo, *Análise de dados*, elaboramos as análises referentes à constituição de um *léxico vegano*, mais especificamente construímos as mesclagens conceptuais a partir do *corpus* pesquisado em anúncios de produtos veganos a partir de um léxico alimentar já culturalmente sedimentado. Assim, para a análise fez-se pertinente o estudo da categorização referencial, por meio dos processos de conceptualização em Lakoff e Johnson (1999), dos espaços mentais e da mesclagem conceptual em Fauconnier e Turner (2002) e de categorização em Lakoff (1987).

Ademais, cabe destacar que a constituição de um *léxico vegano*² é um processo que resulta de um modelo de cognição emergente, já que a *conceptualização* é um processo primordialmente cultural. Além disso, devido ao *léxico vegano* possuir uma relação direta com o *léxico alimentar usual*, as noções de *Semelhanças de Família* (Wittgenstein, 1991 [1953]) e de *efeitos de prototipicidade* se fazem necessárias, justamente por sua relação com os Modelos Culturais Distributivos (Sharifian, 2011).

Por fim, analisamos apenas algumas ocorrências do *léxico vegano*, como vocês poderão observar. Outrossim, gostaríamos de frisar que como se trata de um trabalho que estuda uma questão ainda recente, podemos ter incorrido em algumas falhas.

2 Cabe destacar que, não somente o léxico vegano é constituído desta foma, mas outros léxicos também.

1. A problemática da referência e da categorização

*os nomes dos bichos não são bichos
os bichos são:
macaco gato peixe cavalo vaca elefante baleia galinha
os nomes das cores não são cores
as cores são:
preto azul amarelo verde vermelho marrom
os nomes dos sons não são sons
os sons são
só os bichos são bichos
só as cores são cores
só os sons são (Antunes, 1993).*

A possibilidade de a língua nomear o mundo, designar as coisas, é estudada em Semântica a partir daquilo que se convencionou chamar de *problemática da referência*. Questão complexa e antiga para as investigações da natureza das relações entre a língua e o mundo, entre o linguístico e o extralinguístico.

Nesse sentido, iniciamos este estudo com o texto *Crátilo*, de Platão (*Crátilo*, 383a), um diálogo que ocorre entre três personagens, Hermógenes, Crátilo e Sócrates. O texto é desenvolvido em torno de uma discussão sobre a questão da justeza dos nomes, mais especificamente, a problemática da relação entre a língua e o mundo. Há duas posições em disputa no diálogo, a de Hermógenes, conhecida por convencionalismo, a qual entende a correção de um nome como sendo uma questão de *convenção*, e a outra, o *naturalismo* de Crátilo, a qual afirma que cada nome possui uma correção intrínseca, ou seja, as coisas seriam nomeadas a partir de sua *natureza*.

Crátilo (384a) admite as duas possibilidades de vinculação, pois reconhece a capacidade referencial no funcionamento dos nomes, mas também a possibilidade de uma natureza convencional para eles. Por este motivo, os filósofos costumam dizer que o texto termina numa *aporía*, ou seja, em uma impossibilidade de conclusão em relação à questão que levanta.

Tavares (2015) também reflete sobre essa questão da referência, mais especificamente, sobre a problemática da nomeação das coisas no mundo, e, neste sentido, afirma que

(...) a questão consistiria em saber se (i) a língua reflete o mundo concreto, exterior a ela, como um decalque, ou (ii) a língua, de maneira convencional e arbitrária, semantiza o mundo e, portanto, o (re)constitui. Filiar-se à segunda perspectiva implica admitir que não é de um mundo concreto, e com existência exterior à linguagem que podemos falar, ou, mesmo, que conhecemos. O mundo passível de percepção, relação e compreensão pelo homem seria,

necessariamente, constituído, como estabeleceu Benveniste (1991), na e pela linguagem. Dessa forma, é a dimensão simbólica da língua, e por consequência sua natureza fundadora, que permite a criação dos mundos que habitamos, necessariamente estabelecidos e compreendidos para além de uma relação biunívoca (meramente especular, entre linguagem e mundo) (Tavares, 2015, p. 1).

Observando suas palavras, de acordo com a primeira acepção, seria possível nomear o mundo através da língua, fazendo um decalque do mesmo, como a ideia de *natureza* presente no Crátilo. Essa possibilidade tem um caráter mais redutor e simplista da relação entre interior e exterior linguístico. Já com base na segunda perspectiva, podemos afirmar que a língua é arbitrária e convencionada o mundo semanticamente, ou seja, as coisas no mundo são nomeadas semioticamente. Em outras palavras, o mundo é representado através da linguagem e é pela linguagem que compreendemos as coisas do mundo, ou seja, linguagem e mundo estão relacionados à natureza da representação, da construção simbólica.

Essa questão da referência, também está presente em *De Magistro*, no qual podemos observar o diálogo entre Santo Agostinho e seu filho Adeodato sobre a linguagem, mais especificamente, sobre a questão dos signos seres arbitrários. O texto é dividido em catorze capítulos, destes destacamos os seis primeiros títulos, os quais consideramos ser os mais pertinentes à questão da referência, abordada neste estudo. São eles: *Finalidade da linguagem*; *O homem mostra o significado das palavras só pelas palavras*; *Se é possível mostrar alguma coisa sem o emprego de um sinal*; *Se os sinais se mostram com sinais*; *Sinais recíprocos*; *Sinais que significam a si mesmos*. No início do diálogo, podemos observar como ocorrem as discussões entre ambos:

Agostinho

- Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

Adeodato

- Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender.

Agostinho

- Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender?

Adeodato

- Mas, então, de que maneira pensas que se possa aprender, senão perguntando?

Agostinho

- Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, dize-me, interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que queres àquele a quem perguntas?

Adeodato

- Dizes a verdade.

Agostinho

- Vês portanto que com o falar não nos propomos senão ensinar (Santo Agostinho, 1973, p. 323).

Assim, inicia-se o diálogo entre os personagens, que ao final concordam que na realidade falar implica ensinar, inclusive quando algo é perguntado a alguém, também surge a intenção de ensinar alguma coisa.

Com esse diálogo, Santo Agostinho quer demonstrar ao seu filho que as palavras não são mais do que sinais, as quais não podem existir sem significar algo. Para isso, Santo Agostinho (1973) incita Adeodato para demonstrar o referente, a própria coisa significada pela palavra proferida, demonstrando assim o seu valor, ao invés de usar palavras sinônimas para demonstrá-las. Entretanto, Adeodato chega à conclusão de que é muito difícil, às vezes impossível, não usar outras palavras com o mesmo valor para significá-las.

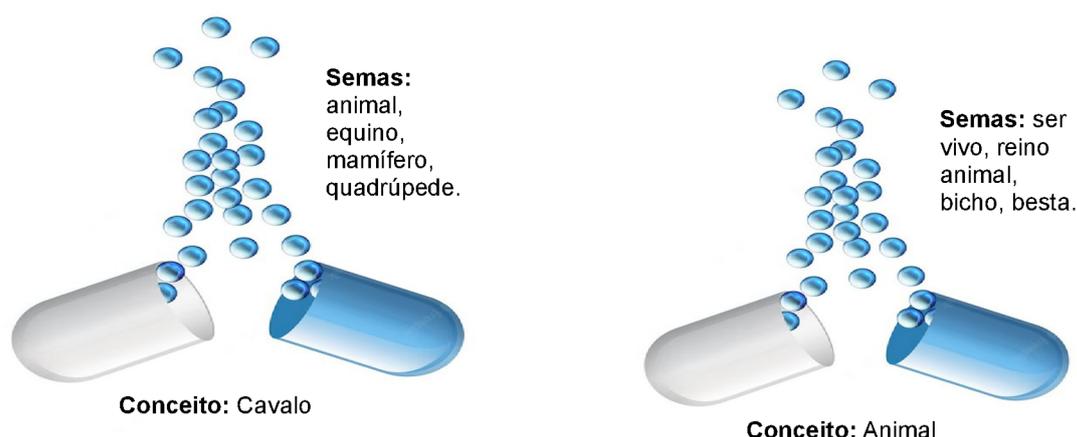
Outro ponto interessante discutido no diálogo é o fato de que eles concordam que existem *sinais* (*signos*) que não podem ser significados pelos sinais (*signos*), os quais eles significam como, por exemplo, as conjunções. Assim, a palavra *conjunção* não pode ser significada, por exemplo, por – *logo, pois, mas, que, como* – que são conjunções.

Ao mesmo tempo, também elencam outros exemplos, nos quais ocorre exatamente o inverso. Há outros *sinais* / *signos* que podem ser significados, como por exemplo, *signo, palavra* e *nome*, os três são vistos como sinônimos, de modo que, o entendimento de um direciona o entendimento de outro.

Já quanto ao fato dos sinais se significarem reciprocamente, há casos em que uns não possuem o mesmo valor do seu sinônimo, há casos em que possuem valor igual e há outros em que os signos são idênticos. Para explicitar essa questão, Santo Agostinho traz o exemplo de *signo* e *palavra*, uma vez que, embora ambas sejam sinônimas, elas possuem valorações diferentes. A expressão *signo* designa todos os signos aos quais ela pode ser indicada e significada, já a expressão *palavra*, esta não pode ser atribuída a todos os signos, mas apenas ao pronunciados. Do mesmo modo, que *palavra* e *nome* tenham o mesmo valor, ambas também não são idênticas. Pois a *palavra* corresponde à fala, à oralidade, enquanto que o *nome* refere-se ao conhecimento sobre algo.

Santo Agostinho (1973), para elucidar suas discussões, elenca o exemplo de *cavalo* e *animal*, dizendo que o cavalo é um animal, mas que nem todo animal é um cavalo. Do mesmo modo que ocorre com *nome* e *palavra*, em que, todo nome é uma palavra, mas nem toda palavra é um nome. Como podemos observar nos exemplos abaixo, referentes a *animal* e *cavalo*:

Figura 1 Comparação entre os conceitos animal e cavalo



Fonte: Arquivo da autora.

Assim, podemos observar, a partir desses encapsulamentos, o quanto essa questão é interessante. Por mais que um signo/sinal signifique outro, nem sempre esta valoração é recíproca, e muito menos idêntica. Pois *cavalo* é tanto um *nome* quanto *animal*, assim sendo, é *nome* no sentido de signo e *animal* no sentido de coisa significada.

Corroborando com estas questões, Marcuschi (2002) afirma que a referência da língua é a própria língua, pois o autor a toma como ato criativo de designação e não como uma relação extensional. Assim, segundo Marcuschi,

(...) as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos as coisas aos outros é decorrência de nossa atuação linguística **sobre** o mundo com a língua, de nossa inserção sociocognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimentos diversos. A **experiência** não é um dado, mas uma construção cognitiva, assim como a **percepção** não se dá diretamente com os sentidos, mas é a organização de sensações primárias. O mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de realidades discretas apreendidas diretamente. O mundo é um contínuo de sensações e a realidade empírica não tem um contorno imediatamente apreensível. A ação de discretização do mundo na forma como o comunicamos é um trabalho sociocognitivo sistemático (Marcuschi, 2002, p. 47).

Segundo o autor, é dessa forma que se torna possível conseguirmos dizer e significar o mundo, através de uma ação languageira e corporificada, acrescida de uma inserção sociocognitiva no mundo. Os significados vêm dos usos, eles não são intrínsecos aos objetos; uma vez que a realidade é uma construção cognitiva contínua, subjetiva e coletiva, ou seja, o mundo comunicado é efetivado pela ação sociocognitiva.

Já Frege (1978), em seu texto *Sobre o sentido e a referência*, aprofunda mais a questão da referência abordando questões sobre a linguagem e a lógica. Ele inicia as suas considerações afirmando que a *igualdade* pode ser considerada como uma relação entre sinais de objetos, e nesse sentido, essa relação se manteria na medida em que cada um dos dois sinais designa a mesma coisa. Segundo Frege (1978), essa conexão é arbitrária, de modo que não se pode impedir o emprego de qualquer evento ou objeto arbitrariamente produzido como um sinal a qualquer coisa.

O autor usa como exemplo, para especificar essa questão, a sentença $a = a$, a qual pode ter o mesmo valor cognitivo de $a = b$, mas, para que essa sentença seja verdadeira, deve corresponder ao mesmo objeto ou designar a mesma coisa. E, do mesmo modo, só poderá haver uma diferença entre essas sentenças, de modo que a diferença entre os sinais correspondam a diferentes coisas designadas. Assim, Frege (1978) define o conceito de referência, afirmando que é aquilo que um sinal designa. Para o autor,

É, pois, plausível pensar que exista, unido a um sinal (nome, combinação de palavras, letra), além daquilo por ele designado, que pode ser chamado de sua referência, ainda o que eu gostaria de chamar de o sentido do sinal, onde está contido o modo de apresentação do objeto. (...) A referência de “Estrela da Tarde” e “Estrela da Manhã” seria a mesma, mas não o sentido (Frege, 1978, p. 62).

O autor afirma que a referência é a mesma - *Planeta Vênus* -, mas o seu sentido é diferente, isto se deve ao fato de que para as pessoas em geral a *estrela* representaria ou a chegada do entardecer ou a chegada do amanhecer, e assim ser considerada como duas estrelas diferentes. Deste modo, podemos observar esse exemplo de Frege (1978), a partir do encapsulamento dos *semas*³ - traços de significação compartilhados pela sociedade - a partir do seu conceito, que no caso seria o Planeta Vênus, conforme a figura 2.

3 A definição de *semas*, para a semântica, é embasada na teoria de Bernard Pottier (1987), para o autor, o *sema* é uma unidade semântica que possui o seu significado atrelado a um campo lexical. Assim, os *semas* são traços distintivos que se estruturam *em termos de oposição* entre os componentes do campo lexical.

Figura 2 Semas referentes ao Planeta Vênus

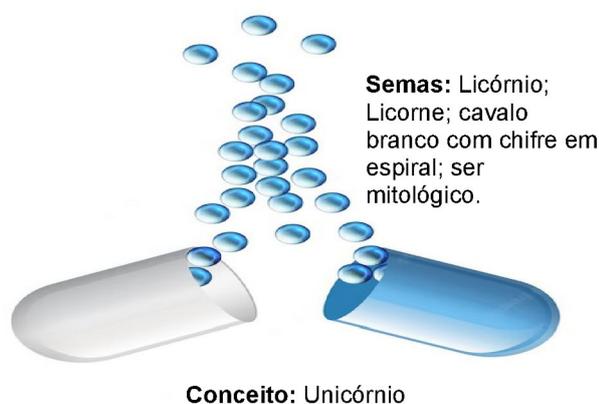


Fonte: Arquivo da autora.

O planeta Vênus também é conhecido por outras designações, como Estrela da Manhã, Estrela da Tarde ou Estrela Dalva, mas todas estas possuem o mesmo referente que é o planeta. Assim, percebemos que são estabelecidas diferentes representações simbólicas para conceber o real. Em outras palavras, para constituir uma referência é necessário percorrermos os caminhos dos sentidos.

Dessa maneira, podemos observar que o sentido e a referência são distintos, cada um assinala algo diferente. Segundo Frege (1978), a linguagem não dá conta de representar o mundo, mas ela consegue estabelecer uma representação simbólica com o real, pois a linguagem é do plano simbólico. Por exemplo, *unicórnio*, não existe no mundo, ou seja, não possui uma referência no mundo 'real', entretanto existe no mundo da 'imaginação' e, portanto, tem sentido, pois significa para as pessoas. Como podemos observar na figura 3, abaixo.

Figura 3 Semas referente ao Unicórnio



Fonte: Arquivo da autora.

Para o autor, *senal* ou *nome* é entendido como sendo a designação que representa um *nome próprio* (nome, substantivo), e a sua referência é o objeto que este determina. Inclusive, Frege (1978) reitera que o próprio objeto pode consistir em outras palavras ou até em outros sinais, mas o autor chama apenas de *nome próprio*. Igualmente, o *sentido* do nome próprio é entendido por aqueles que compartilham da mesma língua, ou pela familiaridade com a linguagem, ou até pelas diferentes designações a que o nome pertença, e este último, já expõe a *referência*. Segundo Frege:

A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal. O mesmo sentido tem expressões diferentes em diferentes linguagens, ou até na mesma linguagem (Frege, 1978, p. 63).

Para elucidar esses pontos, o autor afirma que nem sempre um sinal, nome ou expressão terão uma referência, apesar de terem um sentido. Ele demonstra esse fato, com um exemplo, no qual afirma haver um corpo celeste que é o mais distante da Terra, com essa afirmação Frege (1978) demonstra que este *corpo celeste* possui sentido, entretanto não possui referência.

Frege (1978), também faz uma distinção entre o discurso direto e o discurso indireto, principalmente, direcionada à questão da referência. Segundo o autor, no discurso direto somente as palavras de quem é citado pelo locutor durante a alocação possuem referência. Já no discurso indireto, as palavras referem-se mais usualmente ao seu sentido, e assim, elas são usadas *indiretamente*, de modo que a referência consequentemente também é *indireta*.

Nesta acepção, o autor também reitera a importância de que sentido e referência devem ser distinguidos da *representação* associada aos sinais. Isto porque, segundo Frege (1978), enquanto a referência de um sinal, necessariamente, é um objeto perceptível, a *representação* está diretamente ligada à imagem interna que o interlocutor terá deste objeto. Pois, a representação é imersa em lembranças e impressões do passado, bem como de todas as vivências que o interlocutor realizou, de modo que estará envolto em emoções e sentimentos, e certamente não haverá clareza em sua definição, principalmente porque a representação é subjetiva e deve ser vinculada ao seu contexto.

Cabe destacar que a questão da *referência* sempre foi um assunto de grande interesse desde a antiguidade, principalmente para intelectuais, estudiosos e pensadores. Frege (1978) também elenca essa questão, para o autor a referência é uma preocupação

do falante, porque sempre é necessário que o signo, o nome, e, principalmente, as sentenças tenham uma referência. Segundo Frege (1978), isso ocorre porque é preciso considerar o *valor de verdade* da sentença, de modo que é a busca pela verdade que guia o caminho do *sentido* para a *referência*.

Corroborando com Frege (1978), o filósofo Searle (1984) também se indagava sobre as questões de sentido e referência, sobre como o homem representa o mundo para si mesmo:

Como (...) pode ser possível que o Mundo contenha apenas partículas físicas inconscientes e, no entanto, que contenha também consciência? Como pode o Universo mecânico conter seres humanos intencionalistas – isto é, seres humanos que podem **representar o Mundo** para si mesmos? Como, em suma, pode um mundo essencialmente sem significado conter significados? (Searle, 1984, p.17-18).

A resposta a esta indagação de Searle (1984) é que o significado não está no mundo, o significado está na língua, nos valores que atribuímos ao mundo. Como é possível conceptualizar / valorar o mundo. Por exemplo, *Papai Noel* e *Natal* não estão no mundo, eles estão na língua, ou seja, o significado é o *produto* de uma operação mental do homem em relação ao mundo.

Frege (1978) também faz esse movimento de separar *sentido* e *referência* e, quando o autor os separa, ele observa que é possível haver um *sentido* sem que haja uma *referência*. Logo, com base nessa aceção é possível falar de *coisas / objetos* que não necessariamente tenham uma referência concreta no mundo.

Cabe destacar que, Frege (1978) ainda possui uma limitação em sua abordagem quando ele afirma que o significado é um *valor de verdade*, mas o autor já apresenta uma distinção entre *sentido* e *referência*, ou seja, Frege (1978) já admite uma distinção entre o interior e o exterior linguístico. Em outras palavras, significa dizer que o autor já admitia que não poderia haver sentido sem que existisse referência. Deste modo, o plano da língua (linguagem verbal) não coincide de maneira direta e objetiva com o plano das realidades físicas, com o plano do mundo concreto, real, pois o *plano da língua* (plano da linguagem verbal) é o do *sentido*, enquanto que o *plano do mundo* (plano das coisas concretas, das coisas reais) é o da *referência* ou dos *referentes*. Dessa forma, com base na distinção feita por Frege (1978) entre o interior e o exterior linguístico, podemos deliberar que a referência ou o referente estão no mundo, no objeto do mundo, enquanto o sentido está no âmbito da linguagem verbal.

Assim, encontramos esta diferença entre interior e exterior linguístico quando afirmamos que Frege (1978) reconhece a diferença entre sentido e referência, pois o sentido está na língua, já a referência é a relação da língua com o mundo, ou seja, o referente está no mundo. Entretanto, é preciso observar que o referente, ele mesmo não cabe na língua, são planos diferentes, se trata de uma questão semiotizada, uma questão simbólica. Isto porque a intenção não está no mundo e sim no homem, ou seja, está na língua. Portanto, precisamos abandonar a perspectiva de que a língua seja um espelho do mundo, um decalque do mundo.

Retomada a citação de Searle (1984), sobre o mundo das partículas físicas, o mundo sem intenção, o que se pode depreender dessas indagações é que a intenção não está no mundo, mas sim no homem. Quando afirmamos que a intenção está no homem, reiteramos que está na língua. Benveniste (2005), já afirmava isso em seus escritos, “que o homem está na língua”. O homem conhece o mundo “na e pela linguagem”.

Assim, quando afirmamos que Frege (1978) trabalha com sentido e referência implica que há o plano da linguagem verbal e o plano das coisas concretas / das coisas reais. A referência ou o referente encontra-se no mundo e pode ser comparado ao objeto do mundo, ao mesmo tempo que o sentido é apreendido no âmbito da linguagem, todavia o autor ainda observa essa relação de sentido, aferindo o significado como valor de verdade. Esta última ainda é a parte restritiva do autor, porém é preciso respeitar essa restrição, Frege (1978) é um lógico, ainda assim ele não deixa de avançar um passo, mérito que outros autores não conseguiram atingir. Já sabemos da existência desses dois planos, um das coisas do mundo (referente) e o outro da linguagem verbal (sentido) e que estes dois não se recobrem. Frege (1978), como matemático e lógico que é, tenta resolver essa questão por meio de uma *notação formal*.

Em contraposição com as ideias de Frege (1978), Ferdinand de Saussure (2012) afirma que na verdade o que existe é um *signo linguístico*, e que esse *signo linguístico* tem por característica ser arbitrário. Em outras palavras, isto quer dizer que, se o signo linguístico é arbitrário, ele não se liga a referentes no mundo e nem está vinculado a eles, pois a língua é da ordem do simbólico, ou seja, a língua é uma experiência semiotizada do real, da realidade.

Para Saussure (2012), o lugar da língua é nos fatos humanos, ou seja, no simbólico, o autor afirma que “A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é” (Saussure, 2012, p. 23). Isto ocorre porque *a língua constitui uma instituição social*, mas

ela se distingue das demais por possuir uma natureza peculiar. E nesse sentido cabe destacar que, a língua é *um sistema de signos que exprimem ideias*, podendo ser comparado *à escrita* ou *aos ritos simbólicos*, por exemplo, em outras palavras podemos afirmar que através destes signos comunicamos o mundo que nos cerca, Saussure (2012, p. 24) salienta que a língua “é apenas o principal desses sistemas”, com isso, o autor postula o signo verbal.

Frege (1978) logrou um passo adiante em relação aos pensadores gregos, pois o autor conseguiu separar sentido e referência, embora tenha mantido o valor de verdade, compreensível pelo fato de ser um lógico / matemático. Enquanto Saussure (2012), como linguista soube lançar um olhar mais apurado sobre esse assunto, instaurando-o nos fatos humanos, na semiologia, pois o lugar da língua nos fatos humanos é do simbólico. Questão que pode ser comprovada por Saussure (2012) quando ele afirma que o signo é arbitrário e conseqüentemente não haverá outra relação entre o significante e o significado, do que esta relação de arbitrariedade.

Cabe acrescentar que Saussure (2012), já pretendia criar uma ciência que estudasse os signos e a nomeou de *Semiologia*, palavra que vem do grego, *sēmeion* que significa *signo*. A *Semiologia* faria parte da Psicologia social e seria responsável pelo ensino sobre o que seriam os signos, e também quais as leis que os regeriam. Assim, segundo Saussure (2012, p. 24), cabe ao linguista “a tarefa de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos”. Para o linguista genebrino, a língua deve ser estudada por si mesma, a língua pela língua.

Assim, conforme o autor,

(...) o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico, e todos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a este fato importante. Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (...). Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência (Saussure, 2012, p. 25).

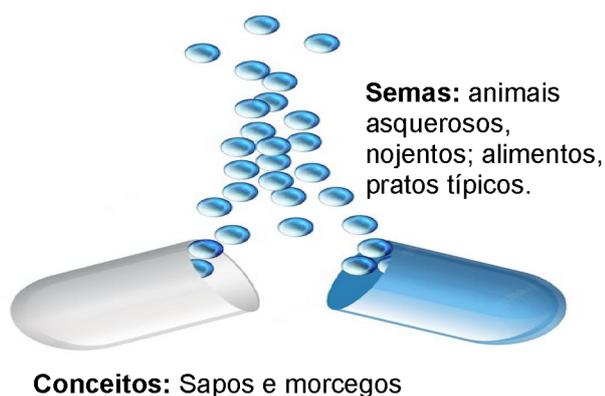
Observando as palavras de Saussure (2012), podemos perceber que a língua é, antes de tudo, uma questão simbólica. Neste sentido, se o problema linguístico é semiológico e, a semiologia nada mais é do que a ciência que estuda os signos, isto significa dizer que estamos lidando com o simbólico. Neste contexto, a língua representa o mundo de maneira simbólica e semiotizada, pois não olhamos para o mundo, mas para

a língua. E mais especificamente falando do *signo linguístico*, este é de natureza arbitrária, pois *o laço que une o significante ao significado é arbitrário*, logo um *signo é tudo o que o outro não é*.

Para Frege (1978) existe sentido e referência, o autor ainda mantém a necessidade de que existam referentes no mundo. Já Saussure (2012), abandona essa teoria, ele afirma que o mundo é um sistema de signos, em que um signo é tudo o que o outro não é. Assim, a referência da língua não é o mundo, nem os objetos ou os referentes, mas sim uma experiência simbólica, de linguagem, com esses referentes. De modo que a referência da língua é a própria língua, isto porque um signo é tudo o que o outro não é. Em outras palavras, a língua aponta para a própria língua, não aponta para o mundo. Uma parte do signo linguístico é esta, a do significado e a outra, a do significante. Portanto, Saussure (2012) abandona de vez a questão da referência como algo direto.

Por exemplo, *sapos* e *morcegos* não estão no mundo simplesmente, eles são recortes de uma construção de significação conceptual operada pelas pessoas em relação às coisas do mundo. Pois, a pessoa pode olhar para *sapos* e *morcegos* e dizer que são animais, também pode dizer que são animais asquerosos, nojentos, ou pode dizer que são alimentos com os quais se prepara pratos típicos, dependendo da cultura na qual estiver inserida. Como podemos observar abaixo na figura 4.

Figura 4 Semas de sapos e morcegos



Fonte: Arquivo da autora.

Para Marcuschi (2005), a questão não é a coisa em si, não é a essência, mas como o mundo se dá a conhecer para as pessoas. Já Saussure (2012), quando afirma que um signo é tudo o que o outro não é, quer deixar claro que para sabermos o que é uma unidade, não podemos olhar para o mundo, mas sim para a língua. Inclusive a

categorização, quando categorizamos as coisas do mundo, essa organização da experiência está na língua e não no mundo.

Quando se fala de referência em Saussure (2012), não se fala de maneira direta, pois referência para este autor é falar de signo linguístico, ou seja, ele aborda a referência de outra maneira. A questão da referência não é uma relação direta com o mundo, pois a língua e o seu referente no mundo não possuem nada em comum. Eles são planos distintos, pois o mundo não cabe na língua, ele é grande demais para caber numa caixinha nomeada.

Frege (1978) e Crátilo ainda trazem essa discussão sobre a referência de modo muito explícito. Entretanto, Frege (1978) já separa um pouco essas questões quando fala de sentido e referência. Mas é Saussure (2012) que fará o corte do “cordão umbilical” com a questão da referência quando afirma que língua e mundo são diferentes, são planos distintos, pois o mundo não cabe na língua.

Para Saussure (2012), a língua é um sistema de signos que repousa numa natureza negativa, ela “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (Saussure, 2012, p. 23). Desse modo, o *signo linguístico* une dois elementos distintos, um *conceito* e uma *imagem acústica*, em outras palavras, são respectivamente o *significado* e o *significante*. A partir dessas definições, Saussure (2012) apresenta o princípio da *arbitrariedade* do signo linguístico. Para o autor, o *significante* (imagem acústica) é arbitrário em relação ao seu *significado* (conceito), porque os dois não possuem nenhuma afinidade ou analogia que os una.

Em relação à mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico, é pertinente destacar que o signo sofre as pressões do uso e nesse sentido, o significado ou o significante podem mudar ao longo do tempo. Essa mudança só é possível com o uso da fala (*parole*), que é a parte individual, e a qual imprime, aos poucos e diacronicamente, as mudanças através das pressões sociais que comandam esse sistema que atua em função do tempo.

Quanto à imutabilidade, observa-se que o significante é imposto à comunidade linguística, ou seja, a língua é uma herança da época que a precedeu, ela é sempre produto de fatores históricos. Bem como, a questão da inércia coletiva frente às mudanças linguísticas, a qual é uma questão determinante para consolidar as permanências, conservar as singularidades da língua. No mesmo sentido, o tempo é um dos fatores que consolidam as permanências na língua, também é exatamente ele que

possui a capacidade de alterar os signos linguísticos, cooperando, assim, também na mutabilidade dos signos, ou seja, é uma das consequências do princípio da arbitrariedade dos signos.

Em relação à questão da mudança dos signos linguísticos no tempo ou de sua permanência, quero compartilhar um exemplo do idioma Pomerano. Quando os primeiros imigrantes vieram ao Brasil ainda não haviam inventado o avião, mas já havia o dirigível (ou balões dirigíveis) que eles chamavam de “luftschiff” (navio do ar). Como não havia outro significante, continuaram chamando os aviões dessa forma, por associação ao significado. E para outros significados, nativos da região, eles adotaram o significante local, por exemplo, a fruta “banana”, eles poderiam ter renomeado, mas preferiram adotar a convenção social que já existia.

Conforme Basílio (2010), o valor passou a existir pela oposição que os signos estabelecem entre si. Assim, pode-se observar que é o aspecto diferencial dos valores, os quais se balizam mutuamente que criam o sistema. Nesse sentido, a língua repousa sobre diferenças e esse aspecto diferencial do valor é regido pelo princípio da arbitrariedade.

Saussure (2012) traz dois princípios ao *valor*: a diferença e a semelhança. Isso porque não existe um valor previamente estabelecido, entretanto ele nasce da presença de outros valores, ou seja, um valor é aquilo que o outro não é. Por exemplo, o *vinho* só é *vinho* se comparado com *cerveja, vodka ou gin*, pois se opõe a esses signos, apesar de compartilharem da semelhança de serem bebidas. Como podemos observar na figura 5:

Figura 5 Princípio da arbitrariedade do Valor

VALOR (Princípio da arbitrariedade)		
Exemplo	DIFERENÇA	SEMELHANÇA
Vinho	Cerveja, vodka, gin	Bebidas

Fonte: Arquivo da autora.

Ainda, Basílio (2010, p. 6) afirma que, “além do aspecto diferencial e arbitrário dos valores, esse esquema também introduz a negatividade presente no sistema saussuriano”. Para ilustrar a ideia da negatividade, Saussure (2012) usou da metáfora do jogo do xadrez, no qual uma peça não adquire o seu valor em função da composição do material do qual é feito: metal, madeira, vidro, mas sim, do papel que desempenha no jogo. Assim, para o autor, *na língua só existem diferenças, sem termos positivos*, em

outras palavras, um termo é exatamente o que o outro termo não é. Como podemos observar nas palavras do autor:

Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação (Saussure, 2012, p. 139).

Cabe dizer que o negativo da língua se refere ao significado e ao significante vistos separadamente. Já quando se observa o signo em sua totalidade, este será tomado como positivo em sua ordem, ou seja, torna-se necessário manter um paralelismo *entre estas duas ordens de diferenças*, o significado e o significante. Lembrando que o significado não está no objeto, mas no processamento mental.

Desde o início do capítulo, estamos falando da questão da referência, como essa questão é vista em Saussure (2012) e, percebemos que o autor não fala mais em referente, pois ele já eliminou esse princípio em sua obra quando apresenta o caráter semiológico da linguagem (língua), para o autor o lugar da língua é nos fatos humanos, na semiologia. Com esse movimento Saussure (2012) se desloca de Frege (1978) e vai dar um passo além para nos fazer refletir e questionar a discussão anteriormente apontada em Crátilo, sobre a natureza e a convenção. A questão da convenção, em Crátilo, é transposta em Saussure (2012) como arbitrariedade. Esta em Saussure (2012), é dividida em dois tipos: a *arbitrariedade entre o significante e o significado*, ou seja, as duas partes do signo linguístico; e a arbitrariedade do signo, ele todo em relação àquilo ao que ele se vincularia no mundo, *do signo em relação ao seu referente*.

Complementando essa fala de Saussure (2012), Ingedore Koch afirma que,

(...) a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem sócio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos -socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos-, situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (Koch, 2004, p. 56 - 57).

A partir dessa fala, podemos concluir que a língua é viva e se reconstrói dentro das cenas enunciativas, nas quais necessariamente o componente social é um dos fatores

mais importantes deste processo. Nesse sentido, a língua/ linguagem é uma das práticas interativas mais significativas no meio social e cultural, pois visa as mudanças sociais profundas na vida dos grupos culturais envolvidos.

Neste sentido, Marcuschi (2005) afirma que as coisas como as comunicamos no mundo são fruto de vivências *sobre* o mundo, juntamente com as interações desenvolvidas com a cultura que cerca o indivíduo e com a cultura em que está inserido. Assim, por exemplo, uma cadeira, somente é nomeada como, e “vista” como uma cadeira, pela convenção dada pelas culturas e sociedades que a significam desta forma.

Partindo da questão da referência e chegando aos *processos de referenciação*, chegamos às autoras, Mondada e Dubois (2015), que discutem esses processos e chegam aos *objetos de discurso*. Para as autoras, os objetos de discurso são socialmente construídos e culturalmente estabelecidos. Conforme podemos observar em suas palavras:

(...) os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo.

(...) as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Nesse caso, as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação.

Existem, todavia, práticas que exercem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipos e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência do discurso, ou no recurso às técnicas de inscrição como a escrita ou as visualizações (Mondada; Dubois, 2015, p.17).

Assim, como podemos observar na citação acima, as autoras afirmam que o significado não é fechado, muito pelo contrário, ele vai sendo negociado, socioculturalmente construído. Somente dessa maneira é possível ter acesso à realidade e, assim, ao conhecimento.

As autoras afirmam que existem muitas teorias da linguagem para dizer como a língua refere o mundo, várias delas ressaltam uma relação de correspondência entre a linguagem e as coisas, inclusive corroboram com a metáfora do espelho, a qual acredita que a língua reflete o mundo, teorias estas muito conhecidas na linguística. Entretanto as autoras defendem outra concepção que é a da linguística cognitiva, a qual compreende a gramática como sendo espacial e motivada iconicamente, para fundamentar a sua compreensão dos princípios cognitivos.

Outra questão, abordada pelas autoras, é sobre a hipótese compartilhada entre muitas teorias linguísticas, de que a linguagem possui um poder referencial, o qual era

legitimado, pela crença em haver uma ligação direta entre as palavras e as coisas. Esta hipótese, discutida desde Crátilo, foi reatualizada pela ciência cognitiva, apesar de encontrarem muitas dificuldades no caminho.

De acordo com as autoras:

(...) as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação (Mondada; Dubois, 2015, p.17).

Como podemos observar acima, segundo as autoras, é muito difícil *mapear* o mundo, do mesmo modo, não há como a linguagem se adequar ou corresponder exatamente ao mundo. Ela é autônoma, e nesse sentido, é difícil encapsular as representações linguísticas sobre os objetos já existentes anteriormente no mundo.

A *referenciação* é um processo dinâmico e está em constante processo de atualização, como afirmamos anteriormente, os significados não são fechados, mas negociados. Nessa perspectiva, para as autoras, é partindo da instabilidade da qual as categorias se constituem que se dá a referenciação. Assim, o mais importante não é como ocorre a transmissão das informações sobre o mundo, mas investigar “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo” (Mondada; Dubois, 2015, p. 20). Logo, tanto a *referenciação* como a categorização são advindas de práticas simbólicas.

Corroborando com essas asserções, para Marcuschi (2003), a referenciação, juntamente com a inferenciação e a categorização, são processos construídos essencialmente em atividades discursivas. Segundo o autor, “trata-se dos três processos básicos que permitem toda a reflexão humana e a análise do próprio pensamento no âmago da linguagem” (Marcuschi, 2003, p. 245). Nesse sentido, tudo o que é dito é discursivamente construído, e conseqüentemente, a maior parte dos referentes são *objetos de discurso*. Assim:

O processo de referenciação se constrói discursivamente de maneira progressiva até a identificação de algo. É nesse processo que dois indivíduos, ao interagirem linguisticamente, chegam a saber do que estão falando e como estão construindo seus referentes (Marcuschi, 2003, p. 257).

A referenciação está diretamente ligada ao fato de que o processo cognitivo possui uma dimensão social, na qual, a busca pela referência se efetiva a partir da categorização

das coisas do mundo pelo homem no interior de suas práticas languageiras, as quais são sócio historicamente situadas dentro de cada cultura.

Para Marcuschi (2003, p. 259), “a referenciação é uma ação interativa, construtiva e não representacional, possivelmente componencial, que fornece pistas de acesso para elaboração de sentidos”. Em outras palavras, a compreensão é possível porque os indivíduos envolvidos na interação social compartilham da mesma cultura, conhecimento de mundo e competências cognitivas similares de modo que o discurso esteja apto a produzir efeitos de sentido. De modo que, o processo de referenciação traz consigo uma visão de linguagem como prática discursiva, social e cognitiva em que questões como interação, cultura, experiência e aspectos situacionais demarcam a busca de referência.

Nesta perspectiva, o sujeito é sociocognitivo, constrói o mundo negociando os seus significados socioculturalmente. Segundo Mondada e Dubois (2015, p. 20), “este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias - notadamente às categorias manifestadas no discurso”. Corroborando com estes pontos, para as autoras, a questão da referência pode ser analisada através dos *objetos de discurso* e de *categorização*. Razão pela qual os discursos são impregnados de construções simbólicas ancoradas na linguagem, de modo que:

Estas abordagens linguísticas e psicológicas estão estreitamente imbricadas, na medida em que todas duas são concernentes às práticas e aos discursos; elas devem, todavia, ser diferenciadas a fim de evitar uma redução de um nível a outro. O fundamento comum de nossas abordagens é a importância concedida à dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, responsável pela produção da ilusão de um mundo objetivo (da objetividade do mundo), “pronto” para ser percebido cognitivamente pelos indivíduos racionais (Mondada; Dubois, 2015, p. 21).

Podemos observar que a categorização lida com a instabilidade e a variação, de modo que os objetos de discurso são inseparáveis desta instabilidade, pois são eles, os objetos de discurso juntamente com a categorização, o cerne dos processos de referenciação. Em outras palavras, os objetos de discurso e as categorias pelas quais os sujeitos compreendem o mundo são construídos discursivamente e transformados de acordo com o contexto.

Neste sentido, segundo Koch (2004, p. 57), (...) a referência é entendida “como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos de discurso* e não como *objetos do mundo*”.

2. Semântica cognitiva: a teoria dos espaços mentais

Any reasoning you do using a concept requires that the neural structures of the brain carry out that reasoning. Accordingly, the architecture of your brain's neural networks determines what concepts you have and hence the kind of reasoning you can do. (Lakoff; Johnson, 1999, p.16)⁴.

Após problematizar a questão da categorização, e por consequência da referência, na seção anterior, esta seção se propõe a estabelecer a abordagem semântica do estudo em questão. Portanto, a análise proposta é desenvolvida com base na premissa de que as investigações semânticas estão relacionadas ao significado, enquanto investigações de natureza discursiva estão mais vinculadas ao estudo do sentido⁵. Este recorte teórico está amparado, inicialmente, nas considerações de Oswald Ducrot (1977, p. 239-24), para quem “Filósofos, linguistas e lógicos insistiram frequentemente sobre a necessidade de distinguir o REFERENTE de um signo de seu SIGNIFICADO (ou sentido)”.

Nessa direção, o autor acaba precisando estabelecer uma distinção para a ocorrência dos signos, que podem se dar como *sign-type*, que seria *o signo considerado em si mesmo, independentemente do fato de ser ou não utilizado* (Ducrot, 1977, p. 240). Essa restrição comportaria uma noção semântica, e portanto do significado do signo, enquanto *sign-token* seria uma ocorrência específica, considerados índices de pessoa, tempo e espaço, portanto, aquilo que este estudo considera como sentido, uma vez que opera com um funcionamento mais discursivo, já que se trata de uma ocorrência discursivamente indexada. Nas palavras de Ducrot,

(...) o signo, tomado em si mesmo, não tem geralmente referente determinável. (...) É apenas, salvo exceções, a ocorrência de um signo que tem valor referencial, seu emprego por um locutor determinado em circunstâncias determinadas. Quanto ao próprio signo, só se pode reconhecer-lhe um “sentido”. O que é agora compreender o sentido de um signo? É possuir um método para determinar, em cada ocorrência desse signo, a que refere essa ocorrência (...). Vê-se a semelhança entre essa definição do sentido como o modo de determinação do referente e a definição saussureana do significado, que considera este como um conjunto de traços distintivos, ou seja, finalmente, como o sistema de critérios retidos pela língua para

4 Tradução: Qualquer raciocínio que você faça usando um conceito requer que as estruturas neurais do cérebro executem esse raciocínio. Consequentemente, a arquitetura das redes neurais do seu cérebro determina quais conceitos você tem e, portanto, o tipo de raciocínio que você pode fazer (Lakoff; Johnson, 1999, p.18).

5 Exceção aberta às considerações em Lógica, como a desenvolvida por Gottlob Frege, no célebre artigo Sobre o sentido e a referência (1978), em que desenvolve um estudo de natureza lógica em relação à problemática da referência, e utiliza os conceitos de Referente (que é aquilo de que se fala), Significado (que é um valor de verdade) e Sentido (que é o modo de apresentação de um objeto). Seguramente que a noção de sentido no estudo do autor não pode ser considerada de natureza discursiva, mas também a questão do significado não é vista de um ponto de vista semântico, e sim lógico, por isso é um valor de verdade, e não um conjunto de semas discricionais e/ou opositivos.

reconhecer determinado tipo de objetos entre todos os seres da realidade (Ducrot, 1977, p. 240).

Como a citação utiliza as palavras objeto e realidade, cabe fazermos algumas considerações quanto a ela, porque possibilita inferir que o referente de um signo, no Curso de Linguística Geral, seja um objeto no mundo, quando o próprio texto afirma que um signo é tudo que o outro não é e que a referência da língua é a própria língua. A noção de signo deve ser compreendida no seu aspecto simbólico, semiológico, como apresentado e desenvolvido na seção anterior deste estudo. Para enfatizar, partimos da perspectiva de que os estudos em Semântica se dão sempre a partir da investigação do significado.

A questão que se apresenta é que o estudo do significado pode estar relacionado com efeitos de sentido, ou seja, pode estar relacionado com aspectos discursivos envolvidos na constituição do significado.

Os estudos na semântica cognitiva relativos à significação fazem uma relação entre a língua(gem) e o mundo, ou seja, o que é pensado e o que é falado está diretamente ligado à natureza da representação. Podemos também, afirmar que a questão está relacionada à problemática da referência, que é exatamente a relação entre a linguagem e as coisas do mundo, como tratado no capítulo anterior. Assim, a significação é construída por meio de experiências cognitivas, corporificadas e sócio historicamente situadas. Logo, a semântica cognitiva se opõe às considerações clássicas relativas à problemática da referência, bem como à concepção de significado, pois a referência da língua é a própria língua, se considerarmos a natureza semiológica da linguagem.

Neste sentido, podemos entender o questionamento de Marcuschi (2003, p. 239) a respeito das coisas do mundo, que indaga “como é que uma coisa chega a ser *uma coisa* do modo como nós a apreendemos? O certo é que raramente nos fazemos essa pergunta “porque pensamos que a unidade vem da própria coisa e não de um trabalho mental”. Por exemplo, quando vemos uma taça de champagne como sendo *uma coisa* é resultado de um processo mental que recorta, discretiza, a unidade a partir de uma experiência com o exterior linguístico. Essa perspectiva confirma o já mencionado acima, que somos seres cognitivos que experienciamos o mundo, via mente corporificada e sócio historicamente situada.

Segundo Fiorin (2007), a linguagem categoriza as coisas do mundo, e essa categorização é organizada a partir das experiências das mentes corporificadas. O que pode ser evidenciado pelo fato da linguagem se tratar de uma atividade simbólica, essas

experiências necessariamente precisam fazer sentido, elas devem ser significativas para a sociedade, processo que ocorre através da categorização. Para o autor,

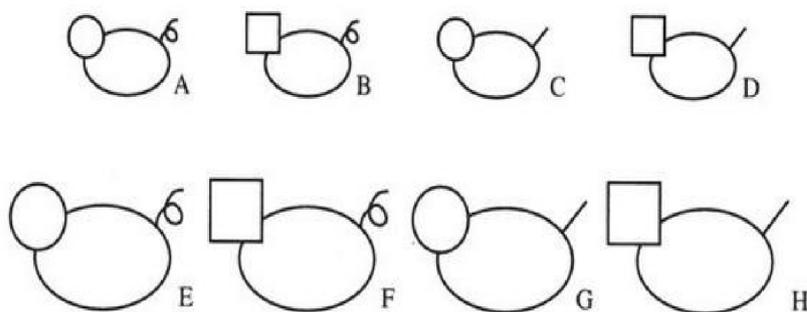
A atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de pôr do sol. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe pôr do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta a todos nós. Uma nova realidade, uma nova invenção, uma nova ideia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência. Apagar uma coisa no computador é uma atividade diferente de apagar o que foi escrito a lápis, à máquina ou à caneta. Por isso, surge uma nova palavra para designar essa nova realidade, *deletar*. No entanto, se essa nova palavra não existisse, não se perceberia a atividade de apagar no computador como uma coisa diferente (Fiorin, 2007, p. 56).

Observando as palavras do autor, podemos concluir que as mudanças ocorridas na língua interferem diretamente na forma de organizar e categorizar as coisas do mundo. Essas mudanças ocorrem de várias maneiras, como por exemplo, com a criação de novas tecnologias, dentro de grupos de falantes jovens, regiões diferentes, entre outros fatores, mas a questão principal é que a conceptualização passa por uma construção de natureza cognitiva, social e histórica, desenvolvida dentro dos espaços mentais, ou mais especificamente, numa mente corporificada sócio historicamente situada. Logo, a linguagem dentro deste contexto é um sistema simbólico, a linguagem é uma atividade de construção, de ordem cognitiva e semiotizada.

Assim, quando se fala em categorização, esta pode ser considerada como um princípio organizacional, como percepções mais gerais que expressam as diferentes relações que podem ser feitas entre as coisas, como se fosse um princípio de associação. Por exemplo, uma cadeira só é uma cadeira se comparada a outra cadeira, ou a uma poltrona, ou um estofado ou um sofá, e há entre elas semelhanças e diferenças, que para Wittgenstein (1991 [1953]), podem ser comparadas a semelhanças de família.

Por falarmos em semelhanças de família, Fiorin (2007) em seu texto também traz um exemplo significativo que abrange essa questão. Cabe mencionar que as relações de categorização andam de mão dadas com as semelhanças de família e, portanto, o exemplo abarca as duas concepções, como podemos observar na figura abaixo que, hipoteticamente, representa oito animais diferentes:

Figura 6 Representação imagética de oito animais diferentes

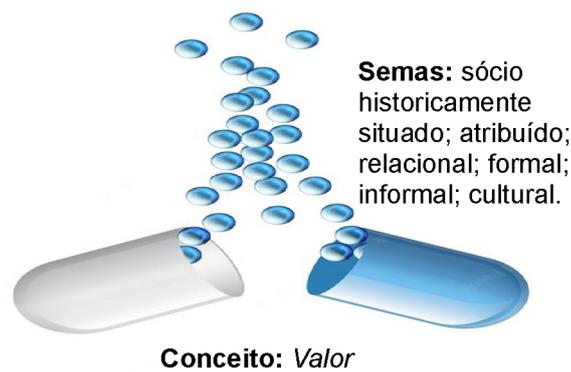


Fonte: Fiorin, 2007, p. 57

Neste exemplo de Fiorin (2007), é possível observamos oito tipos diferentes de figuras, e cada uma delas possui alguma característica em comum com outra figura, entretanto elas não são idênticas, portanto há nelas o que Wittgenstein (1991 [1953]) chama de semelhanças de família. No mesmo sentido, estas oito figuras também podem ser categorizadas de inúmeras formas diferentes, conforme a abstração de cada grupo social que teve contato com uma ou mais destas figuras ou animais, como no exemplo. De modo que a categorização se deve às diferentes experiências que foram desencadeadas a partir do contato entre elas. Para Fiorin (2007, p. 56), “As palavras formam um sistema autônomo que independe do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa”, ou seja, cada grupo social significa as coisas do mundo de acordo com a sua prática, seu conhecimentos sobre as coisas do mundo.

A essa problemática também está relacionada a questão do *valor*, este é sócio historicamente situado, sempre de acordo com os parâmetros da cultura na qual os indivíduos estão inseridos. Esse valor que é atribuído não está nas coisas, mas na maneira como elas são vistas. Lembrando, há duas formas de valor, de valor relacional, pode-se dizer assim. Um valor relacional para o aspecto formal da língua, e é esse valor que Saussure (2012) aborda em sua obra, um signo é tudo o que o outro não é, porque se relaciona no sistema. Como por exemplo, podemos substituir uma peça perdida de um jogo por uma tampa de refrigerante, em que a tampa de refrigerante deixa de ter essa função e passa a funcionar como uma peça dentro do jogo. Como podemos observar abaixo na figura 7:

Figura 7 Semas referentes ao conceito de Valor



Fonte: Arquivo da autora.

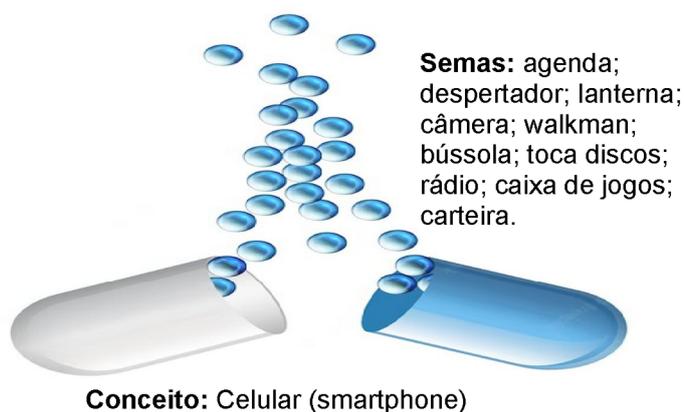
Outro exemplo que funciona para este *valor*, é a própria língua Portuguesa, a qual possui vários morfemas para marcar número e pessoa nos verbos; ou quando realizamos o sujeito, podemos preencher com o \emptyset (vazio) o número e a pessoa (eu canto, tu canta (\emptyset), ele canta (\emptyset), nós canta (\emptyset), eles canta (\emptyset)). Os falantes não irão realizar aqueles morfemas (número e pessoa), porque estes se tornam redundantes, pois o sujeito já está marcado, de modo que, com o sujeito marcado, pode-se tornar vazio este morfema de número e pessoa, pois a duas possibilidades de marcá-lo. Isto é *valor* do ponto de vista formal.

A outra noção de valor ocorre quando abordamos a questão da mente corporificada sócio historicamente situada. Por exemplo, o título da obra de Lakoff (1987), *Mulheres, fogo e coisa perigosas*, três unidades diferentes estão numa mesma categoria da língua aborígene Dyirbal da Austrália, mas o que faz com que isso seja possível é a valoração relacionada às semelhanças, de acordo com a linguagem deles. Entretanto, em outras culturas, a aceitação desta valoração vai depender do ponto de vista de cada pessoa. Assim, essa aproximação pode parecer engraçada ou interessante, para algumas mulheres, mas para outras, essa categorização pode ter um tom depreciativo, machista, ou seja, o valor depende das experiências que cada mente corporificada possui com o mundo que a cerca, pois é sócio historicamente situado.

Neste sentido, a categorização nada mais é que atribuir significação às coisas do mundo pela linguagem, é organizar e interpretar as coisas através da língua. Logo é possível também recategorizar as coisas, como a tampa do refrigerante que vira uma peça de jogo de tabuleiro. Seguindo essa lógica, podemos observar, por exemplo, a mudança de significação do celular, pois inicialmente, quando surgiu, a sua principal

função era fazer chamadas de voz móveis, ou seja, era a mesma função de um telefone de linha, mas atualmente a sua função mudou extremamente, passando a incorporar funções desenvolvidas anteriormente por, pelo menos, uns dez tipos de aparelhos diferentes, como agenda, despertador, lanterna, câmera, walkman, bússola, toca discos, rádio, caixa de jogos, carteira, etc, ou seja, ocorreu uma transformação na forma de organizar as coisas do mundo, houve uma recategorização. Como podemos observar na figura abaixo.

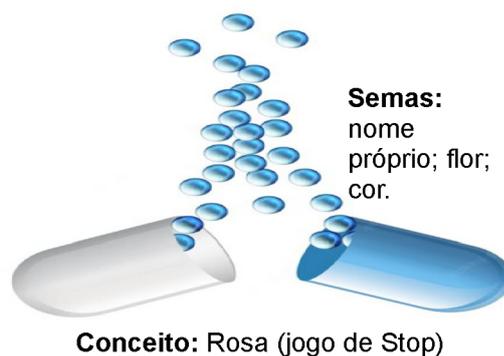
Figura 8 Semas referentes ao conceito de Celular (smartphone)



Fonte: Arquivo da autora.

Assim, as coisas do mundo somente serão unidades de valor pela sua relação com outras coisas e de acordo com as suas diferenças ou semelhanças. Para tanto, o valor das coisas será regido pelo princípio de classificação pessoal de cada indivíduo ou de um grupo de indivíduos, de modo que uma coisa somente é uma coisa dentro das categorias. Por exemplo, no jogo de *Stop*, os jogadores poderão utilizar a unidade rosa para as categorias nome próprio, flor e cor, isto quer dizer que, paradigmaticamente podemos afirmar que Rosa está numa relação com Maria, com tulipa e com amarelo. Assim, a relação paradigmática de rosa com Maria, com tulipa e com amarelo, necessariamente, está relacionada a qual categoria cada unidade se refere, ou seja, essas relações são todas de categorização. Em outras palavras, essas relações de categorização são relações de hiperonímia e hiponímia, ou conforme Badaracco (2016), são relações superordenadas ou subordinadas. Como podemos observar na figura 9, abaixo.

Figura 9 Semas do conceito Rosa (no jogo de Stop)



Fonte: Arquivo da autora.

Observando a figura acima, percebemos que um único termo pode designar vários conceitos diferentes, de acordo com a categoria correspondente. Corroborando com essa questão, Fiorin (2007) afirma que a sociedade não se utiliza da linguagem apenas para nomear e significar as coisas, mas também para criar coisas e mundos não existentes, pois na linguagem não há o impossível,

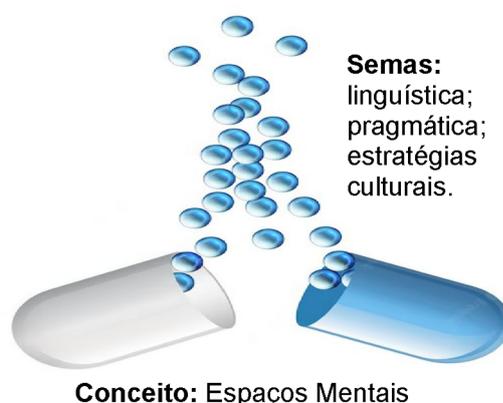
No léxico de uma língua, agrupamos nomes em classes. *Violeta, rosa, margarida* pertencem à classe das flores. Mostrar uma margarida não exprimiria a classe *flor*. Exibir um objeto não exprime as categorias gramaticais, como a do singular ou do plural. A língua não é um sistema de mostraçãõ de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou ausentes da situação de comunicação. Aliás, o objeto nem precisa existir, para que falemos dele, pois a língua pode criar universos de coisas inexistentes (Fiorin, 2007, p.56).

Com isso, podemos observar que a língua expressa bem mais do que um objeto designa, as propriedades das coisas não estão intrínsecas na linguagem, mas são o resultado de uma construção de natureza social e cognitiva.

E por falar em natureza social e cognitiva, cabe destacarmos que a versão pública do mundo é sócio historicamente situada, mais especificamente, é uma mente corporificada e sócio historicamente situada que significa as coisas do mundo. Assim, a significação das coisas do mundo ocorre a partir das operações cognitivas, as quais estão envoltas em três processos necessários: a percepção, a inferenciação e a categorização. Essas operações cognitivas nada mais são do que os aspectos psicológicos mais gerais que estão envolvidos no processo de conceptualização. Com base nisso, podemos afirmar que é dentro dos espaços mentais que ocorre a significação, fruto de uma construção de natureza cognitiva, social e, não menos importante, corporal.

Assim, para Fauconnier (1994), nos espaços mentais estão em foco os domínios de estrutura referencial, os quais são constituídos pela linguística, pragmática e pelas estratégias culturais. O autor ressalta que, mesmo quando os objetos são reais, as interpretações como imagens são sempre mentais. Fauconnier (1994) afirma que um espaço mental pode ser compreendido como uma ativação cerebral que organiza a significação e está na base do processo de referência. De acordo com o autor, as concepções de projeção e domínio estão na base da maneira como a mente humana percebe e organiza o mundo que experiencia e em que se insere. Assim, podemos visualizar abaixo os semas dos espaços mentais:

Figura 10 Semas do conceito dos Espaços Mentais



Fonte: Arquivo da autora.

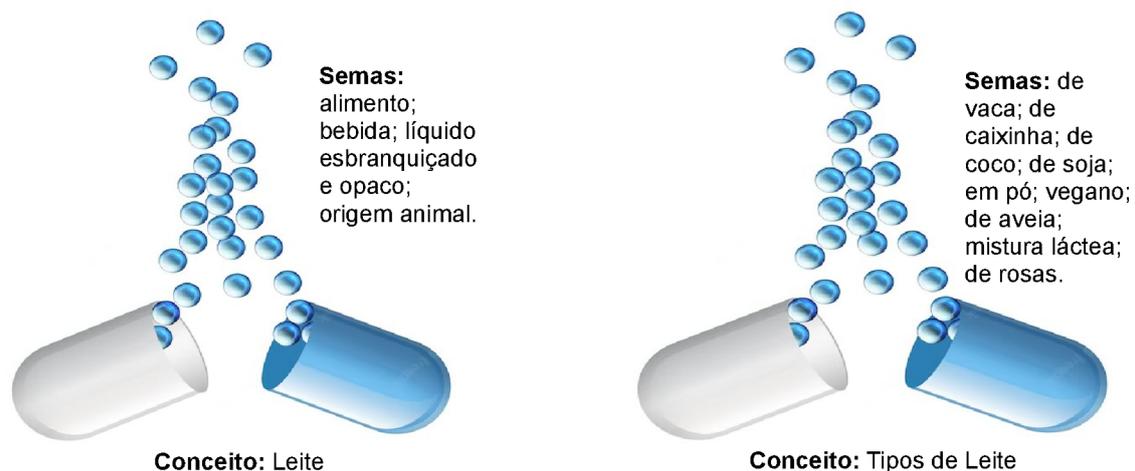
Os espaços mentais, segundo Coscarelli (2005, p. 1, *apud* Fauconnier, 1994), são “ativações que são estabelecidas no cérebro, na memória de trabalho. (...) eles são definidos como um tipo de descrição de alto nível, baseada em generalizações e que nos permitem explicar ou formular hipóteses sobre a linguagem, sobre a gramática ou sobre o pensamento”. Em outras palavras, podemos dizer que são construções mentais complexas, com as quais são criados arquivos de pequenas memórias relacionadas às vivências sociocognitivas e estas são vislumbradas através do pensamento e dos discursos.

Por exemplo, quando utilizamos o termo *leite*, este nos remete às construções mentais que acionam memórias relacionadas às características deste alimento / bebida. Características estas retiradas de arquivos de pequenas memórias, como o cheiro, a cor, a textura, o sabor, lembranças alusivas à infância ou as receitas em que o leite era usado. Atualmente, no mercado, é possível encontrarmos diferentes tipos de leite, como o leite

de vaca, leite de caixinha, leite de coco, leite de soja, leite em pó, leite vegano, leite de aveia, mistura láctea, leite de rosas, sendo este último exemplo representante de outra categoria, este não seria um alimento, e sim um cosmético.

Toda essa gama de diferentes tipos de leite nos leva a refletirmos sobre o que eles possuem em comum, quais seriam estas propriedades compartilhadas entre eles para que todos sejam categorizados como leite, quais as suas semelhanças de família. Algumas destas características são de conhecimento geral, como a consistência líquida, a cor branca / esbranquiçada e, tirando o último exemplo, o de leite de rosas, os demais são alimentos. Fatos que corroboram com um dos princípios da categorização, o princípio organizacional de associação a partir de percepções mais gerais que expressam as diferentes relações entre as coisas do mundo. Como podemos observar abaixo na comparação entre os semas do leite (origem animal) e os diversos tipos de leite.

Figura 11 Comparação entre os semas do leite e os tipos de leite



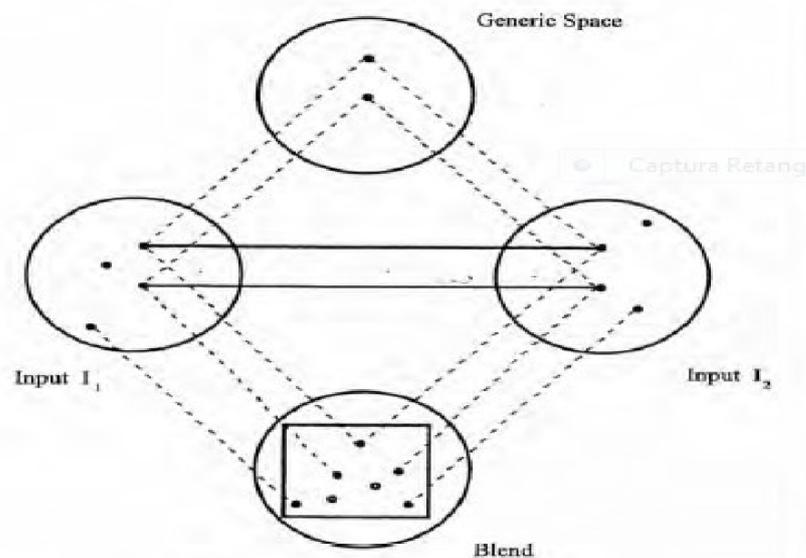
Fonte: Arquivo da autora.

Na obra *The Way We Think*, Fauconnier e Turner (2002) trazem em evidência a questão das mesclagens dos espaços mentais, que é uma operação cognitiva essencial dos seres humanos. A cada agrupamento de espaços mentais, outros novos espaços mentais são criados, formando redes de significação integradas e intermináveis. Para elucidar essas questões, os autores abordam três pontos que são importantes para o processo de mesclagens, sendo eles: a identificação, a integração e a imaginação. A identificação é a operação mental de reconhecimento entre dois domínios cognitivos. A integração opera na ação mental de conexão entre os domínios cognitivos. E por último, a

imaginação pode ser considerada como uma das mais importantes, pois ela efetiva a produção de sentido pela projeção dos domínios cognitivos.

Fauconnier e Turner (2002) apresentam um modelo, um diagrama para demonstrar como ocorrem os espaços de mescla (*blending*), ou a mesclagem conceptual. Esse diagrama também é um recurso semântico muito utilizado para elucidar e ilustrar o processo de referenciação. A partir deste esquema é possível formar quatro componentes: *Espaço genérico*, *Espaço do input 1*, *Espaço do input 2* e o *Espaço da mescla (blending)*, como podemos observar no diagrama abaixo:

Figura 12 Esquema básico da integração conceptual



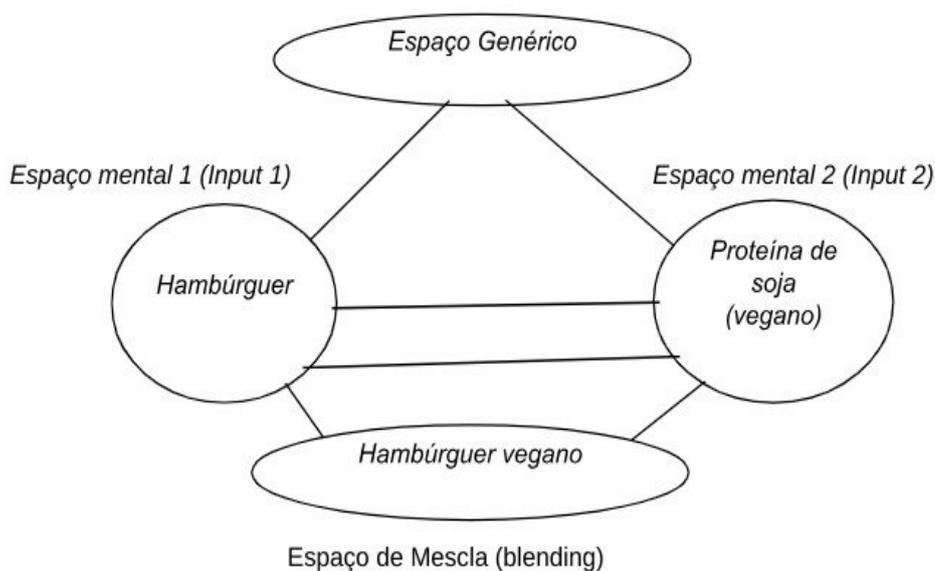
Fonte: Fauconnier e Turner, 2002, p. 46.

Este esquema é muito utilizado em análises para explicitar e demonstrar a ocorrência da mesclagem conceptual como uma ferramenta para a problemática da referenciação, uma questão antiga para a semântica cognitiva. Entretanto, os autores deixam claro que esse esquema é uma forma estática que ilustra alguns aspectos da integração conceptual, e nesse sentido, representa a mesclagem conceptual formada em determinado contexto situacional, pois são constituídas de desativação, reativação e reformulação de espaços mentais anteriores e novos.

Podemos usar como exemplo para compreender a integração conceptual quando usamos o termo *hambúrguer vegano*, há o movimento de vários conceitos para formar este último. Para se chegar ao *blending* hambúrguer vegano, é necessário acionar vários espaços mentais, ou seja, outros *inputs*, uns sobre o conceito de hambúrguer e outros

sobre o conceito de vegano. Para depois dessas mesclas chegar à junção destes dois e formar um novo conceito (Espaço de mescla - *blending*), totalmente diverso do espaço genérico, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 13 Espaço de Mescla - Hambúrguer Vegano



Fonte: Arquivo da autora.

Em sua obra *Philosophy in the flesh*, Lakoff e Johnson (1999) trazem uma nova perspectiva para a Semântica Cognitiva, a concepção de uma mente corporificada e sócio historicamente situada, que experiencia o mundo a partir de um corpo. E nesse sentido, cada corpo experiencia o mundo de modo diferente, por exemplo, o corpo de uma mulher experiencia o mundo de maneira diferente do corpo de um homem. Do mesmo modo, o corpo de um latino experiencia o mundo de modo diferente de um anglo saxão.

Nesse sentido, a mente que experiencia o mundo a partir de um corpo, constrói o conhecimento cognitivamente. Uma mente corporificada e sócio historicamente situada em determinado tempo e lugar são as alavancas nas quais se estabelecem os significados construídos na língua e experienciados no mundo. Cada pessoa é sujeito de uma época, sujeito social, cultural e historicamente estabelecido, constituído pelas relações que vão sendo construídas no mundo, ou seja, o mundo é experimentado a partir de determinados lugares sociais e culturais.

Mondada e Dubois (2015) deixam de falar em referente para falar em objetos de discurso, porque a referência da língua é a própria língua e não o mundo. Os objetos de

discurso são construídos pela linguagem, com os discursos das próprias pessoas, pois os significados estão na língua, não no mundo. Como podemos observar em suas palavras,

(...) falaremos de *referenciação* tratando-a, assim como à categorização, como advindo de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada. (...) Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (Mondada; Dubois, 2015, p. 20).

Para as autoras, o fato dos significados estarem na língua é uma grande metonímia para discurso, pois os significados advêm dos usos discursivos que são feitos da língua, dos efeitos discursivos. Mondada e Dubois (2015) mudaram a percepção e ampliaram o escopo, para as autoras, os significados e os sentidos estão sendo negociados o tempo todo. A língua diz o mundo de maneira mediada e indireta, semiologicamente estabelecida, a língua é simbólica, não é real e nem objetiva. Neste sentido, a realidade pode ser considerada como um buraco no real, ela constrói uma representação do real, estabelece uma relação com a realidade.

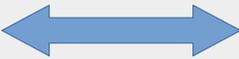
Já Lakoff (1987, p. 281) afirma que a capacidade de conceptualização está relacionada à *capacidade humana de formar conceitos complexos e categorias gerais usando esquemas de imagens como dispositivos de organização*. Essa abordagem *permite construir estruturas e taxonomias de eventos complexos com categorias superordenadas e subordinadas*. O autor afirma que as categorias não são objetos que estão no mundo, mas sim construídas a partir da nossa experiência no mundo. Ele inicia a obra com um exemplo, já abordado no capítulo anterior, sobre um grupo aborígine australiano no qual mulheres são comparadas a fogo e coisas perigosas. Classificação que ofendeu algumas mulheres pertencentes a outras culturas, ao mesmo tempo em que outras mulheres acreditavam que essa classificação definia exatamente o sentido e a essência feminina. Para o autor, não é uma verdade que está no mundo, mas sim, que as mulheres possuem experiências cognitivas diferentes no mundo.

Inclusive, o subtítulo do livro é muito significativo, *What Categories Reveal about the Mind* (o que as categorias revelam sobre a mente), ou seja, como a mente experiencia o mundo, é a partir da mente que criamos os significados e as significações sobre o mundo. Como experienciamos o mundo é o que faz com que as unidades funcionem no interior de uma mesma categoria, ou seja, elas são fruto de uma experiência pessoal,

simbólica, simbolizada a partir da mente corporificada e situada social, cultural e historicamente.

Por exemplo, quando afirmamos que uma professora de escola pública irá pegar o carro dela, logo pensamos em um Celta; já quando afirmamos que um famoso jogador de futebol irá pegar o carro dele para sair, pensamos numa *Ferrari*; e quando afirmamos que um “playboy ou garotão” irá pegar o carro dele pra sair, logo pensamos num *carro rebaixado*. O que estes fatos mostram é que além de haver uma categorização em torno das experiências com as coisas do mundo, ainda existe a questão dos estereótipos que caminham junto na atividade mental e cognitiva de conceptualização. Como podemos observar na figura abaixo.

Figura 14 Categorização sobre a ocupação x tipo de carro

Ocupação / atividade	Categorização	Tipo de carro
Professora		Celta
Jogador de futebol		Ferrari
Playboy / garotão		Carro rebaixado

Fonte: Arquivo da autora.

Este exemplo é específico do local e da sociedade na qual estamos inseridos, e mostra o quanto estas relações são importantes para conceitualizar o mundo que nos cerca. Não é algo pronto, mas uma construção, resultado de experiências compartilhadas, simbólicas, sociais, culturais e, neste exemplo específico, estereotipadas. Como já afirmam Mondada e Dubois (2015, p. 17), “Existem, todavia, práticas que exercem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipos e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência no discurso (...)”. Em outras palavras, estas experiências são construídas coletivamente dentro dos contextos de cada grupo social através de práticas discursivas e cognitivas.

Corroborando com essas questões, Koch (2004) afirma que os estereótipos fazem parte da coletividade de cada cultura, ou seja, nos diversos grupos sociais são produzidas formas diferentes de valorar as coisas que os cercam, de modo que quando certos padrões se repetem estes acabam sendo estereotipados dentro da cultura a qual pertencem. Assim, segundo a autora,

É este protótipo partilhado, que evolui para uma representação coletiva, que vai constituir o estereótipo.

(...) o estereótipo constitui parte integrante do que se tem denominado *cognição social*, definida por van Dijk (1994, 1997) como o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo, particularmente aquelas envolvidas na compreensão, produção ou representação de “objetos” sociais tais como situações, interações, grupos ou instituições (Koch, 2004, p. 56).

Para Koch (2004), o estereótipo para existir precisa ser partilhado durante bastante tempo entre uma gama significativa da população e assim chegar a ser visto como um clichê para aquelas pessoas que partilham dos mesmos costumes.

Fatos que conversam com a indagação de Searle (1984), em que ele questiona “*como um mundo essencialmente sem significados pode conter significados*”, é sobre isso que Lakoff (1987) e Mondada e Dubois (2015) discutem em seus textos, que os significados não estão prontos, eles não estão no mundo, mas que são construídos cognitivamente nos espaços mentais, pelas mentes sócio historicamente situadas, os significados estão nos valores que atribuímos ao mundo. As coisas não estão no mundo, elas estão na língua, elas são produtos de uma operação mental em relação ao mundo.

2.1. Conceptualização

Quanto ao conceito de conceptualização podemos elencar os autores, Lakoff e Johnson (1999), em seu livro *Philosophy in the Flesh*, os autores criaram um novo conceito, o da mente corporificada. Segundo os autores, tanto a razão quanto os conceitos são corporificados, e para tanto, os sistemas perceptivos e motores são basilares na formação de certos conceitos como o de cores, relações espaciais, sensoriais, olfativas, entre outros. Todo pensamento necessariamente demanda que estruturas neurais realizem essa atividade cognitiva individual. Cada pessoa possui diferentes configurações de redes neurais, de modo que estes determinam os conceitos que lhe pertencem. Conceitos estes formados pelas experiências individuais de cada um, tendo como ponto base o seu próprio corpo, uma mente corporificada sócio historicamente situada.

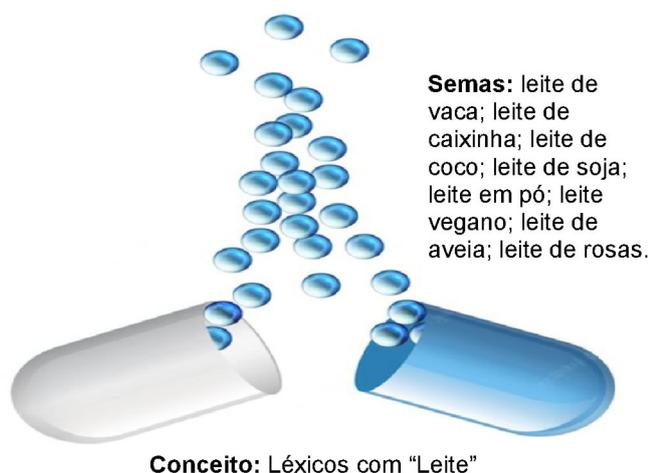
Essa mudança no olhar surgiu com a ciência cognitiva, com a qual, segundo Lakoff e Johnson (1999), comprovou-se que a razão está diretamente ligada a uma mente corporificada, e conseqüentemente, a partir disto, podemos perceber e compreender a realidade que nos cerca. A problemática do que é real está intrinsecamente ligada a essa questão pelo fato de que tudo se inicia pelo nosso corpo, especialmente o sistema

sensorio motor, o qual nos permite compreender a realidade a nossa volta e transmite as mensagens a nossa mente, a qual percebe e decodifica a mensagem pela experiência.

A mente corporificada para melhor compreender o mundo que o cerca e categoriza todas as coisas que o cercam, desde os objetos até os sentimentos e as relações com outras pessoas. Categorizar é um modo de compreender o mundo de uma forma mais organizada e resumida, é um modo de sobrevivência, de defesa. A categorização é uma consequência da nossa mente corporificada, da interação dos nossos corpos com o mundo que nos cerca, das interações com o meio. Assim, podemos compreender que muitos dos nossos conceitos e categorias são delineados a partir dos nossos corpos, da nossa mente corporificada.

Um exemplo nesse sentido é o do *conceito de leite*. Este conceito nos remete a várias outras categorias como o leite de vaca, o leite de caixinha, o leite de coco, o leite de soja, o leite em pó, o leite vegano, entre vários outros. Todos possuem em comum o léxico “leite”, mas não somente isso, outra característica é a cor, quando pensamos em leite, a cor característica é o branco, de modo que esperamos de todos esses exemplares de leite acima que eles possuam essa característica. Ademais, eles diferem quanto à origem, que pode ser animal ou vegetal, como o leite de coco, de soja e o vegano. Também podem mudar quanto à consistência, líquido ou pó, por exemplo. Como por exemplo, na figura 15, abaixo:

Figura 15 Semas do conceito Léxico “Leite”



Fonte: Arquivo da autora.

No exemplo acima, podemos observar como ocorre a formação dos semas referentes ao conceito do léxico “leite”, o qual nos remete a uma gama variada de exemplos diferentes. Mas frisamos que o primeiro é o mais prototípico entre todos, o *leite de vaca*.

Neste sentido, cabe salientar que se torna impossível separar as categorias dos conceitos da experiência pessoal de cada pessoa. As categorias são necessariamente formadas a partir de nossos corpos ou seja de nossas experiências sócio historicamente situadas. Assim, a conceptualização surge a partir da nossa compreensão e entendimento das categorias. As categorias também são conceituadas de outra forma, como protótipos. Os protótipos são estruturas neurais que podem ser comparadas a categorias ideais de uma categoria.

Quanto ao efeito de prototipicidade, observando os linguistas Clássicos desde Aristóteles (*Organon*, 121a) até Rosch (1975), vemos que existem as categorias que são fechadas, já as unidades pertencem às categorias, ou seja, são categorizadas. Assim, um protótipo é o melhor exemplar de uma categoria. Por exemplo, o *pardal* é o melhor exemplo da categoria de pássaro. Assim, quando falamos em *efeito de prototipicidade* e no melhor exemplar de uma categoria, estamos falando em um *efeito de sentido*, isto vem do discurso, não é uma coisa que está pronta no mundo. Assim, quando se fala em efeito de prototipicidade este é gerado discursivamente, um discurso que vem de uma mente corporificada e sócio historicamente situada. Conforme podemos observar na figura abaixo.

Figura 16 Efeito de prototipicidade da categoria pássaro

Efeito de Prototipicidade				
Coruja	Bem-te-vi	Pardal	Sabiá	Tucano

Fonte: Arquivo da autora.

Na figura acima, podemos ter uma ideia de como não existe uma categoria mais prototípica que a outra, mas sim há um efeito de prototipicidade, um efeito de sentido. Esse efeito é discursivamente trabalhado e culturalmente transmitido de uma geração à outra, estabilizando certos efeitos.

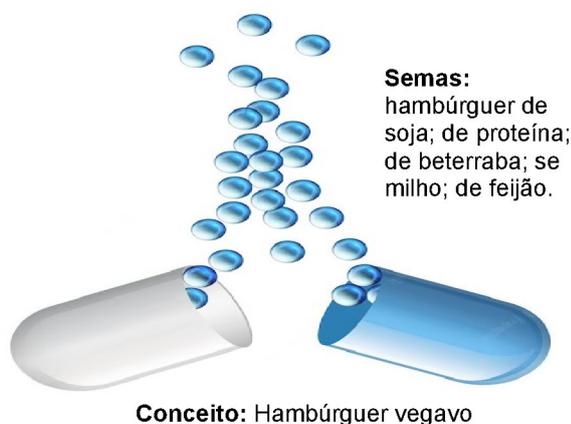
Em relação a essa questão, da mente corporificada, cabe salientar que, segundo Lakoff e Johnson (1999, p. 18), “(...) a natureza peculiar de nossos corpos molda muitas das nossas possibilidades de conceitualização e categorização”, em outras palavras, o

fato de nosso corpo ser como ele é, interfere diretamente na maneira como categorizamos e conceptualizamos as coisas no mundo, o modo como o conhecemos e o vivenciamos. Ser mulher, negra, latino americana é vivenciar e conceitualizar o mundo que a cerca de maneira totalmente diversa de uma mulher branca e europeia. Cada uma delas, categoriza e conceitua as coisas no mundo de acordo com as vivências que tiveram, com as experiências a partir de seus corpos, suas percepções, suas habilidades, sua cultura.

É preciso lembrar que, apesar de termos a capacidade de recategorizar e conceptualizar novas categorias, estamos embasados nas categorias pré existentes da cultura em que estamos inseridos. Este fato ocorre sem que tenhamos consciência disto, pois a nossa mente está imersa numa rede de centenas de categorias já existentes, de modo que automaticamente já categorizamos as coisas que nos cercam.

Por exemplo, quando dizemos *hambúrguer vegano*, este conceito nos remete a duas categorias diversas. Uma relacionada ao que já está posto, ao que conhecemos, que está no mundo, o hambúrguer, entretanto este *hambúrguer* seria o de *carne*, que é o comum ao conhecimento das pessoas. A outra categoria será o *vegano*, que é algo novo e recente à sociedade, uma mudança de hábito alimentar, no qual os ingredientes de origem animal são trocados por vegetais. E, a partir do momento em que juntamos os dois, surge o *hambúrguer vegano*, outro conceito é criado, totalmente diverso no original, o hambúrguer (de carne). Assim, podemos constatar que essa questão é muito interessante no sentido de que dois conceitos totalmente diferentes originaram outro, que a princípio parece não fazer sentido. Assim, podemos visualizar essa questão na figura abaixo,

Figura 17 Semas do conceito Hambúrguer vegano



Fonte: Arquivo da autora.

Outro ponto a observarmos nesse exemplo, é a questão da própria nomenclatura, pois ela não deixa de ser redundante, pelo fato do próprio hambúrguer remeter a carne, enquanto que a *filosofia vegana* quer exatamente o contrário, consumir alimentos de origem vegetal e que não lembrem e nem façam menção a alimentos de origem animal. Entretanto, neste caso, a aceitação de novas nomenclaturas pelo público em geral demora a acontecer, principalmente para o resto da sociedade que não compartilha desta “filosofia de vida”. É muito difícil aos indivíduos aceitar novos léxicos de alimentos que não tenham *traços de semelhança* com alimentos que eles conheçam ou façam parte de suas vidas.

Esses traços de semelhança que remetem a algo familiar/conhecido da sociedade em geral consiste na nomenclatura do alimento, nesse caso o léxico *hambúrguer*, como sendo um traço de familiaridade com o novo, ou seja, o vegano. Quando a sociedade em geral utiliza essas nomenclaturas conhecidas e já culturalmente estabelecidas ocorre um *sentimento de pertencimento*, em que o antigo e o novo se encontram e algo novo é criado, mas sem ainda se desvincular do antigo e já culturalmente estabelecido.

O autor que aborda essas questões relacionadas aos traços de familiaridade é Wittgenstein (1991 [1953]). Em seus estudos sobre as *semelhanças de família* o autor utilizava como objeto de estudo os jogos. Segundo o autor, existem inúmeros tipos de jogos diferentes, de carta, de tabuleiro, de estratégia, mas o que os caracteriza para serem chamados de jogos são algumas semelhanças entre eles, semelhanças estas que o autor chama de *semelhanças de família*, ou seja, assim como acontece nas famílias, em que certos traços comuns podem ser notados entre os familiares como a aparência física, o comportamento, certas atitudes, os jogos também possuem traços em comum.

Para que a sociedade em geral, não vegana, possa se apropriar deste léxico vegano, ela necessita primeiramente se familiarizar com esta nomenclatura, e para tanto a mente humana aciona *espaços mentais* nos quais as referências por léxicos conhecidos juntamente com os léxicos desconhecidos estabeleçam sentido. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), forma-se uma rede conceptual integrada, em que são acionadas duas informações diferentes e no fim ocorre o *Blend*, ou seja, a integração dos dois espaços formando um espaço novo na mente, o *espaço integrado*.

E o que seriam esses *espaços mentais*? Segundo Coscarelli (2005, p. 1, *apud* Fauconnier, 1994),

Espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós conectamos esses espaços entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis (Coscarelli, 2005, p. 1, *apud* Fauconnier, 1994).

Observando as palavras de Fauconnier (2005) podemos ter uma ideia do que acontece com a nossa mente enquanto pensamos e processamos as informações a fim de construir novas conceptualizações, como o exemplo do *hambúrguer vegano*, o qual possui um referente - o hambúrguer de carne - e com a introdução de uma cultura alimentícia nova, a vegana, também criou uma nomenclatura nova, a dos produtos veganos. Apesar de continuar atrelada a um léxico existente, o produto final, o conceito é totalmente diverso do seu referente.

O mesmo ocorre quando falamos a palavra *leite*, este pode ser de caixinha, de vaca, de coco, de soja, de aveia, de rosas. Cada complemento remete a um tipo de leite específico e com funcionalidades diferentes. Por exemplo, o leite de coco é um alimento e pode ser utilizado para a preparação de diversos pratos, já o leite de aveia ou o de rosas, possuem utilidade cosmética e tem poucas características comum com os demais leites baseando-se em apenas em alguns traços de semelhança, como a cor branca. Essas oposições, se assim podemos chamar, são categorizadas e conceitualizadas pela nossa mente, de acordo com as vivências corporificadas. Essa capacidade que a mente humana possui de separar e agrupar as coisas no mundo são consideradas por Coscarelli (2005, p. 2, *apud* Fauconnier, 1994), como operações cognitivas fundamentais. Como podemos observar abaixo quando o autor fala da obra *The Way We Think*, escrita juntamente com Mark Turner:

Nós chamamos a atenção no livro *The Way We Think* para uma operação cognitiva fundamental para os seres humanos: a capacidade de agrupar diversos espaços mentais e, a partir desse agrupamento, criar novos espaços mentais que possuem uma estrutura emergente. Os seres humanos, em particular, parecem capazes do que chamamos de “integrações de duplo escopo”, em que espaços mentais conflitantes são introduzidos. A partir dessa integração de espaços podem surgir novas estruturas muito criativas. Argumentamos indiretamente que essa capacidade de fazer mesclas duplas pode, de fato, ser o que caracteriza as capacidades cognitivas de nossa espécie. Ela é que nos permite fazer coisas tais como arte, ferramentas, ciência e linguagem, habilidades que outras espécies não parecem possuir (Coscarelli, 2005, p. 2, *apud* Fauconnier, 1994).

De fato, essa capacidade mental de se expressar com piadas, metáforas e ironias são apenas alguns exemplos da imensa gama de criações mentais, dos agrupamentos dos espaços mentais. Em outras palavras, podemos afirmar que os espaços mentais englobam as demais esferas de enunciação como a *do falante e do ouvinte*. Vale destacar

que enquanto pensamos e falamos, vamos nos movendo simbolicamente dentro dos espaços mentais, e assim, criando novas perspectivas e conceitos sobre o que fora enunciado.

Não obstante, apesar dessa capacidade cognitiva inata dos seres humanos de produzir diversos espaços mentais, as informações devem fazer sentido aos envolvidos na enunciação, pois do contrário, quando não existirem referências enunciativas a comunicação daquele fato não ocorrerá de forma dinâmica. O sentido é parte significativa na criação e multiplicação de espaços mentais.

Hipoteticamente exemplificando, quando as pessoas não sabem o que significa ou o que é um *hambúrguer vegano*, elas não compreenderão exatamente se aquele hambúrguer é feito com alguma carne especial ou se ele é temperado com temperos diferenciados. Pois, a partir do momento em que os interlocutores não sabem o que significa ser vegano, eles não conseguirão associar o hambúrguer a um alimento de origem vegetal. E sem esse conhecimento, certas informações se perdem e outros espaços mentais são criados, formando outras concepções interligadas a outros referentes que fazem parte do conhecimento de mundo destes interlocutores.

3. Efeitos de prototipicidade para a construção de um *léxico vegano*

(...) *human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination-of perception, motor activity, and culture on the one hand, and of metaphor, metonymy, and mental imagery on the other* (Lakoff, 1987, p. 8)⁶.

Para iniciar este capítulo, acreditamos que seja pertinente fazer algumas considerações a respeito do que seja um *protótipo*, antes de começar a falar em *efeitos de prototipicidade*. Neste sentido, cabe mencionarmos que quando abordamos os protótipos estamos necessariamente falando/abordando categorização, assim como, quando falamos em referência, também estamos abordando a categorização. Em outras palavras, não concebemos os protótipos sem as categorias, eles andam de mãos dadas.

O primeiro autor a falar em categorias foi Aristóteles (*Organon*, 121a), para o filósofo, nós organizamos o mundo em categorias. Aristóteles (*Organon*, 104a-108b) criou as primeiras categorias da língua, dos nomes, dos substantivos, dos adjetivos, dos verbos e dos advérbios. Segundo as concepções do filósofo, as categorias se definem a partir de traços necessários e suficientes. Como podemos observar nas palavras de Paulo Duque (2001),

(...) é certo que as categorias se definem em termos de um conjunto de traços necessários e suficientes. De acordo com isto, um ente pertence a uma categoria determinada se, e somente se, exibe todos e cada um dos traços que a definem; a falta de algum desses traços significaria a sua exclusão automática da categoria. Outro dos pressupostos da teoria clássica é o de que os traços são binários, ou seja, as coisas possuem ou não possuem um traço, pertencem ou não pertencem a uma categoria. Vale dizer, e aqui temos um terceiro pressuposto de que as categorias têm limites bem definidos pois dividem o universo da denotação em dois grupos de coisas: as que pertencem e as que não pertencem à categoria. Neste sentido, não é possível haver casos ambíguos. Dessa bipolaridade dos traços se deduz um quarto pressuposto clássico: que todos os membros de uma categoria têm o mesmo status. (...) A partir do ponto de vista aristotélico, supõe-se que exista uma correlação perfeita entre os atributos dentro da categoria (Duque, 2001, p. 3).

Para o filósofo, as categorias se referem a certas palavras da Língua que possuem determinadas características entre si, as quais fazem com que nós as consideremos como pertencentes a um mesmo grupo ou conjunto. Por exemplo, o conjunto de palavras proparoxítonas⁷, ou seja, categorias são formas de organizar as coisas do mundo.

Segundo Duque (2001), Aristóteles é um representante do *modelo clássico de categorização*, assim:

6 Tradução: (...) a categorização humana é essencialmente uma questão de experiência e imaginação - de percepção, atividade motora e cultura por um lado, e de metáfora, metonímia e imagens mentais por outro (Lakoff, 1987, p. 8).

7 Palavras que possuem a antepenúltima sílaba tônica.

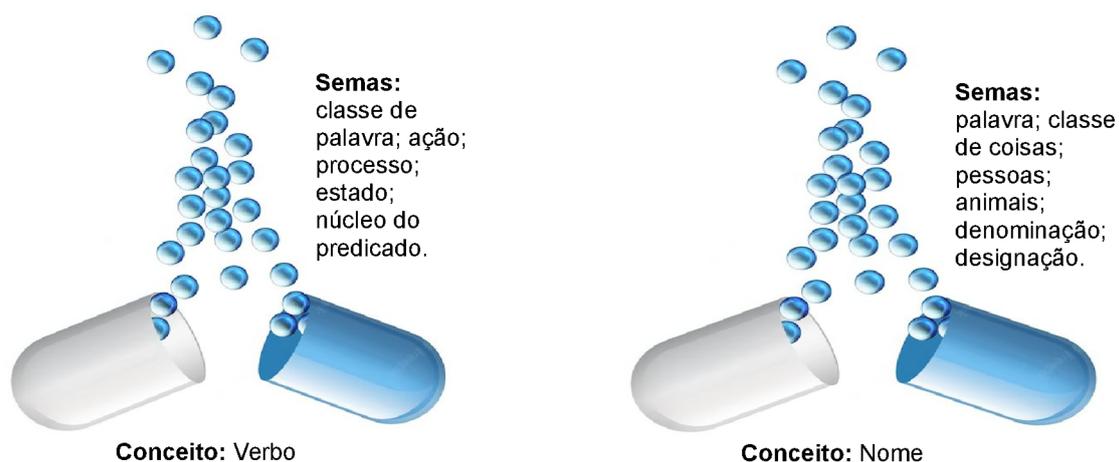
De acordo com o modelo clássico de categorização, o significado das palavras é baseado numa estrutura de atributos necessários e suficientes para se constituir a essência da entidade ou do conceito com os quais associamos a palavra. Tal modelo nos leva a supor que os falantes se referem às entidades, utilizando determinados nomes, por reconhecerem nelas os atributos essenciais que as definem. Esses atributos pertencem ao significado das categorias, na linguagem (Duque, 2001, p. 2).

Em outras palavras, para Aristóteles (*Organon*, 129a), a *essência* é algo imanente em si, ao próprio conceito. Já, o *significado* seria algo que antecede as palavras, de modo que, os *efeitos do significado de uma categoria* seriam aqueles pertencentes somente a ele mesmo.

Neste sentido, é imprescindível salientar a importância de Aristóteles (*Organon*, 106a-107b) referente a essas questões dos protótipos. Para o filósofo, as categorias possuem uma ideia de essência, nessa abstração, Aristóteles (*Organon*, 128b) salientava que as categorias deveriam necessariamente ter traços necessários e suficientes, traços estes que deveriam fornecer as características às unidades às quais pertencessem as categorias. Consequentemente, a noção de categoria era fechada, pois necessariamente deveriam existir traços necessários e suficientes que eram próprios dos membros de cada categoria.

Assim, por exemplo, toda e qualquer palavra que fosse considerada um *verbo*, deveria possuir certos traços para ser considerada um verbo. A mesma coisa se for um *nome*, para ser um nome, deve possuir certos traços para ser considerado um nome e assim, no mesmo sentido se for um adjetivo. Como, por exemplo, para ser considerado *talher*, o objeto deve ter certos traços para ser considerado um talher. Da mesma forma que, para ser considerado um *amigo*, deve ter certos traços para ser considerado um amigo. Aristóteles (*Organon*, 108a-b) está numa ideia de categorias fechadas e os membros que constituem essas categorias possuem o seu significado formado a partir de traços necessários e suficientes, portanto o filósofo está na área da lógica. Como podemos observar nas figuras abaixo.

Figura 18 Comparação entre os conceitos Verbo e Nome



Fonte: Arquivo da Autora.

A única semelhança entre os dois conceitos é o fato de pertencerem ao grupo das dez classes de palavras ou classes gramaticais, ademais não possuem mais similaridades. Cada conceito possui as suas especificidades, os traços necessários e suficientes para a categoria, como podemos observar nos semas, que são diferentes em cada conceito.

Para Rizzatti (2001), a precursora dos estudos relativos à teoria prototípica foi Eleanor Rosch (1973), a qual partiu dos estudos de Brent Berlin e Paul Kay sobre a categorização das cores em diferentes línguas. Rosch (1973) queria descobrir se as cores focais estavam no âmbito da linguagem ou da cognição linguística. Depois aprofundou seus estudos sobre os protótipos com a descrição de formas geométricas, concluindo que os protótipos naturais são imprescindíveis na aprendizagem das categorias.

Juntamente com a teoria dos protótipos, outra teoria muito trabalhada e que ajuda a aprimorar essas pesquisas são as *semelhanças de família* de Ludwig Wittgenstein (1991 [1953]) apresentadas em sua obra *Investigações filosóficas*. Segundo Rizzatti (2001), Rosch e Mervis (1975) também fizeram uso desse conceito para desenvolver o seu trabalho sobre categorias, juntamente com o estudo da prototipicidade.

Ao observar os jogos, percebemos que vários deles não possuem nada em comum, uns são recreativos, outros são de azar, uns são em grupo, outros são de duplas, outros podem inclusive, ser individuais. A gama de elementos que a categoria *Jogo* comporta é muito extensa, entretanto as similaridades entre eles é muito reduzida, mas

nem por isso deixam de pertencer a categoria dos jogos. Conforme podemos observar nas palavras de Wittgenstein (1991 [1953]),

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de "jogos". Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: "Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam 'jogos' ", - mas veja se algo é comum a eles todos. - Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! - Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. (...) E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor (Wittgenstein, 1991 [1953], p. 42 - 43).

Wittgenstein (1991 [1953]), quando aborda a questão das similaridades entre os jogos, como os jogos de tabuleiro, de cartas, de bola ele questiona o que estes possuem em comum entre si, e afirma que na realidade não há algo comum a todos, entretanto existem semelhanças, parentescos. Essas semelhanças e parentescos aumentam e diminuem à medida que comparamos um jogo ao outro, traços característicos desaparecem quando comparamos jogos como tênis e amarelinha, mas as semelhanças entre eles variam de nível. Segundo o autor,

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão "semelhanças de família"; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc. - E digo: os "jogos" formam uma família (Wittgenstein, 1991 [1953], p. 43).

Esse conceito de Wittgenstein (1991 [1953]) sobre as *semelhanças de família* foi muito utilizado para elucidar inúmeros outros processos de categorização. O autor também afirma que poderia transpor esse conceito para analisar os números, os quais também podem ser caracterizados de tal forma, a partir do mesmo.

Retomando às concepções de Rosch (1973), para a pesquisadora os protótipos eram os melhores exemplares de uma categoria, aquilo que é o mais óbvio para a sociedade, como por exemplo, para nós brasileiros, o mais óbvio em termos de pássaro é o *pardal*. Em outras palavras, o melhor exemplar de uma categoria era considerado o membro mais prototípico. Rosch (1973) iniciou os seus estudos sobre os protótipos trabalhando com as cores, principalmente com as cores do arco-íris em diferentes culturas. A psicóloga queria saber como as diferentes culturas percebem/compreendem

as cores do arco-íris. O que a intelectual mostrou em seu estudo é que as diferentes culturas não enxergam mais ou menos as cores no arco-íris, mas sim, que elas percebem as cores de maneira diferente e portanto também designam as cores de modo diferente.

Por exemplo, determinadas culturas possuem vários nomes para designar a neve e o gelo, isto porque elas vivem cercadas de um espaço branco e tem um tipo de neve/gelo que é diferente de uma camada a outra. Se for uma camada mais fina, a pessoa pode pisar, quebrar o gelo, afundar num lago congelante e por fim, acabar morrendo de parada cardíaca. Já ao contrário, se tiver uma camada de gelo bem grossa, dará para passar tranquilamente com carro ou trenó por cima do gelo sem problema nenhum de quebrar. Assim, pode-se concluir que há vários nomes diferentes para cada camada de gelo ou neve. Há nomenclaturas diversas para as camadas de gelo/neve mais seguras e outros nomes para as camadas inseguras, instáveis e frágeis. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 19 Comparação entre as camadas de gelo x Segurança das pessoas

Diferentes camadas de neve/gelo X Segurança dos moradores	
Neve/gelo mais fino	Camadas inseguras; instáveis; frágeis
Neve/gelo mais grossa	Camadas seguras; permanentes

Fonte: Arquivo da autora.

Esse é apenas um exemplo de como determinadas características, que pertencem a lugares diferentes, influenciam diretamente a cultura daquela sociedade. Em outras palavras, as peculiaridades de cada região influenciam sobre as diferenças de cada cultura. E Rosch (1973) trabalha muito bem com essas questões, com as peculiaridades de cada cultura, particularidades estas, chamadas de protótipos. Um protótipo é o melhor exemplar numa categoria dentro de uma cultura, por exemplo, para nós, brasileiros, o *protótipo de comida é o feijão com arroz*. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 20 Efeito de prototipicidade da categoria comida

Efeito de Prototipicidade				
Sopa	Carreteiro	Feijão com arroz	Macarrão	Lasanha

Fonte: Arquivo da autora.

Esse exemplo é o que podemos chamar de “senso comum” referente a comida do dia a dia, da grande maioria dos brasileiros. Como já afirmado anteriormente, dentro da

nossa cultura, a comida mais prototípica é o feijão com o arroz, mas isso é um efeito de prototipicidade, um efeito de sentido partilhado discursivamente.

Entretanto, os estudos de Rosch (1973) não ficaram somente nisso, eles avançaram e ela deixou de falar de protótipos. De modo que, quando se fala em protótipo é como se sempre alguma coisa fosse um modelo ideal, como se naturalmente fosse um exemplar padrão. A autora passa então a afirmar que não é como se fosse um protótipo, mas que há um *efeito de prototipicidade*, ou seja, há uma mudança na concepção da autora. A questão em si é que *o conceito passa a funcionar como um protótipo*, porque ele passa a *parecer como um protótipo*, como se fosse o melhor exemplar de uma categoria. Assim, temos uma mudança no paradigma sobre as categorias, que *deixam de possuir o elemento mais prototípico de uma categoria e passam a ter um efeito de prototipicidade*.

Duque (2002) aborda essa questão da mudança paradigmática que iniciou com Eleanor Rosch,

Ao abandonar a ideia central de protótipo, naturalmente, também se deve abandonar a ideia de que as categorias se estruturam a partir do grau de semelhança dos seus elementos com o exemplar prototípico. Esse é um dos princípios básicos da versão padrão. Deve-se abandonar, também, a tese de que as fronteiras das categorias são difusas e, mais, a que equipara grau de representatividade de um exemplar ao grau de pertinência à categoria (Duque, 2002, p. 5).

Um exemplo disso é o movimento que acontece há alguns anos no país em relação aos negros descendentes de africanos, onde há uma mudança em relação a nomenclatura *escravo x escravizado*. A sociedade contemporânea está trocando um pelo outro, isto é, está ocorrendo um movimento no sentido de entendimento e de conscientização da significação entre estes dois conceitos, que são totalmente diferentes.

Assim, quando alguém é nomeado de escravo, é como se este conceito fosse natural, intrínseco à pessoa nomeada, é como se este conceito já estivesse desde sempre no mundo, ou seja, que há pessoas que são escravas e que nasceram para ser escravas, como se fosse óbvio que elas sejam escravas. Entretanto, toda essa questão não está no *substantivo* com o qual foram nomeados, mas sim no *processo* que foi alçado sobre estes sujeitos, pois são pessoas que *foram escravizadas*, grupos étnicos e raciais que foram escravizados, em que eles não nasceram para ser escravos.

Diferentemente do que acontecia antigamente, sob a ótica da Lei⁸, quando uma criança era nascida de pais escravos era automaticamente considerada um escravo, ou

8 Leis anteriores a 1871, ano em que foi aprovada a Lei de nº 2.040, chamada de *Lei do Ventre Livre*, esta lei foi criada pelo Visconde do Rio Branco e aprovada em 28 de setembro de 1871.

seja, ser escravo era um *título passado de herança dos pais aos filhos*. Esse exemplo demonstra como ocorre essa mudança de paradigma, *de um protótipo para o efeito de prototipicidade*. O efeito de prototipicidade é um trabalho, uma transformação, quando algo é *transformado* em exemplo típico de uma categoria.

Duque (2002) explica como essa mudança paradigmática transformou profundamente as concepções acerca dos *protótipos*, os quais foram substituídos por uma nova concepção, os *efeitos de prototipicidade*,

(...) o protótipo se converte agora em *efeitos prototípicos* e a noção de *semelhança de família*, em elemento que vincula os membros de uma mesma categoria. A mudança, como se pode ver, é radical e explica a sobrevivência do modelo padrão como alternativa. O que se foi produzido, mais que uma revisão dos postulados básicos, é uma mudança ou inversão na orientação. Se, antes, era a noção de protótipo, que se situava no centro da categoria e servia para estabelecer as distâncias (graus) dos membros dessa categoria, agora o que se busca é outra coisa muito distinta: a distribuição da categoria que justifique o efeito prototípico. Ainda que, à primeira vista, isso possa parecer sutil, é uma mudança profunda, que afeta a consideração dos fenômenos e a forma de analisá-los. Inverte-se a relação causal: o protótipo deixa de ser causa para ser efeito (Duque, 2002, p. 5 - 6).

A partir das palavras de Duque (2002), conseguimos ter uma dimensão do quanto essa mudança teórica foi importante e decisiva para a Semântica (Sócio)Cognitiva. Esse movimento busca novas formas de ver e analisar os fenômenos linguísticos a partir de um olhar mais situado, um olhar vindo de uma *mente corporificada socialmente situada*. Fatos que alteram a relação com o *protótipo* o qual passou a ser um *efeito*, um *efeito prototípico*. Ainda, Duque (2002) afirma que:

O elemento que passa a ter um papel decisivo na versão revisada é o conceito de *semelhança de família* (Wittgenstein). Este conceito sugere que os elementos se vinculam de forma lateral e não central, nas categorias. Ou seja, os elementos não se agrupam ao redor de uma característica comum a todos eles, mas sim, um a um. Isso implica em cadeias, nas quais, o primeiro e o último dos componentes, aparentemente, não compartilham nada. Sua vinculação só é compreensível, levando-se em conta toda a cadeia. Assim, uma organização centralizada da categoria, que tem o protótipo como centro, passa a ser substituída por uma organização colateral dos elementos (Duque, 2002, p. 6).

Assim, podemos observar que a noção de centralidade advinda com os protótipos deram lugar a outra forma de análise. A partir da perspectiva do efeito prototípico, os elementos começaram a ser relacionados com os elementos que os cercam, que estão ao seu lado. Assim, as análises passaram a ser efetivadas em cadeia, com a particularidade de que, muitas vezes, os elementos das extremidades acabam não compartilhando semelhanças entre si.

Cabe ressaltar que a questão da categorização está diretamente ligada aos protótipos, os quais segundo Lakoff e Johnson (1999), são os representantes ideais de uma categoria. Nesse sentido, a partir de um protótipo é possível fazer algum tipo de atividade inferencial ou imaginativa sobre as categorias, como afirmam os autores,

(...) As categorias humanas são tipicamente conceituadas em mais de uma maneira, em termos do que são chamados de protótipos. Cada protótipo é uma estrutura neural que nos permite fazer algum tipo de tarefa inferencial ou imaginativa em relação a uma categoria. Os protótipos de casos típicos são usados para fazer inferências sobre os membros da categoria na ausência de qualquer informação contextual especial. Os protótipos de casos ideais nos permitem avaliar os membros da categoria em relação a algum padrão conceitual (Lakoff; Johnson, 1999, p. 18).⁹

De acordo com os autores, é quase impossível conceber a nossa vida sem os protótipos, porque todo o nosso raciocínio e entendimento são baseados neles. Neste sentido, eles são vistos como estruturas neurais, as quais permitem que façamos inferências ou utilizemos a imaginação em relação ao processo de categorização. Lakoff e Johnson (1999) desenvolveram o que chamam de *protótipos de essência* que, para eles, seriam os protótipos que possuem as características mais nítidas, ou seja, no sentido de estabelecer categorias mais definidas umas em relação às outras.

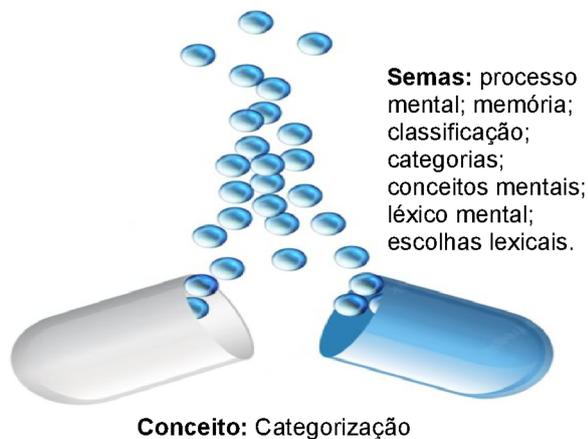
Lakoff e Johnson (1999) afirmam que em função de termos uma mente corporificada, formamos estruturas conceituais riquíssimas para cada categoria, as quais são vitais para o nosso dia a dia. Os conceitos são organizados e estruturados em nossa mente a partir de nossas inferências e experiências corporificadas no mundo, inclusive o modo como construímos os conceitos, a partir da nossa capacidade e habilidade de inferenciar e categorizar as coisas. Assim, um conceito corporificado, segundo os autores, é uma estrutura neural que faz uso do sistema sensório-motor de nossa mente corporificada, ou seja, muitas inferências conceituais são na realidade, sensório-motoras.

Nesta perspectiva, Rizzatti (2001) afirma que a categorização é o processo mental de classificação enquanto que as categorias seriam o produto deste processo, e estas últimas, podem ser caracterizadas como conceitos mentais armazenados na memória, que juntos formam o léxico mental. Quando certas escolhas lexicais são feitas em detrimento de outras, muitas vezes questionamos o porquê as fazemos, e nem sempre obtemos as respostas. Por exemplo, quando classificamos (categorizamos) tomate como

⁹ No original: (...) Human categories are typically conceptualized in more than one way, in terms of what are called prototypes. Each prototype is a neural structure that permits us to do some sort of inferential or imaginative task relative to a category. Typical-case prototypes are used in drawing inferences about category members in the absence of any special contextual information. Ideal-case prototypes allow us to evaluate category members relative to some conceptual standard (Lakoff; Johnson, 1999, p. 18).

fruta, mas na realidade gostaríamos de categorizá-lo como legume, pois na maioria das vezes o consumimos como ‘leguminosa’. Como podemos visualizar na figura abaixo:

Figura 21 Semas do conceito de Categorização



Fonte: Arquivo da autora.

Podemos observar na figura acima que os semas do conceito de categorização são apenas um pequeno esquema do quanto esse conceito é complexo e abrangente, mas já dá uma base de sua definição.

Outra questão interessante abordada por Rizzatti (2001) é a questão das categorias de nível básico que são muito importantes para a questão dos protótipos. É no nível básico que os objetos são mais facilmente lembrados pelas pessoas. Para Rizzatti (2001, p. 17), “é no nível básico de categorização que as pessoas conceptualizam coisas como *gestalten* perceptuais e funcionais”. Segundo a autora, é nesse nível que as características das categorias são mais salientes e também é o primeiro a ser assimilado e a entrar no léxico da língua. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 22 Níveis das categorias segundo Rosch e Mervis (1975)

Sobreordenado	Alimento	Produto cosmético
Nível básico	Leite	Desodorante
Subordinado	Leite de soja	Leite de rosas

Fonte: Arquivo da autora.

Segundo esse esquema, no nível básico é no qual encontramos o efeito prototípico mais lembrado pelas pessoas, neste nível está a categoria que fica cristalizada na memória discursiva da sociedade.

Corroborando com Rizzatti (2001), Lakoff e Johnson (1999) afirmam que nas categorias de nível básico é que melhor conseguimos distinguir uma categoria da outra, porque designamos ao menos um exemplar para melhor definir cada tipo de categoria. Por exemplo, é muito fácil distinguir um cachorro de um elefante, entretanto é mais difícil distinguir uma espécie de sapo de outra espécie (de sapo).

Ingedore Villaça Koch *apud* Koch & Lima (2004) também aborda essa questão a respeito das categorias de nível básico. Para a autora, no nível básico estão as categorias das grande maiorias das categorizações feitas pela sociedade, a partir do nível básico conseguimos fazer relações com os demais níveis categoriais, como podemos observar abaixo:

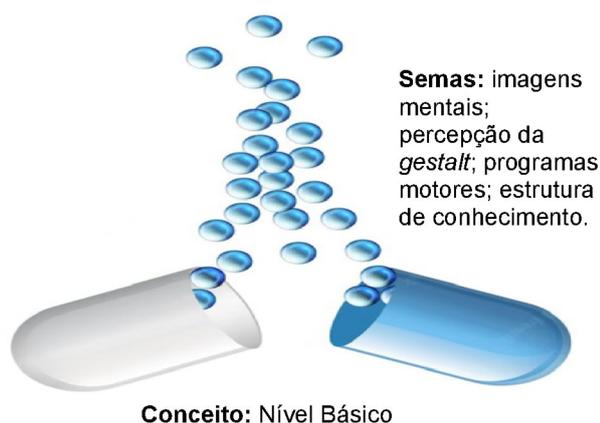
(...) O que a existência de categorias de nível básico evidencia é que a forma como percebemos e atuamos com os objetos é fundamental para a forma como somos capazes de desenvolver conceitos abstratos para eles. Estes conceitos são fruto direto da percepção e da ação motora e não um conjunto de conhecimentos abstratos que teriam sido organizados da mesma forma por uma mente sem corpo (Koch, 2004, p. 54).

Observando as palavras de Koch (2004), percebemos que a autora já aborda as duas teorias, tanto a das categorias de nível básico de Rosh (1973), quanto a da mente corporificada de Lakoff e Johnson (1999), pois observa que uma está diretamente ligada a outra. Para Koch (2004), não conseguimos criar conceitos abstratos do nada, é necessário que antes tenhamos algum tipo de contato com os objetos do mundo, para depois conseguirmos desenvolver abstrações sobre eles.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), foram Berlin, Rosch, Mervis e seus colegas que fizeram essa descoberta sobre as categorias de nível médio, mas que são cognitivamente *básicas*. Elas possuem uma *espécie de prioridade cognitiva* em relação às demais categorias. Conforme os autores, as “categorias de nível básico são distinguidas de categorias superordenadas por aspectos de nossos corpos, cérebros e mentes: imagens mentais, percepção da *gestalt*, programas motores e estrutura de conhecimento” (Lakoff; Johnson, 1999, p. 25)¹⁰. Para os autores, essa facilidade em interpretar as informações sobre os processos de categorização no nível básico estão diretamente relacionadas ao fato da nossa mente ser corporificada. Como podemos observar na figura abaixo:

¹⁰ No original: “basic-level categories are distinguished from superordinate categories by aspects of our bodies, brains, and minds: mental images, gestalt perception, motor programs, and knowledge structure” (Lakoff; Johnson, 1999, p. 25).

Figura 23 Semas do conceito Nível Básico segundo Lakoff; Johnson (1999)



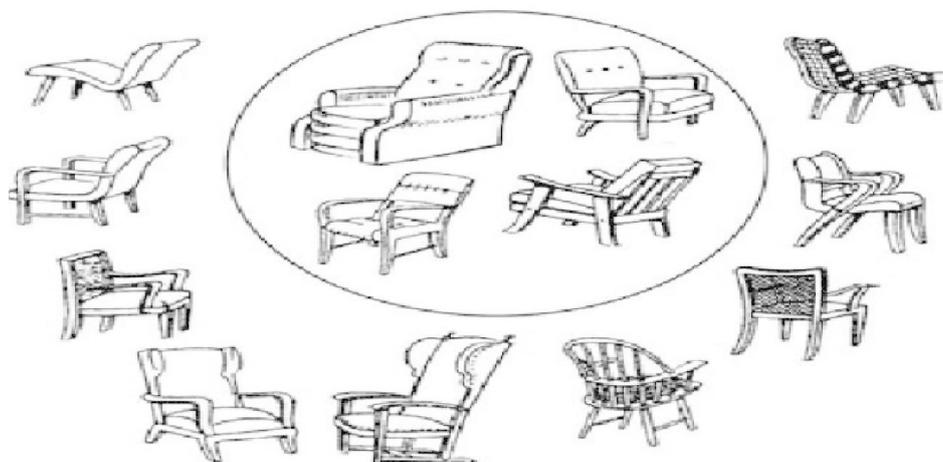
Conceito: Nível Básico

Fonte: Arquivo da autora.

A partir da figura podemos perceber que o nível básico é sempre o primeiro a ser recordado pelas pessoas, pois é o nível de categorização que comporta as categorias mais comuns, é como se ele fosse o membro central e as demais categorias estivessem à sua volta. Interessante destacar que essa teoria está ancorada no fato de ser experienciada por uma mente corporificada, ou seja, não basta somente observar, é preciso também experimentar.

Já nesta outra figura, abaixo, podemos visualizar um pouco sobre efeito de prototipicidade evidenciado pelo nível básico. Temos vários tipos de cadeiras, mas algumas delas podem também ser consideradas como poltronas e outras como esteiras. Essas designações ocorrem de acordo com a valoração que cada indivíduo dá ao móvel.

Figura 24 Diversos tipos de cadeiras



Fonte: Print screen web.

Assim, ao observar a figura acima, podemos afirmar que todas as imagens podem ser consideradas como cadeiras, mas se analisarmos uma a uma percebemos que elas não possuem as mesmas características básicas. Portanto, as imagens de cadeiras centrais são as mais prototípicas, enquanto que as cadeiras laterais seriam as menos prototípicas.

A teoria prototípica criada por Lakoff (1987) em sua obra *Women, fire and dangerous things*, segundo Rizzatti (2001), seria o *ponto modal* que une duas grandes áreas, a Linguística e a Psicologia Cognitiva. Partindo dessas concepções, Lakoff (1987) acredita que significamos o mundo a partir dos processos de conceptualização e categorização. Como observa Rizzatti (2001, p. 20), “a questão do significado das expressões linguísticas vincula-se à natureza da categorização humana, é entendida, empiricamente, a partir da ótica da prototipicalidade”. E, para elucidar o seu ponto de vista sobre a prototipicidade, Lakoff (1987) elabora uma teoria, a dos modelos cognitivos.

O Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) desenvolvido por Lakoff (1987) é um conjunto complexo de *frames* distintos e que necessitam de três princípios estruturantes em sua composição. A estrutura proposicional, os esquemas imagéticos, as projeções metafóricas e metonímicas. Apresenta também, os efeitos prototípicos, no sentido de *semelhanças de família*, pois os membros de uma categoria podem se relacionar com membros de outras categorias.

Segundo Lakoff (1987), os MCIs são responsáveis pela estruturação do conhecimento e delimitam a dinâmica de funcionamento dos processos abarcados, em primeiro lugar, na conceptualização e, após, na categorização. Para o autor, um MCI deve ser compreendido de maneira análoga às noções dos *frames* de Fillmore (1976) e de espaços mentais de Fauconnier e Turner (2002), dentre outras questões da Semântica (Sócio)Cognitiva.

Cabe destacar que, usamos a língua para falar do mundo e por isso temos a impressão de que capturamos o significado próprio das coisas, entretanto não é bem assim. O significado não é próprio das coisas, ele é uma fabricação mental, assim como Fauconnier e Turner (2002) afirmam em *The way we think*. Mas isso não quer dizer que seja um delírio ou uma fabricação da nossa mente, muito pelo contrário. É um trabalho mental muito bem elaborado, no qual, utilizando o exemplo de Fauconnier e Turner (2002, p. 8), “os sapos e os morcegos” não estão na língua, mas são construções mentais /

cognitivas¹¹.

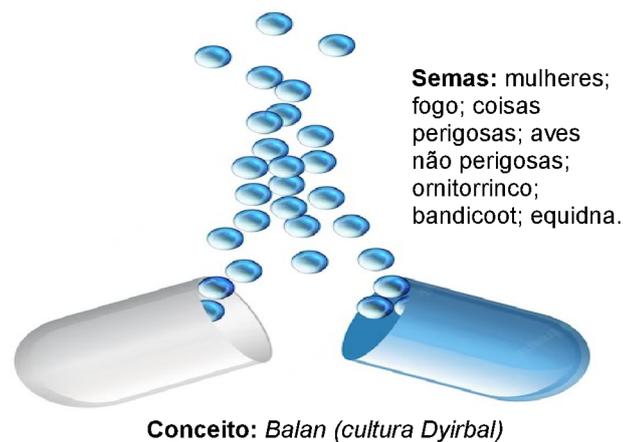
Outro exemplo que podemos elucidar é quando estamos num supermercado fazendo compras, por exemplo, e colocamos tudo junto dentro do carrinho, podemos dizer que as compras seriam uma categoria grande ou *superordenada*, como afirma Badaracco (2016). Após, quando dividimos estas compras, teremos os subgrupos, os quais Badaracco (2016) chama de *subordenados*, que seriam os grupos menores, como a dos produtos de limpeza, de higiene pessoal, dos alimentos, dentre este último, ainda haverá outra divisão, a dos alimentos perecíveis e não perecíveis, ou seja, haverá várias categorias. Assim, segundo Badaracco (2016),

(...) Ao recorrer a categorias superordenadas, não se tem muitas informações disponíveis, uma vez que os elementos, nesse nível, compartilham poucos atributos entre si. Pensando na categoria *animal*, por exemplo, é difícil encontrar propriedades comuns a todos os membros categoriais: uns são bípedes, outros quadrúpedes; uns alimentam-se de plantas, outros de carne, uns são aquáticos, outros terrestres. Dessa maneira, afirma-se que o nível superordenado é pouco informativo. Por outro lado, ao lançar-se mão de categorias subordinadas, a distinção entre exemplares é escassa. Tomando-se de exemplo um *pastor alemão*, um *labrador* e um *boxer*, são numerosas as semelhanças comuns às três raças. Os atributos percebidos como distintivos entre membros categoriais, nesse nível, são poucos, sobressaindo, de fato, as similaridades (Badaracco, 2016, p. 58 - 59).

Essas divisões e subdivisões entre as categorias ocorrem de acordo com as características que cada pessoa observa de comum entre elas. Cada cultura dividirá as categorias conforme as características que consideram ter em comum, por exemplo na cultura aborígine australiana Dyirbal (Lakoff, 1987), já citada anteriormente no trabalho, há a junção de conceitos diversos dentro da mesma categoria. Para eles esses *conceitos* possuem algo em comum, entretanto para outras culturas, esses três *termos* são completamente diferentes, não possuindo correspondências. Como podemos observar na figura abaixo:

11 No original: (...) Frogs and bats, for example, divide the world up in ways quite different from our own (Fauconnier; Turner, 2002, p. 8).

Figura 25 Semas do conceito Balan (na cultura Dyirbal)



Fonte: Arquivo da autora.

Cabe mencionar que, além dos conceitos citados acima, estão dentro da categoria outros elementos como *aves não perigosas* e *animais excepcionais* como o *ornitorrinco*, o *bandicoot* e o *equidna*. Como podemos observar nas palavras do autor:

(...) o título deste livro foi inspirado na língua aborígene australiana Dyirbal, 'que tem uma categoria, *balan*, que na verdade inclui mulheres, fogo e coisas perigosas. Isto também inclui aves que não são perigosas, bem como animais excepcionais, como o ornitorrinco, bandicoot e equidna. Isso não é simplesmente uma questão de categorização por propriedades comuns, como veremos quando discutirmos classificação Dyirbal detalhadamente (Lakoff, 1987, p. 5).¹²

Com base nesses fatos, podemos observar que a cultura Dyirbal não faz uma categorização baseada somente em propriedades comuns, mas vai muito além dessa organização. Por exemplo, se forem colocados um elemento ao lado do outro, certamente cada um possui correspondência com o elemento elencado ao seu lado. Entretanto, se compararmos os elementos das extremidades, estes talvez não tenham mais nada em comum entre si. Essas características são ordenadas em forma de *semas* os quais darão o significado para o referente, entretanto isso não é próprio do objeto, são as diferentes sociedades que as atribuem de acordo com a sua cultura.

Antigamente, por exemplo, o uso do álcool etílico (líquido ou em gel) era mais restrito e muitas vezes relacionado a questões medicinais, entretanto hoje em dia, após o surto de coronavírus, o uso do álcool é bem maior e relacionado a higiene e proteção

12 No original: (...) the title of this book was inspired by the Australian aboriginal language Dyirbal, 'which has a category, *balan*, that actually includes women, fire, and dangerous things. It also includes birds that are not dangerous, as well as exceptional animals, such as the platypus, bandicoot, and echidna. This is not simply a matter of categorization by common properties, as we shall see when we discuss Dyirbal classification in detail (Lakoff, 1987, p. 5).

peçoal. Há também outras utilidades relacionadas ao álcool, como na limpeza de móveis, de pisos, entre outros, de modo que, este produto possui mais de uma utilidade, podendo ser utilizado tanto como produto de higiene pessoal quanto de limpeza. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 26 Categorização do uso do álcool etílico

Uso do álcool etílico		
Antes da pandemia do coronavírus	Pós pandemia do coronavírus	Uso geral
Questões medicinais	Higiene e proteção	Limpeza de casa

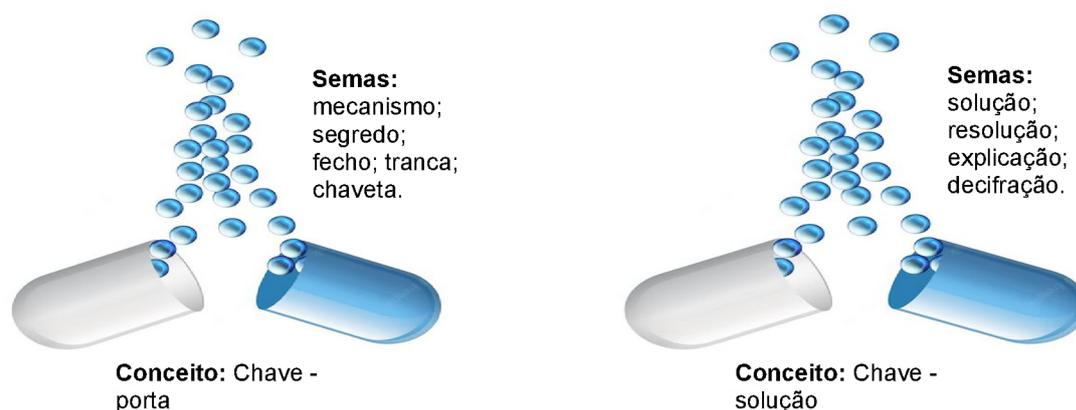
Fonte: Arquivo da autora.

A partir disso, podemos inferir que não há uma essência, não há uma propriedade que está intrínseca no objeto, no referente, mas uma fabricação cultural. Quando fizemos essas diferenciações, estamos categorizando, pois colocamos a atribuição que queremos para diferenciar as coisas do mundo, estamos separando em categorias diferentes. Assim, além de referir, além de conceptualizar e construir significado, estamos aproximando esse referente de outras coisas, de outros referentes, de modo que, quando se faz isso, estamos categorizando. Não olhamos para nada no mundo de maneira isolada, não existe uma coisa isolada no mundo. O que existe são coisas em categorias.

Quando referimos algo, além de referir, quer dizer, falar sobre alguma coisa, a conceptualização, o significado que atribuímos sobre o que falamos é criado na língua, pois é simbólico, é semiótico, não é uma coisa do mundo, e sim uma coisa construída na língua. A relação de uma unidade é com outras unidades, também percebidas semiologicamente.

Neste sentido, o que mais fazemos diariamente em nosso dia a dia é categorizar, não conseguimos referir nada no mundo sem categorizar. Não conseguimos nos comunicar de outra forma que não seja categorizando. Por exemplo, quando falamos em *chave*, pode ser a *chave da porta* da nossa casa, mas também podemos falar em *chave*, como sendo a *solução* dos nossos problemas. Desse modo, cada unidade está relacionada a outras unidades, de modo que, para elencar os significados, precisamos recuperar cada unidade de acordo com as categorias em que as inserimos. Em outras palavras, recuperamos os significados o tempo todo a partir das categorias. Como podemos observar na comparação entre as figuras abaixo:

Figura 27 Comparação entre os conceitos de Chave



Fonte: Arquivo da autora.

Assim, podemos afirmar que uma palavra, como *chave*, do exemplo acima, possui ao mesmo tempo, significações diferentes. Entretanto, cada um destes conceitos só poderá ser utilizado de acordo com o contexto discursivo no qual foi empregado.

Já, quando estudamos os verbos, também vemos isso, por exemplo, na locução verbal “vou ir”, uma construção contemporânea do português brasileiro utilizado principalmente na oralidade. Outras construções desse tipo são: *vou fazer, vou cantar, vou pintar, vou deitar, vou amar, vou descansar*. Como podemos observar, o verbo “ir” é muito usado na posição de auxiliar por inúmeros outros verbos, mas o que mais chama a atenção é o fato do verbo “ir” ser atualmente um auxiliar para ele mesmo, ou seja, o verbo “ir”, funciona com ele mesmo como um verbo auxiliar: “ir ir”, “vou ir”. Esse exemplo acima é na verdade uma recategorização, é um funcionamento novo dentro do processo da categoria dos verbos para o verbo “ir”. Isso é um processo de recategorização que passa a funcionar de maneira diferente. Conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 28 Construção de locuções verbais no Português brasileiro

Construções contemporâneas de locuções verbais no Português brasileiro	
Exemplos:	<i>Vou ir</i> (mais redundante – mesmo que “ir ir”) <i>Vou fazer; vou cantar; vou pintar; vou deitar; vou amar; vou descansar</i>

Fonte: Arquivo da autora.

No exemplo acima podemos perceber que o uso do verbo “ir”, na frente de vários verbos, é algo normal na linguagem oral dos brasileiros. Outro fato interessante é que

esse uso se tornou muito comum e o valor de redundância já se perdeu na oralidade, principalmente da locução “vou ir”, que na linguagem escrita, formal ainda possui certas restrições de uso. Aliás, a locução verbal “vou ir” possui uma significação única, que não se encontrará jamais nos dois termos separados, ou seja, transformou-se em um novo significado.

Em vista disso, quando referimos, nós recategorizamos, ou seja, ao referir, nós categorizamos, não há a possibilidade de referir sem categorizar. Isto porque, estamos o tempo todo vendo igualdades e diferenças, assim como encontramos em Saussure (2012), *um signo é tudo o que o outro não é*. Como afirma o linguista, “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 2012, p. 80). Dito de outra forma, igualdades aproximam e diferenças marcam a identidade, logo, referir e categorizar são processos que andam juntos, pois não é possível fazer uma coisa sem a outra.

Para Saussure (2012), quando ele afirma que *um signo é tudo o que o outro não é*, o linguista mostra que a referência da língua é a própria língua, ou seja, devemos olhar para a própria língua, para as categorias. Por exemplo, podemos observar essa questão nas relações associativas e paradigmáticas, em que o linguista elabora uma relação coordenada entre as palavras, entre os signos. Segundo Saussure (2012, p. 146), “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”, como podemos observar na figura abaixo,

Figura 29 As relações associativas



Fonte: Saussure, 2012, p. 146.

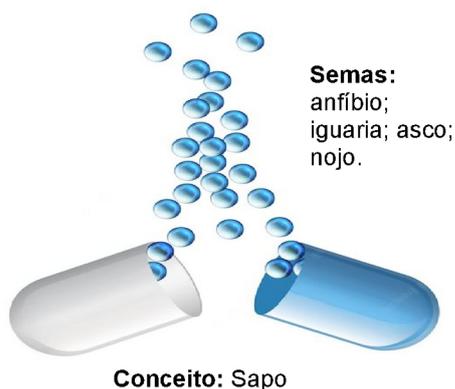
Assim, se falarmos de mobília, somente saberemos o que é uma poltrona na sua

relação com sofá ou com cadeira. Também é possível fazer outros tipos de associações, como a poltrona na sua relação com pedra ou com casa, jamais poderemos associar poltrona com outros signos que não remetam a mobília, como por exemplo, associar mobília a verbos (ver, cantar, partir), esse tipo de relação não seria possível. Como podemos observar na figura 22, dos tipos de cadeiras, mais acima.

Dessa forma, para abordar o *efeito de prototipicidade* é necessário também falar da obra *Philosophy in the flesh*, de Lakoff e Johnson (1999), pois estes autores trazem uma questão importante e que dialoga com o efeito, que é a *mente corporificada e sócio historicamente situada*. Em outras palavras, se falamos em efeito de prototipicidade esse efeito vem de uma mente corporificada sócio historicamente situada.

Fauconnier e Turner (2002) também dialogam com essa problemática, para os autores, o efeito de prototipicidade não está na língua, ele é um trabalho mental. Como já mencionado anteriormente, quando os autores afirmam que sapos e morcegos (*Frogs and bats*) não estão na língua, mas são frutos de um trabalho cognitivo / mental é porque uma pessoa pode olhar para um sapo e relacionar com outro conceito. Por exemplo, uma pessoa pode ver um sapo e relacionar com um sentimento de asco, de nojo, ou pode associar com uma iguaria, ou que o meio ambiente está a salvo, pois é uma das espécies de animais mais sensíveis do meio ambiente. Como podemos visualizar nos semas da figura abaixo:

Figura 30 Semas do conceito sapo



Fonte: Arquivo da autora.

Então, com isso percebemos que, se fosse um significado intrínseco, a pessoa deveria olhar para o sapo e apenas associar a sapo (animal), não haveria outra possibilidade. Quando associamos a outros sentidos outros conceitos, *ocorre o efeito de*

prototipicidade, ele deixa de ser um membro central de uma categoria, deixa de ser um protótipo, e sim, passa a *funcionar* como membro central de uma categoria. Logo, não há como falar de referência sem falar de categorização e para falar em categorização com sapiência, é preciso abarcar necessariamente o efeito de prototipicidade.

Considerando a diversidade de novas formas de vincular os elementos entre si, com o *efeito de prototipicidade*, a gama de orientação do referencial passou a ser polissêmica, isto porque passou a ser atrelada às concepções das *semelhanças de família* de Wittgenstein (1991 [1953]). Como podemos observar nas palavras de Duque (2002),

A liberdade de movimentos explicativos, permitidos pela nova formulação é muito grande. O resultado mais espetacular é a passagem de uma concepção mono referencial das categorias a uma concepção multi referencial. Dessa forma, a categoria *pássaro* sempre estaria integrada por *elementos pássaros*. Com o novo desenvolvimento, essa limitação se rompe. Kleiber assinala que se pode considerar esta versão como polissêmica frente à padrão, que seria monossêmica. Os elementos vinculadores dos membros das categorias, que agora se estabelecem, não correspondem mais a propriedades, como nos esquemas do modelo da CNS e da versão padrão, mas sim, a tipos de referentes, empregos ou usos diferentes, visto se pretender destacar que a mesma palavra é empregada para tipos de referentes diferentes (Duque, 2002, p. 7).

A grande particularidade da nova concepção - os *efeitos de prototipicidade* - é a *polissemia*, agora é possível ter uma concepção multirreferencial das categorias. Em outras palavras, a gama de possibilidades para categorizar se multiplicou exponencialmente, questão improvável na concepção *monossêmica* dos *protótipos*.

Para Lakoff e Johnson (1999), que os conceitos e a razão são corporificados, logo, o nosso senso do que seja real depende e inicia pelo nosso corpo, principalmente o aparelho sensorio motor, pois é este que nos permite conhecer, mover e manipular as coisas ao nosso redor, juntamente com a nossa mente que fora moldada pela experiência e pela evolução. Neste sentido, os autores afirmam que todo ser vivo categoriza, desde a ameba até os seres humanos. O processo de categorização pode ser considerado uma consequência da mente corporificada e desse modo é que interagimos e experienciamos o mundo.

Os autores destacam que, como as categorias são formadas, em sua grande maioria, por atos inconscientes diretamente relacionados às práticas *do mundo em que vivemos*, e assim, somente uma pequena parcela do que categorizamos é que foi de fato resultado de atos conscientes. Deste modo, Lakoff e Johnson (1999) afirmam que através da experiência e inferência no mundo é que as categorias sofrem remodelações e mudanças parciais, ademais não conseguimos fazer grandes mudanças nos sistemas

categoriais por atos conscientes.

Outro ponto interessante na obra de Lakoff e Johnson (1999) é o fato de que, a partir de nossos corpos e mente é que conceitualizamos uma gama incrivelmente elevada de sistemas, desde relações espaciais até relações de causa e efeito. Nosso sistema visual, nosso modo de movimentação, nossos músculos e cada membro de nosso corpo influenciam de maneira particular em nossa capacidade de criar conceitos e categorias. Em outras palavras, essa capacidade está diretamente relacionada com a forma como experienciamos o mundo.

Por fim, cabe destacar que, juntamente a essas questões da prototipicidade, a conceptualização cultural de Sharifian (2011) também se faz presente. Para o autor a cognição cultural é permeada por esquemas culturais, os quais são importantes dentro de um grupo cultural pelo fato de afirmarem padrões de conhecimento.

Segundo Sharifian (2011, p. 05), “Afirmando que, no nível cultural de cognição, significados e conceituações parecem surgir da interação entre os membros de um grupo cultural”¹³. Assim, estas conceptualizações culturais seriam emergentes entre membros de um grupo cultural, e não de modo singular. Isto porque, segundo o autor, os membros de grupos culturais negociam constantemente padrões de conhecimento a fim de conceptualizar culturalmente as experiências individuais. De acordo com o autor,

(...) as interações entre os membros de um grupo cultural podem produzir conceituações emergentes que não podem ser reduzidas a conceituações das mentes individuais. A cognição cultural é composta de *esquemas culturais* (e.g. D’Andrade, 1995; Malcolm & Sharifian, 2002; Rice, 1980; Shore, 1996; Strauss & Quinn, 1997) e *categorias culturais* (Lakoff, 1987; Rosch, 1978) que podem ser descritos como padrões de conhecimento distribuído em todo o grupo cultural¹⁴ (Sharifian, 2011, p. 05).

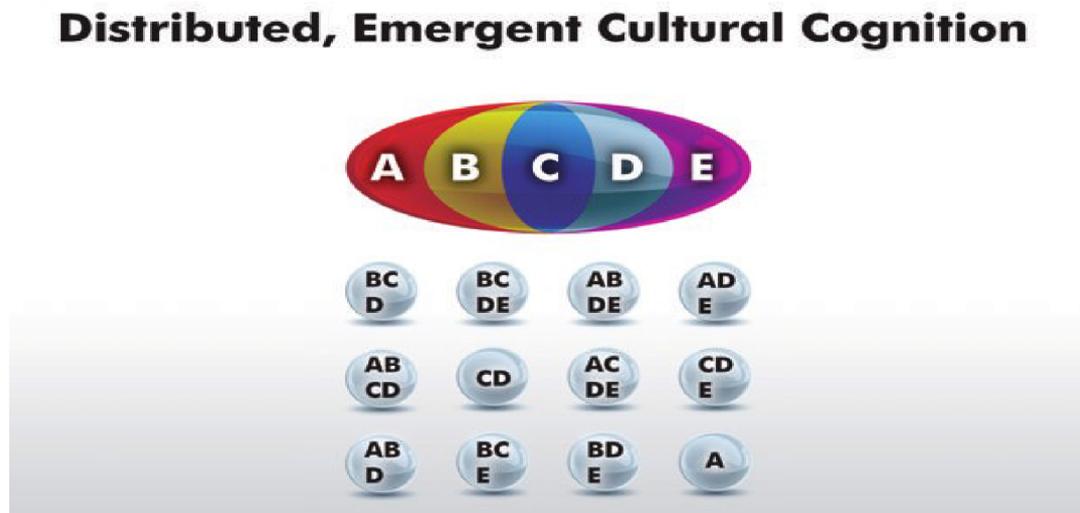
Assim, podemos observar que o autor entende as conceituações culturais como sendo desenvolvidas por meio do convívio entre os membros de um grupo cultural e estas fazem com que eles pensem de modo similar, como se fossem apenas uma mente. Essas conceituações são negociadas e renegociadas ao longo do tempo de geração em geração, ou seja, o discurso, principalmente oral, é usado como uma ferramenta para as conceituações culturais através do tempo. Cabe acrescentar que, essas conceituações

13 No original, segundo Sharifian (2011, p. 05), “I maintain that at the cultural level of cognition, meanings and conceptualizations appear to arise from the interaction between the members of a cultural group”.

14 No original, segundo Sharifian (2011, p. 05), “ (...) interactions between the members of a cultural group can produce emergent conceptualisations that may not be reduced to conceptualisations of the individual minds. Cultural cognition is composed of *cultural schemas* (e.g. D’Andrade, 1995; Malcolm & Sharifian, 2002; Rice, 1980; Shore, 1996; Strauss & Quinn, 1997) and *cultural categories* (Lakoff, 1987; Rosch, 1978) that can be described as patterns of distributed knowledge across the cultural group”.

diferem entre os grupos, sendo mais coesas em uns que em outros, essa característica independe do tamanho do grupo, não acarretando nenhuma interferência nas negociações. Como podemos observar na figura abaixo que representa a distribuição de um esquema de conceituação cultural.

Figura 31 Modelo distributivo de um esquema cultural



Fonte: Print screen web.

Na figura acima, podemos observar como a conceituação cultural pode ser representada de forma distribuída entre as mentes de um grupo cultural. As letras A, B, C, D e E significam os elementos de um cultura, já os círculos que constituem o esquema, simbolizam as mentes dos membros de uma comunidade cultural. Assim, percebemos que nem todas as mentes que constituem uma rede cultural compartilham igualmente de todos os elementos do esquema, visto que esses esquemas de cognição cultural são retratados em nível de comunidades culturais e não em nível individual. Em outras palavras, essa distribuição cultural emerge das interações entre as mentes que constituem o grupo, bem como, que todo o conhecimento é corporificado e dividido pela rede de mentes do grupo.

4. A formação do léxico

O mundo não é o que existe, mas o que acontece. Dito de Tizangara (Couto, Mia. 2005, p. 14).

Para compor o arrazoado dos capítulos deste trabalho, torna-se basilar também abordar a questão do léxico. Assim, buscaremos compreender o que é o léxico, como se forma, qual a sua função dentro da linguística cognitiva, e mais precisamente, qual o seu papel na formação do *léxico vegano*. Assim, consideramos pertinente trazer inicialmente algumas designações acerca da formação de palavras e mais adiante trataremos mais especificamente da questão do *léxico vegano*.

Para tanto, pesquisamos algumas gramáticas como, por exemplo, a de Mário Perini (1996). Este autor ao estabelecer os princípios para o estudo da gramática reservou dois capítulos para a investigação sobre as classes de palavras e um capítulo para o léxico, apesar de ter feito a seguinte afirmação, “As classes de palavras pertencem a um componente de estudo da língua que, a rigor, se distingue da gramática propriamente dita, a saber, o **léxico**. Estudaremos o léxico no capítulo 14” (Perini, 1996, p. 51 - grifo da autora). Em princípio, parece haver uma contradição em separar o *léxico* do item *classes de palavras*, se um está contido no outro. No entanto, com um estudo mais detalhado dos capítulos doze, treze e quatorze, nos quais a questão é desenvolvida, percebe-se que o que norteia a reflexão do autor é que a abordagem está inserida na parte intitulada *Quarta Parte: Lexicologia* (Perini, 1996, p. 09), e é em seu interior que todas questões apontadas são desenvolvidas, assim, no item doze o autor reflete sobre os *Princípios de taxonomia*, no treze sobre *Classes de palavras em português* e no quatorze sobre o *léxico*.

O capítulo doze, *Princípios de taxonomia*, inicia com a pergunta, *Para que classificar as palavras?* Alguns exemplos são apresentados para ilustrar que a classificação das palavras se deve a um princípio de economia, uma vez que agrupa as palavras com base em semelhanças de seu funcionamento. O linguista expande a relação e direciona sua resposta no sentido de que “as descrições gramaticais se ocupam de línguas inteiras, e aí a economia pode ser muito grande” (Perini, 1996, p. 308). Este trecho é importante para a investigação apresentada na medida em que, aquilo que na verdade a *economia* descreve e procura explicar, são regularidades na constituição e no funcionamento das palavras, ou seja, as palavras são *classificadas* a partir de semelhanças entre elas, e essas semelhanças fazem com que possam ser colocadas em uma mesma classe.

As considerações de Perini (1996), ao ter que explicar a *Lexicologia* e seu fundamento taxiológico, são importantes ao pressuposto deste estudo quanto à constituição de um léxico nomeado como *léxico vegano*. A premissa de investigação se fundamenta na perspectiva de que a designação também resulta de um processo de percepção de regularidades semânticas, de certos traços que vão sendo paulatinamente cristalizados e fixados como *semas*. Assim como, a forma da língua é parametrizada por princípios de sistematicidade e de regularidade, constituindo o que a Linguística chama de economia, o significado também se constitui da mesma maneira.

Este estudo não pretende apontar uma ampla análise da correlação forma e significado, mas apenas apontar como as questões que são semânticas também se estabelecem por meio das mesmas bases gerais que sustentam os estudos das relações morfosintáticas da língua, ou seja, que a língua, seja em seu plano de expressão, seja em seu plano de conteúdo (Hjelmslev, 1975) é um conjunto de sistematicidade. Que as regularidades do funcionamento formal e semântico das unidades é que fazem as regras de funcionamento da língua. Como podemos observar na imagem abaixo:

Figura 32 Plano de expressão e de plano de conteúdo de Hjelmslev

Matéria de conteúdo		
Plano do conteúdo	Substância do conteúdo	Signo linguístico
	Forma de conteúdo	
Plano de expressão	Forma de expressão	
	Substância de expressão	
Matéria de expressão		

Fonte: Print screen web.

Como podemos observar acima, Hjelmslev (1975) é um seguidor das ideias de Saussure, e nesse sentido, para deixar mais fácil a questão do *signo linguístico*, o autor elabora outra teoria, na qual cria o *plano de conteúdo* e o *plano de expressão*. Cada um desses planos é subdividido em *substância de conteúdo* e *forma de conteúdo*, referente ao *plano de conteúdo*, já no *plano de expressão*, a divisão é em *forma de expressão* e

substância de expressão, ou seja, Hjelmslev postulava um isomorfismo (Lopes, 1995), já que cada um dos planos possui tanto forma, quanto substância.

Arrivé (2001) considera a teoria de Hjelmslev como um *alargamento* da teoria de Saussure, no sentido de conceber uma ciência mais ampla que pudesse estudar não somente as *línguas naturais*, mas principalmente, *tudo que fosse descrito como linguagem*. Neste caso, incluiriam as chamadas *línguas artificiais* como o *esperanto*, por exemplo. Segundo o autor, quando Hjelmslev fala em *sentido do conteúdo*, ele se refere ao *referente*, apesar de não mencionar este termo em seus escritos. Para Arrivé (2001, p. 24), "(...) o 'sentido do conteúdo' é a matéria, e não a substância, a matéria no estado bruto, sem forma: o referente, em suma". Por fim, cabe mencionar que um dos critérios que fundamentam a teoria de Hjelmslev (1975) é o *princípio da simplicidade*, além da *não contradição* e da *exaustividade*, as quais são complementares ao primeiro princípio. Assim podemos concluir que, a teoria hjelmsleviana se trata de uma epistemologia sobre o conhecimento das línguas e da linguagem.

Quanto aos dados que estão na base de análise deste estudo não estão relacionados a questões morfossintáticas de formação de palavras, porque não têm sua especificidade de construção nem por relação flexional, nem por relação derivacional com outras palavras. Não são neologismos propriamente ditos, tal como *printar*, *coisar*, *deboismo*¹⁵ etc, tampouco locuções nominais, como *pôr do sol* ou *final de semana*.

Os exemplares linguísticos mobilizados como dados de análise são constituídos por construções como *leite de soja*, *leite de coco*, *hambúrguer de soja*, *almôndega vegana* etc. Seria apenas uma predicação, uma propriedade específica atribuída a um substantivo já estabelecido no sistema da Língua Portuguesa? Então como interpretá-los e justificar o título *léxico vegano*?

Nesse sentido, a questão é abordada a partir da convergência de duas bases bibliográficas. Por um lado, uma perspectiva gramatical funcionalista, a partir da *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho, na qual apresenta uma abordagem gramatical funcionalista cognitiva (Castilho, 2012), e por outro lado, uma perspectiva semântica (sócio)cognitiva, como aquela apontada em *Mappings in Thought and Language*, de Gilles Fauconnier, em que apresenta a noção de mesclagem conceptual, para explicar ocorrências como *vírus de computador* e *arquivos infectados* (Fauconnier, 1997, p. 18).

Como podemos observar nas palavras do autor:

15 Trabalho de pesquisa da mestranda Caren Adriane Brandão Leon.

Nossas redes conceituais são intrinsecamente estruturadas por processos analógicos e cartografias metafóricas, que desempenham um papel fundamental na construção sincrónica do sentido e na sua evolução diacrónica. Partes desses mapeamentos estão tão arraigadas no pensamento e na linguagem cotidianos que não os observamos conscientemente; outras partes nos parecem novas e criativas. O termo *metáfora* é frequentemente aplicado a este último, destacando o carácter literário e aspectos poéticos do fenómeno. Mas os princípios cognitivos gerais no trabalho são os mesmos, e eles desempenham um papel fundamental no pensamento e na linguagem em todos os níveis (Fauconnier, 1997, p. 18)¹⁶.

Fauconnier (1997) nessa passagem afirma que, muito além de compreendermos todas as significações às quais estamos inseridos diariamente, muitos destes parecem fazer parte do nosso dia a dia, entretanto outros, como o *léxico vegano*, parecem novos e criativos.

Cabe destacarmos também que optamos por trazer um olhar funcionalista cognitivista, como o qual encontramos em Castilho (2012), em sua *Gramática do Português Brasileiro*, no qual apresenta um elaborado trabalho sobre a nossa língua, voltado principalmente às especificações do Português Brasileiro. No subtítulo nomeado *A língua é um conjunto de processos estruturantes: Gramática Funcionalista*, Castilho (2012) afirma que a língua pode ser entendida como um processo estruturante, pois a língua não é somente *forma*, mas principalmente *matéria*, pois ela é *heterogênea e caótica*.

Neste subcapítulo, Castilho (2012) afirma que a língua está inserida dentro de uma abordagem científica conhecida como *ciência dos sistemas complexos*, na qual as *mudanças* estão na base desse sistema complexo. Uma de suas características é que não atinge um *estado de equilíbrio*, pois são constantemente transformados por eles mesmos e também pelo seu entorno. Segundo o autor, “Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e revêm constantemente sua atuação” (Castilho, 2012, p. 62).

Nesse sentido, é pertinente observarmos que devido à complexidade dos sistemas linguísticos, estes necessitam obrigatoriamente que mais de um modelo teórico seja utilizado, como de fato, estamos fazendo nesta pesquisa. Cada modelo teórico dará conta de uma parte do objeto em estudo, como no nosso caso, o *léxico vegano*. Enquanto que as teorias clássicas ajudam a compreendermos as *estruturas cristalizadas*, as teorias dos

16 No original: Our conceptual networks are intricately structured by analogical and metaphorical mappings, which play a key role in the synchronic construction of meaning and in its diachronic evolution. Parts of such mappings are so entrenched in everyday thought and language that we do not consciously notice them; other parts strike us as novel and creative. The term metaphor is often applied to the latter, highlighting the literary and poetic aspects of the phenomenon. But the general cognitive principles at work are the same, and they play a key role in thought and language at all levels (Fauconnier, 1997, p. 18).

sistemas complexos, como as funcionalistas cognitivistas, ajudam a compreendermos as estruturas recentes, novas, em construção, como é o *léxico vegano*. Com base em Mondada e Dubois (2003), podemos afirmar que *o léxico vegano não é uma construção preexistente e nem dada*, mas sim elaborada a partir do contexto no qual se insere. E neste caso, o contexto no qual estamos inseridos é de um mundo onde o veganismo se constitui como uma vertente recente, consciente e que vem ganhando cada dia mais adeptos.

Assim, de acordo com Castilho (2012), no Funcionalismo,

A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe (Castilho, 2012, p. 64).

Portanto, para haver a competência comunicativa é necessário que haja interação linguística e social entre os falantes de uma língua. Sem essa competência não há a possibilidade de ocorrer a produção e compreensão de discursos com o intuito de causar os efeitos de sentidos esperados dentro de situações específicas de comunicação.

Segundo o autor, o léxico é um dos quatro sistemas linguísticos, juntamente com a gramática, o discurso e a semântica. Já a Sintaxe Funcional busca contextualizar a língua em uso, dando ênfase *ao modo como ela representa as categorias sociais e cognitivas*. Para tanto, os componentes centrais desse escopo são o discurso e a semântica, enquanto que a gramática é relegada ao componente mais externo dessa *repartição*.

Seguindo esse raciocínio, Castilho (2012) traz um comparativo entre duas teorias, o Formalismo e o Funcionalismo, o primeiro está baseado nos pressupostos de Dell Hymes (1974), enquanto o segundo nos de Dijk (1978/1981). Nestes quadros podemos observar a sistematização das principais características destas duas teorias. Cabe destacarmos que o funcionalismo leva em conta os atos de fala, pois a língua, segundo Castilho (2012, p. 66) é vista como *um instrumento de interação social, de comunicação*, sempre levando em conta o *contexto em que ocorrem*.

Assim, nas palavras do autor, "(...) a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado" (Castilho, 2012, p. 66-67). Para o linguista, no funcionalismo a língua é compreendida

como uma atividade social, na qual o locutor e o interlocutor atuam um sobre o outro por meio da linguagem.

No subtítulo Postulado 1: a língua se fundamenta num aparato cognitivo, Castilho (2012) faz uma explanação sobre a linguística cognitiva, destacando que as ciências cognitivas *privilegiam a descrição funcional de um mundo em movimento*, mostrando as suas nuances. Depois apresenta algumas das teorias que pesquisam os fundamentos cognitivos, como por exemplo, a Teoria dos protótipos de Lakoff (1975, 1982); a Teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1984/1985), de Sweetser e Fauconnier (1996), de Fauconnier e Turner (2002), entre outros.

Castilho (2012) disserta sobre a questão das categorias gramaticais e afirma que as duas fontes da categorização linguística são importantes, tanto a clássica quanto a natural. Como podemos observar nas palavras do autor,

A teoria dos sistemas complexos postula um “*continuum* categorial”, (...) considerando-se este um procedimento analítico mais sensível às complexidades das línguas naturais. É a similitude, e não a identidade, que deve ser buscada no processo de postulação de categorias. Seus traços definidores não devem ser estabelecidos a partir de propriedades necessárias e suficientes, ou a partir de seu valor de verdade, e sim a partir de certas semelhanças que os falantes percebem intuitivamente. Os homens não levariam em conta as propriedades “físicas” dos seres no momento de sua categorização, e sim as propriedades que decorrem da imagem que eles têm desses seres, ou, nos termos de Lakoff (1982:141), propriedades perceptuais tais como “as formas percebidas, as imagens, as intenções” (Castilho, 2012, p. 70-71).

Observando as palavras do autor, podemos afirmar que não há categorias mais ou menos importantes, mas sim que no processo de categorização encontramos semelhanças entre as categorias, como nos postulados de Wittgenstein (1991 [1953]), em suas *semelhanças de família*.

Para o autor, a *Gramática Funcional* é o estudo da sintaxe no discurso, assim, quando falamos em discurso, estamos nos referindo ao *texto*, o qual é formado, segundo Castilho (2012, p. 74) “(...) por um conjunto de unidades discursivas: os parágrafos na língua escrita, e as “unidades de ideia”, “unidades informativas”, ou simplesmente “unidades discursivas” na língua falada”, ou seja, o que encontramos no texto são os atos de fala, a conversação, a interação social.

Já no subtítulo, *Postulado 4: as estruturas linguísticas são multissistêmicas*, o autor faz uma divisão da língua em dois conjuntos, de acordo com o linguista, a língua está inserida num *sistema dinâmico e complexo*, de modo que os conjuntos são divididos em *processos e produtos*. No conjunto de processos a língua é vista como *um conjunto de*

atividades mentais, pré-verbais, já no conjunto de produtos, a língua é compreendida como *um conjunto de categorias organizadas num multissistema*. Portanto, cabe destacarmos que estes sistemas são independentes *uns em relação aos outros*.

No capítulo, *Postulado 5: a língua é pancrônica - a explicação linguística*, Castilho (2012, p. 78) afirma que, para a Gramática Funcional os *significados das expressões linguísticas nas situações de fala são o início da caminhada para somente depois nos indagamos “como estas se codificam gramaticalmente”*. Enquanto que no *Postulado 6: um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos*, Castilho (2012), aborda a questão do *dispositivo sociocognitivo*, o qual possui uma *dimensão cognitiva e outra social*, sendo na primeira *problemática e integrativa*, e na outra dimensão é baseada *na análise dos turnos conversacionais*. Neste sentido, podemos elencar algumas das categorias cognitivas baseadas em Castilho (2012, p. 78) como: *pessoa; espaço; tempo; objeto; visão; movimento; evento*. Por fim, o autor destaca a *déixis* como sendo um dispositivo básico, no qual as demais categorias podem ser relacionadas.

Como podemos observar nas palavras do autor,

Os princípios sociocognitivos gerenciam os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar” (Castilho, 2012, p. 79).

O *léxico vegano* é um exemplo disso. Já que este léxico foi inicialmente desenvolvido dentro da comunidade de consumidores de comidas veganas, para depois ser difundido na comunidade em geral.

Após, o autor faz um apanhado sobre os três princípios sociocognitivos, o *princípio da ativação: a projeção pragmática; o princípio de reativação: a correção; e o princípio da desativação: a elipse*. E finaliza no capítulo, *Dialogando com outras teorias, a partir da teoria multissistêmica*, na qual destaca que, várias teorias que proporcionaram os conhecimentos necessários ao estudo da gramática em questão, assim para o autor, o

(...) central na língua é o *dispositivo sociocognitivo* que rege os sistemas, fazendo de cada um deles uma forma de representação das categorias cognitivas e, ademais, regulando-os a partir de impulsos que identifiquei na conversação, a mais básica das manifestações linguísticas (Castilho, 2012, p. 83).

Com base nas palavras de Castilho (2012), podemos afirmar que o essencial para o autor é a questão da construção de significados dentro de uma conversação, pois a

partir da cognição e do conhecimento que cada participante possui das coisas do mundo, os participantes do diálogo produzem as suas categorias cognitivas.

Já Fauconnier (1997), em sua obra *Mappings in thought and language*, apresenta as categorias de *vírus de computador* e *arquivos infectados*, como já citados acima. O capítulo intitulado *Analogia, metáfora e sistemas conceituais*, o autor traz exemplos de discursos nos quais aparecem esses exemplos e completa afirmando que muito antes de aparecerem em gramáticas ou dicionários, estes conceitos circulam livremente entre os falantes, pois são assimilados naturalmente pelos mesmos.

O vocabulário da saúde é usado para se referir ao domínio dos computadores, e nesse sentido, todo um léxico anteriormente usado no contexto biológico foi transferido ao domínio computacional, assim uma nova categoria de significação foi criada, de modo que agora os computadores podem ser *infectados por vírus danosos* e, para tanto, necessitam de técnicos especializados em diagnosticar esses problemas e acabar com essas infecções.

Como afirma Fauconnier (1997), o exemplo é direto culminando numa assimilação rápida pelos falantes, ou seja, muito antes de entrar em dicionários ou manuais, o vocabulário da saúde foi apreendido e aceito pelos usuários da computação. Por mais que essa assimilação seja rápida e natural entre os falantes, o processo de sua execução, de um domínio ao outro, é cognitivamente complexo.

O autor explica que usar o domínio da saúde para explicar certos programas perigosos ou nocivos de computadores é na realidade um *arquétipo*, ou seja, um bom esquema para demonstrar as disfunções causadas por programas nocivos, ocasionando assim, uma assimilação fácil dos usuários da linguagem. Logo, essa *analogia* é bem sucedida, pois se enquadra nos aspectos genéricos do computador.

Ferrari (2011), também aborda essa questão e nomeia esses processos de *domínio e projeção*. Para a autora, o *domínio* pode ser compreendido pelas categorias e conceitos e que conhecemos, enquanto que a *projeção* seriam as novas categorias formadas a partir do processo de combinação de duas ou mais categorias, como por exemplo, o *vírus de computador* ou o *léxico vegano*. Assim, no *domínio* teríamos o *vírus dentro do léxico da saúde*, enquanto que na *projeção* teremos o *vírus dentro do léxico da computação*, formando desse modo, o *vírus de computador*.

Já Fauconnier (1997), denomina esse processo de *analogias funcionais*, essa combinação entre domínios, como se ocasionasse uma semelhança entre eles. O autor chama a atenção ao fato de que esse tipo de esquema induzido pela conceptualização, o

qual sanciona a analogia entre domínios, se encontra em um nível de abstração muito alto, de modo que não pode ser visto como um simples processo de categorização. Para Fauconnier (1997), esse processo ocasiona não apenas a conceituação de um certo domínio, mas a construção de um novo.

O autor afirma que, no caso dos *vírus de computador* ou *arquivos infectados*, a conceptualização é viável porque acaba orientando os termos técnicos e, conseqüentemente, o trabalho com sucesso. De acordo com Fauconnier (1997), esse esquema possui um alto nível de mapeamento, mas que com o uso frequente entre os falantes, ele não será mais visto como uma analogia biológica entre os usuários, pois esse *léxico computacional*, do qual os técnicos se apropriaram, será visto como um conhecimento específico sobre os computadores.

Ainda sobre essa questão, o autor afirma que a linguagem reflete até certo ponto a presença da categorização e conceituação, e que depois desse ponto, já não conseguimos mais distinguir um do outro. O que ocorre é que o vocabulário de uma fonte ou domínio seja aplicado a outros destinos ou projeções. Assim, não falamos que um programa é *prejudicial como um vírus*, mas sim, dizemos que ele é *um vírus*. Em outras palavras, podemos afirmar que não há mais uma projeção de um acontecimento, mas sim um fato.

Podemos usar como exemplo dessa afirmação o *leite de coco*. O *leite de coco* não é o *leite* propriamente dito, pois ele não é originário das glândulas mamárias de vacas, assim ele é um composto vegetal, um *líquido esbranquiçado* feito de coco. Mas em função de possuir essas propriedades, *líquido e branco*, os quais fazem lembrar, ou referenciam o *leite de vaca*, suscitam com que a sua projeção conceptual seja de um leite, leite vegetal.

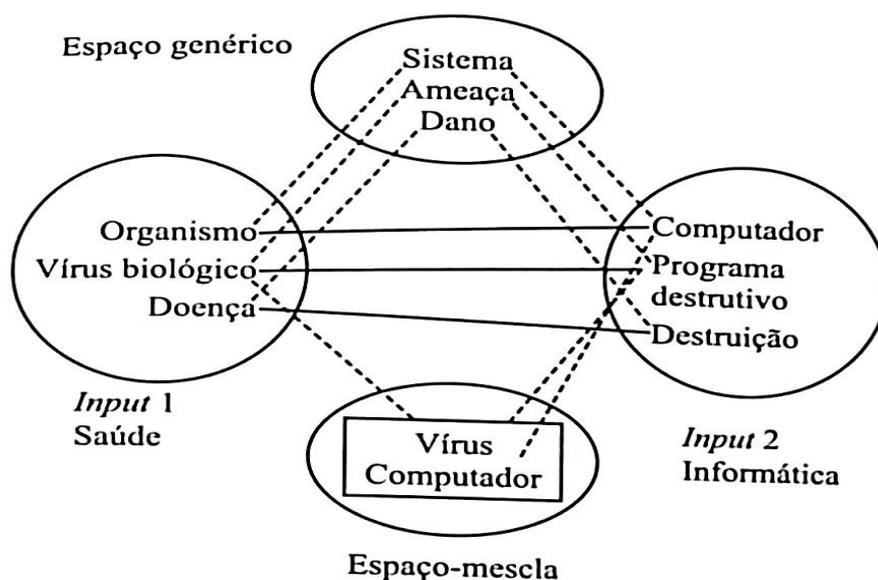
Outro ponto destacado por Fauconnier (1997) é o fato de que nesse processo ocorre a transferência de vocabulário entre o domínio e a projeção, de maneira que o alvo (projeção) conseqüentemente se encontrará nomeado e estruturado. Esse acontecimento não corta a ligação entre o domínio de origem e o alvo (projeção), mas modifica a nossa *concepção sincrônica do próprio vocabulário*. Podemos afirmar que há uma *evolução conceitual* em movimento, categorias mudam de lugar e formam novos conceitos.

Essa evolução do significado, segundo Fauconnier (1997), ocorre à medida que construímos e entendemos o nosso domínio alvo, ou seja, a projeção. Comprovamos essa afirmação quando pensamos em *vírus de computador* ou *arquivos infectados* sem ativar em momento algum a sua fonte biológica. Neste momento o novo significado já está

projetado no alvo e *ligado ao esquema de indução genérico*. Ainda, cabe salientar que a partir desse ponto, outras instâncias começam a se movimentar dentro do turbilhão da conceptualização. Vários recursos que não estavam presentes inicialmente passarão a formar a projeção, pois estes serão específicos deste espaço. De modo que vários cenários lexicais/categoriais poderão ser acionados como: *mistura, polissemia motivada ou divergência*.

Fauconnier (1997) exemplifica o *léxico computacional* demonstrando a sua formação a partir da *mesclagem conceptual* ou *blending*. Assim, podemos observar que no *Input 1* são acionados os conceitos referentes à categoria da biologia, no *Input 2* são acionados os conceitos referentes à categoria da computação e no *blending* ocorre a formação da estrutura emergente, o *vírus de computador* e *arquivos infectados*. Já no *espaço genérico*, encontramos elementos insuficientes para conseguirmos definir o que encontraremos no *blending*. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 33 Mesclagem conceptual referente ao vírus de computador



Fonte: Ferrari, 2011, p. 123.

Na figura acima, elaborada por Ferrari (2011), podemos observar a mescla dos dois *inputs*. O *Input 1* referente ao domínio da saúde, o qual também engloba *sistemas biológicos, vírus e doenças*, já o *Input 2* referente ao domínio da informática, engloba também os *computadores e programas nocivos*. Segundo a autora, “a analogia entre os *Inputs 1 e 2* é sustentada pelo Espaço Genérico que inclui abstratamente as noções de

sistema, ameaça e dano” (Ferrari, 2011, p. 122), ou seja, podemos encontrar correspondências nos dois *Inputs*, que apesar de pertencerem a domínios diferentes, possuem equivalências em seus termos. Desse modo, no espaço de mescla ou *blending*, teremos a formação de um novo léxico ou um novo conceito, o *vírus de computador*, assim como podemos encontrar também, *arquivos infectados*, como já afirmamos anteriormente.

Outra questão elencada por Ferrari (2011) em relação ao *blending* é o fato de não ser um espaço fechado, acabado. Para a autora o espaço de mescla abre várias outras possibilidades de significação, que não se delimita dentro daquele espaço de sentido, como podemos observar abaixo,

Na mescla, portanto, há a categoria “vírus”, que inclui as subcategorias “vírus biológico” e “vírus de computador”. Os membros da nova categoria, porém, não se restringem aos membros projetados dos *inputs* iniciais (saúde e computador), já que a mescla abre a possibilidade de busca de membros em outros domínios. Por exemplo, “vírus social” ou “vírus mental” (ideias destrutivas que se propagam, mudam e replicam) (Ferrari, 2011, p.123).

Como podemos observar, a gama de possibilidades para construir novas significações a partir de dois *inputs* é imenso, portanto cabe elencarmos que essas possibilidades estão intrinsecamente ligadas aos espaços sócio historicamente situados dos indivíduos que constroem esses *blendings*.

De acordo com Fauconnier (1997), encontramos no espaço de mescla, um espaço muito rico, no qual a categoria nova *constrói várias nuances direcionais*. Segundo o autor, “(...) Quando um *blending* ganha consistência, ele reorganiza nossas categorias e permite que o pensamento se mova em novas direções¹⁷” (Fauconnier, 1997, p. 23). Portanto, torna-se pertinente essa *integração* entre as duas partes, pois a partir delas forma-se uma nova *categoria combinada*.

O autor finaliza este capítulo falando de *polissemia motivada, divergência e extinção*. Fauconnier (1997) afirma que com o uso, produzimos um sentimento de polissemia relacionado aos conceitos, fato que demonstra o quanto o léxico pode aumentar para dar conta da gama de novas significações que poderão surgir a partir destes processos. Assim, termina afirmando que o exemplo de *vírus de computador* foi usado no seu trabalho porque era uma conceituação recente, como podemos observar abaixo,

17 No original: When a blend gains consistence, it reorganizes our categories and allows thought to move in new directions (Fauconnier, 1997, p. 23).

O que a investigação sobre a metáfora tem demonstrado é que os nossos sistemas conceptuais são dominados por redes deste tipo, intrinsecamente ligadas. Porque as ligações evoluem com o tempo e estão enraizadas em vários graus, os mapeamentos que usamos rotineiramente no pensamento e na conversa quotidiana estarão em diferentes fases de integração conceptual. A sua importância cognitiva não é reduzida pelo fato de deixarmos de estar conscientes deles (Fauconnier, 1997, p. 25)¹⁸.

Para o autor, o contexto é imprescindível para que mudanças conceituais ocorram, e essas interferem significativamente no modo como pensamos e organizamos as coisas do mundo. Nesse sentido, o exemplo acima descrito, sobre a integração do léxico da saúde no domínio da computação é apenas um dos inúmeros que ocorrem na linguagem, e por mais que pareçam simples, pois na grande maioria das vezes são rapidamente assimilados pelos falantes, esses processos são cognitivamente complexos.

Já na gramática de Manoel Said Ali (1964), intitulada *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, podemos perceber que ele traz duas explicações diferentes sobre a formação de palavras por composição, sendo esta o tipo de formação referente ao *léxico vegano*. Assim, segundo Said Ali (1964, p. 118), em sua Gramática Secundária, “Chama-se PALAVRA COMPOSTA a combinação de dous ou mais vocábulos com a qual se designa algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos termos componentes”. Com esta definição de Said Ali (1964), já conseguimos ter uma pequena percepção de como o *léxico vegano* se formou, mas principalmente o fato de surgir um conceito novo da união dos vocábulos antigos.

Said Ali (1964) ainda traz outras considerações sobre o processo de formação das palavras e quais os tipos de vocábulos que se unem para formar as composições, assim, segundo o autor,

Este processo de formar palavras tem o nome de COMPOSIÇÃO. Em certos casos cada um dos termos conserva ainda a sua significação, sendo contudo manifesta a tendência de se especializar o sentido para designar um conceito único e diferente. Costuma-se então dizer que houve mera justaposição, que tais palavras se acham justapostas.

(...)

Os vocábulos que constituem a palavra composta podem ser dous substantivos, combinados ou diretamente ou por meio de preposição; dous adjetivos; adjetivo combinado com substantivo; um dos termos pode ser pronome adjunto, ou numeral, sendo o outro substantivo; pode-se unir um advérbio, e em certos casos uma preposição, com um nome ou um verbo; e pode finalmente resultar a palavra composta da junção de verbo com substantivo ou com outro verbo (Said Ali, 1964, p. 118).

18 No original: What research on metaphor has shown is that our conceptual systems are dominated by intricately linked networks of this sort. Because the links evolve over time and are entrenched to various degrees, the mappings we use routinely in everyday thinking and talking will be at varying stages of conceptual integration. Their cognitive importance is not reduced by the fact that we cease to be consciously aware of them (Fauconnier, 1997, p. 25).

Conforme podemos observar acima, o autor destaca o fato de que, em algumas situações, pode haver a estabilidade da significação individual de cada um dos termos, entretanto, a inclinação é sempre no sentido de, juntos, formarem um conceito novo.

Já com base na gramática histórica, Said Ali (1964) afirma que,

Chama-se palavra composta a toda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo gênero de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos elementos componentes. É o resultado da evolução e fusão semântica destes elementos, devendo-se notar que muitas das atuais palavras compostas, antes de se fundirem semanticamente para representar uma ideia simples, tiveram um período de existência bastante longo em que não se distinguiam de outros grupos sintáticos. Em outros casos o processo da composição efetua-se desde logo ou em tempo muito breve (Said Ali, 1964, p. 258).

Na parte histórica da gramática, o autor aprofunda a explicação a respeito da formação de palavras compostas, à qual podemos comparar se não equiparar ao *léxico vegano*. Said Ali (1964) afirma que essa mudança no conceito não é algo simultâneo, mas demanda um período de tempo, ou seja, é resultado de um aperfeiçoamento, de uma progressão.

Ainda, ao observarmos a composição ou formação do *léxico vegano*, podemos afirmar que é formado pela união de um substantivo com um adjetivo. Essa combinação ocorre porque o termo *vegano* é considerado como um *adjetivo* em seu uso relacionado com outros termos no sentido de designar tipos de alimentos, vestimentas, produtos de higiene, entre outros. Já *vegano*, como *substantivo masculino*, é usado para se referir ao indivíduo que adere à filosofia de vida vegana, ou seja, que não consome ou usa nenhum produto de origem ou exploração animal. Quanto à combinação entre o substantivo e o adjetivo, segundo Said Ali (1964), este pode ocorrer de duas formas, o adjetivo pode vir após o substantivo ou antes dele, sendo que o primeiro caso é o mais comum.

Corroborando com essas asserções, Coutinho (1974, p. 175) afirma que, no processo de formação de palavras por composição, “(...) há o elemento principal, que se chama *determinado*, e o secundário ou acessório, que é o *determinante*”. Bem como, em sua grande maioria, o determinado antecede o determinante. Com base nas palavras de Mattoso Câmara, Coutinho (1974) afirma que as duas palavras que formam a composição determinam quase ou totalmente a sua significação, como por exemplo: *hambúrguer vegano – hambúrguer sem carne, vegetal; leite de coco - líquido branco feito de coco*.

Se aprofundarmos mais a questão do *léxico*, podemos observar que cada língua possui o seu próprio *léxico*, cada cultura possui as suas próprias particularidades e características. Portanto, o *léxico* de uma língua não é somente uma gama infinita de

palavras sem um propósito, mas um arrazoado de conhecimentos e referências que não possuem as mesmas significações fora da cultura a qual pertence. Neste sentido, cabe mencionarmos que segundo Kenedy (2016), para a linguística gerativa, o *léxico*:

(...) não é somente o vocabulário de uma língua, não é apenas o conjunto de palavras convencionalizadas numa língua-E¹⁹, tal como um dicionário. O léxico é, sobretudo, a maior fonte de informação linguística necessária para a aquisição e o uso de uma língua-I²⁰. Assim, o léxico contém, é claro, as especificações sobre a relação arbitrária entre o significado e o significante de um grande número de palavras – tal propôs Ferdinand de Saussure, (...), mas **também** contém o conjunto de todas as informações fonológicas, morfossintáticas e semânticas imprescindíveis para a aquisição e o uso da língua do ambiente (Kenedy, 2016, p. 31).

Para o autor, o léxico é uma das maiores fontes de vocabulário dos usuários de uma língua, tanto para a sua aquisição quanto para o seu uso entre os falantes. Assim, quando novas palavras são criadas e introduzidas no vocabulário dos usuários de uma língua, estes vocábulos precisam ser conhecidos dentro de um grupo para depois fazer parte de toda uma comunidade de fala. Sem essa aprovação de um *continuum*, o novo léxico não fará parte da comunidade de fala.

Quanto ao fato da arbitrariedade do signo, citada acima, nas palavras de Kenedy (2016) se referindo ao léxico, cabe lembrar que Saussure (2012), quando apresenta a relação da arbitrariedade do signo entre o *significado* e o *significante*, deixa claro que esse é o *primeiro princípio da natureza do signo linguístico*. Assim, neste trabalho, o *léxico* e o *signo linguístico* serão tomados como sinônimos, de modo que as regras que envolvem o signo linguístico também se aplicam ao léxico.

Observando o objeto de estudo nesta dissertação, o *léxico vegano* não representa somente uma maneira diferente de ver, compreender e vivenciar o mundo que nos cerca, mas também é uma forma de preservar e melhorar o nosso espaço. Quando os consumidores de alimentos veganos se tornam, automaticamente também, os defensores da vida dos animais e procuram demonstrar a sua filosofia de vida, de várias maneiras, não somente através de sua alimentação, mas também da nomenclatura dos alimentos. Priorizando um léxico que lembre uma alimentação saudável e sem violência, como por

19 Segundo Kenedy (2016, p. 29), “A noção de Língua-E corresponde *grosso modo* ao que comumente se interpreta como *língua* ou *idioma* no senso comum, por pessoas que não frequentaram cursos especializados em linguística. Por exemplo, o *português* é uma língua-E no sentido de que é esse fenômeno *sociocultural, histórico e político* que compreende um *código linguístico*: a língua portuguesa”.

20 Com base em Kenedy (2016, p. 34), “uma língua-I é o conhecimento linguístico de uma pessoa, aquilo que está presente na sua mente e lhe permite usar uma língua-E para produzir e compreender palavras, sintagmas, frases e discursos.

Na acepção de língua-I, uma *língua* é entendida como parte do sistema cognitivo humano. Trata-se de uma faculdade psicológica ou, por assim dizer, um *órgão mental*.”

exemplo, em *proteína de soja* ao invés de chamá-lo de *carne de soja*. Essas pequenas diferenças no léxico, que ao primeiro olhar parecem imperceptíveis, mas depois de analisadas e compreendidas, explanam um universo de diferenças exorbitantes.

Neste sentido, ao observarmos a definição de *léxico* para Kenedy (2016), o autor afirma que,

O *Léxico* é um componente evidente da arquitetura da linguagem. Afinal, é um fato empírico óbvio que todas as expressões linguísticas nas inúmeras línguas naturais são compostas por itens lexicais. A importância do Léxico no funcionamento da linguagem é crucial, pois é nele que se encontram armazenadas todas as informações de som e de significado que devem se combinar durante uma derivação, de modo a gerar representações complexas no par (π, λ) ²¹. O Léxico é, portanto, o início de nossa linha de produção. É de lá que retiramos as informações necessárias para criação de expressões com som e significado (Kenedy, 2016, p. 125).

A importância do léxico gira em torno da questão de que ele é o nosso primeiro contato com a linguagem, bem como de compor todo o arcabouço de novas e antigas palavras. Apesar de não parecer muito lógico, o léxico possui uma sequência linear de características e regras que as determina e identifica como uma ou outra. Pode ser inclusive comparado com demais palavras que compõem uma sequência linguística.

Corroborando com as afirmações acima, Perini (2006) também traz essa questão referente à necessidade da existência de uma série de regras que fazem parte de uma língua, e assim, para que os seus falantes a dominarem, precisam necessariamente saber dessas regras gramaticais. Para Perini (2006, p. 344), “(...) o léxico pode ser considerado, *grosso modo*, como um repositório da informação idiossincrática (não diretamente governada por regras) da língua”. O autor afirma este fato porque o léxico, além de *palavras*, também é composto por *morfemas separados e expressões idiomáticas*. Deste modo, o estudo do léxico é denominado de *lexicologia*.

Cabe então, abordarmos outro ponto, o *lexema*, que é diferente de palavra. O *lexema*, segundo Perini (2006, p. 345) é “(...) um conjunto de palavras que diferem apenas quanto a morfemas flexionais”. Por exemplo, as palavras: *vegano, vegana, veganos e veganas* a quatro formas do *lexema: vegano*. Portanto, o arcabouço de um *léxico* é abrangente, plural, grande, mas, principalmente o início do conhecimento cultural de uma língua pelos seus usuários.

O léxico de uma língua, como podemos observar nas palavras de Kenedy (2016),

21 Para Kenedy (2016, 117), na linguagem, as representações do par (π, λ) significam respectivamente, a representação fonética (π) e a representação lógica (λ).

(...) o Léxico é componente inicial e nossa fábrica de representações (π , λ). Sua função principal é promover a Sintaxe de itens lexicais com os quais possa gerar sintagmas e frases a partir das operações computacionais de uma derivação. São produtos da Sintaxe, isto é, os sintagmas e as frases, que devem ser enviados a FF e FL²².

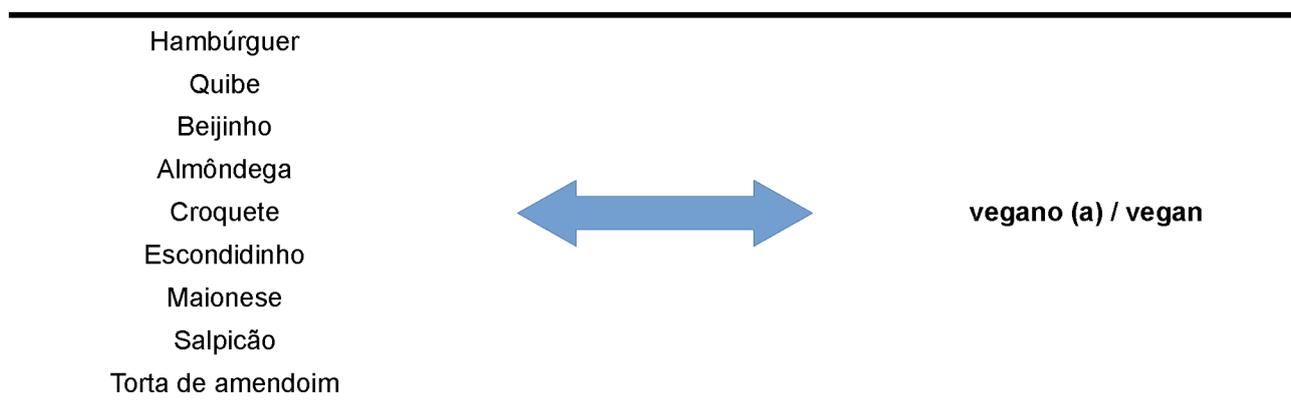
(...)

Na arquitetura da linguagem, o Léxico deve ser interpretado como o repositório de informações linguísticas que dão origem às representações (π , λ). Essas informações são tecnicamente chamadas de *traços*. Tais traços são idiossincráticos e, por isso mesmo, podem variar arbitrariamente de língua para língua, dando origem à diversidade linguística existente no mundo. São três os tipos de traços existentes no Léxico: *semânticos*, *fonológicos* e *formais* (Kenedy, 2016, p. 128).

Assim, compreende-se que o léxico faz parte de um conjunto maior, do qual podemos buscar novas combinações, ou também criar novas palavras, como no caso o *léxico vegano* que fora construído a partir de uma *nomenclatura já culturalmente estabelecida*. Entretanto, para a comunidade vegana, o atual léxico que abarca alguns nomes que remetem a alimentos carnívoros deveriam ser excluídos e um léxico novo ser criado.

Apesar da língua ser viva, as mudanças que ocorrem são graduais, lentas e imprevisíveis, tanto pelos usuários, quanto pelos linguistas. Como por exemplo, a nomenclatura do *léxico vegano*, em sua grande maioria os nomes dos alimentos veganos possuem o *adjetivo vegano(a) ou vegan* compondo o seu léxico, como *hambúrguer vegano, quibe vegano, beijinho vegano, almôndega vegana, croquete vegano, escondidinho vegano, maionese vegana, salpicão vegano, torta de amendoim vegan*. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 34 Léxico composto de nomes conhecidos acrescidos do adjetivo “vegano”



Fonte: Arquivo da autora.

22 Estas duas abreviações: FF (Forma fonética) e FL (forma lógica) são os componentes finais da arquitetura da linguagem humana, segundo Kenedy (2016, p. 133).

Cabe ressaltar que o léxico de uma língua não surge a partir de sua gramática ou de seus princípios, mas conforme a necessidade dos seus grupos falantes. Essa necessidade surge na demanda do dia a dia de uma comunidade de fala. Quando uma palavra já não consegue mais definir o conceito ao qual se referem novas palavras surgem, novos léxicos são criados. E com a regularidade de seu uso, eles acabam se instituindo como legítimos. Essa questão também é afirmada por Kenedy (2016), para o autor,

(...) o léxico de uma língua vem sendo interpretado pelos linguistas como o repositório das irregularidades e das idiossincrasias da linguagem. Essa interpretação assume que o léxico opõe-se à gramática de uma língua porque, diferentemente dessa, não é um sistema gerativo, ou seja, não é criado ou deduzível por meio de princípios e/ou regras (Kenedy, 2016, p. 135).

Logo, podemos perceber que, apesar de parecer uma mudança fácil, este processo é lento e contínuo. Lento porque não ocorre da noite para o dia, mas precisa de anos para se concretizar, e neste mesmo sentido acaba sendo um processo contínuo, pois precisa manter uma continuidade neste período de tempo. Além destas questões, cabe ressaltar que também estão envolvidas nesta tarefa questões culturais e *semelhanças de família*.

Por fim, cabe elencar alguns dos traços²³ do léxico, os quais segundo Kenedy (2016) são divididos em semânticos, fonológicos e formais. Os *traços semânticos* são aqueles que dão sentido e significado ao enunciado, já os *traços fonológicos* são aqueles que mantêm uma relação entre a língua e o aparato sensorio motor humano, e por fim, os *traços formais* são os que codificam as informações, separando-os em sintagmas ou sentenças, por exemplo. Como podemos observar nas palavras do autor,

(...) os valores e as informações que se encontram codificadas no Léxico de uma língua são chamados de **traços** (*features*, em inglês). Dessa forma, dizemos que cada item do léxico é, na verdade, um composto de traços. (...) são três os tipos de traços lexicais: traços semânticos, traços fonológicos e traços formais.

(...)

Assim, (...) os *traços semânticos* presentes num item lexical são aqueles que estabelecem relações entre a língua e o sistema conceitual-intencional, já que é a partir deles que as expressões linguísticas se tornam interpretáveis, assumindo certo significado e dado valor referencial no discurso. Por sua vez, os *traços fonológicos* de uma unidade do léxico estabelecem relações entre a língua e o sistema articulatório-perceptual, tomando possível que os itens do léxico sejam manipulados pelo aparato sensorio-motor humano e, assim, assumam certa articulação e certa percepção física.

Por fim, (...) os *traços formais* são aqueles que, no funcionamento da cognição linguística humana, codificam informações a serem acessadas e usadas pelo Sistema Computacional da linguagem humana, em sua função de prover as interfaces linguísticas com sintagmas e sentenças (Kenedy, 2016, p. 137).

23 O termo *traço* refere-se ao conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer (Kenedy, 2016, p. 137).

Corroborando com essas questões, Sharifian (2017) em sua obra *Cultural Linguistics: cultural conceptualisations and language* abarca assuntos relacionados a Linguística Cultural, pertinentes para este capítulo. O autor inicia a sua fala dizendo que na Europa o termo “linguística cultural” é bem popular e usado para se referir a área geral sobre língua e cultura. Mais adiante, o autor amplia o tema e desenvolve o seu olhar sobre a linguagem, a cultura e as conceptualizações. Segundo o autor, a Linguística Cultural “se refere a uma disciplina com origens na multidisciplinaridade e que se dedica a desenvolver a relação entre a linguagem e as conceptualizações culturais”²⁴ (Sharifian, 2017, p. 02).

Ainda com base nesta questão disciplinar da Linguística Cultural, ela possui tanto uma *estrutura teórica* quanto *analítica* como ferramentas de análise para investigar as conceptualizações culturais que se encontram nos indivíduos através da linguagem. A questão da estrutura teórica está centrada no conceito de *cognição cultural*, a qual, foi bem desenvolvida pelo autor com o objetivo de facilitar a compreensão dos leitores. Segundo Sharifian (2017), a cognição cultural pode ser compreendida como um sistema complexo, no qual, a característica fundamental é o fato de que a experiência de um falante não captura totalmente a cognição da sua comunidade, entretanto ela é constantemente negociada entre os falantes. Como podemos observar,

(...) Crucialmente, os elementos da cognição cultural de uma comunidade de fala não são igualmente compartilhadas por todos os falantes em essa comunidade, tanto que, de fato, a cognição cultural é uma forma de (heterogeneamente) *cognição distributiva* (Hutchins, 1994; Sharifian, 2008a). (...) Além disso, a cognição cultural é dinâmica na medida em que está sendo constantemente negociada e renegociada através das gerações e por meio do contato entre comunidades de fala²⁵ (Sharifian, 2017, p. 03).

Cabe acrescentar que a Linguística Cultural compreende a cognição como um sistema complexo de adaptação no qual através do convívio discursivo entre os indivíduos de um grupo, pertencente a certo tempo e espaço, acabam surgindo o que o autor chama de “propriedades emergentes”, ou seja, englobam fatos e fatores sociais, culturais e historicamente situados. Estas propriedades emergentes podem ser vistas como “um sistema em nível global, as quais não são meras imagens espelhadas das propriedades que caracterizam a cognição de cada indivíduo e muito menos são a soma

24 No original: (...) to refer to a recently developed discipline with multidisciplinary origins that explores the relationship between language and cultural *conceptualisations* (Sharifian, 2017, p. 02).

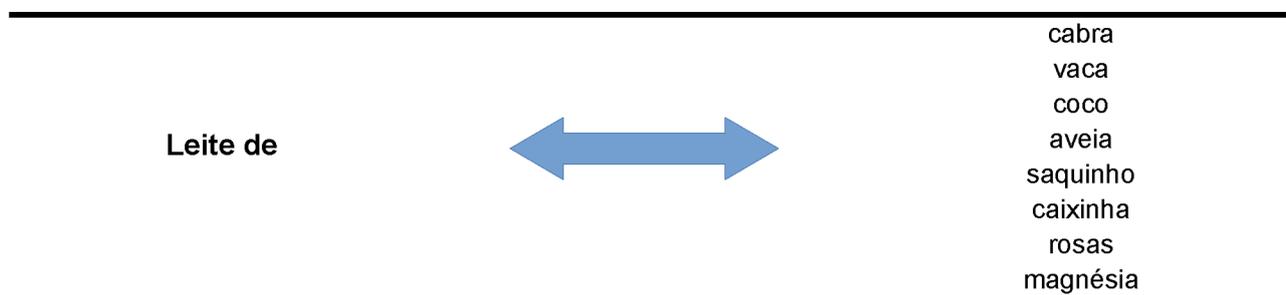
25 No original: Crucially, the elements of a speech community’s cultural cognition are not equally shared by speakers across that community, so much so that, in fact, cultural cognition is a form of (heterogeneously) distributed cognition (Hutchins, 1994; Sharifian, 2008a). [...] Also, cultural cognition is dynamic in that it is constantly being negotiated and renegotiated across generations and through contact between speech communities (Sharifian, 2017, p. 03).

das cognições individuais dentro do grupo”²⁶ (Sharifian, 2017, p. 04). Já em relação a *cognição distributiva* é interessante elencar que, o controle da cognição é distribuído heterogeneamente ao longo do grupo e entre todos os sujeitos, portanto ele não submetido a um aparato centralizado.

Outra questão relevante que Sharifian (2017) aponta no livro é uma das características do “sistema complexo, o *nested*”, compreende o fato dos próprios componentes do sistema serem “complexos e adaptativos”, ou seja, eles possuem seu próprio esquema de interação com o objetivo de se (re)construírem continuamente. Outra característica é a dificuldade em determinar os limites destes sistemas complexos, pois eles são *abertos*. Fato que torna impossível dizer quais seriam os seus limites, normalmente estabelecidos por um observador ou por preconceitos envolvidos na questão, e não uma especificidade própria. A cognição cultural também possui a mesma característica, ela também não possui limites estabelecidos, e neste mesmo sentido, se torna impossível afirmar em que ponto começa ou termina uma comunidade linguageira.

Uma metáfora elencada por Sharifian (2017) para designar um dos aspectos centrais da cognição cultural relacionada à linguagem é o fato de que ela serviria como um “banco de memória coletiva” (wa Thiong’o, 1986) do discurso da comunidade. A questão gira em torno do fato de que muitas particularidades da linguagem de uma comunidade de fala são aperfeiçoados por elementos da cognição cultural que predominam em vários estágios da história da língua dessa comunidade e as quais deixaram vestígios na prática linguística dos seus futuros falantes. A exemplo do léxico *leite*, como *leite de vaca*, que em contraste/oposição a outros *leites*, necessariamente precisa de outro adjetivo para identificá-lo. Como podemos observar abaixo:

Figura 35 Uso de adjetivos no léxico *leite* para identificá-lo / diferenciá-lo



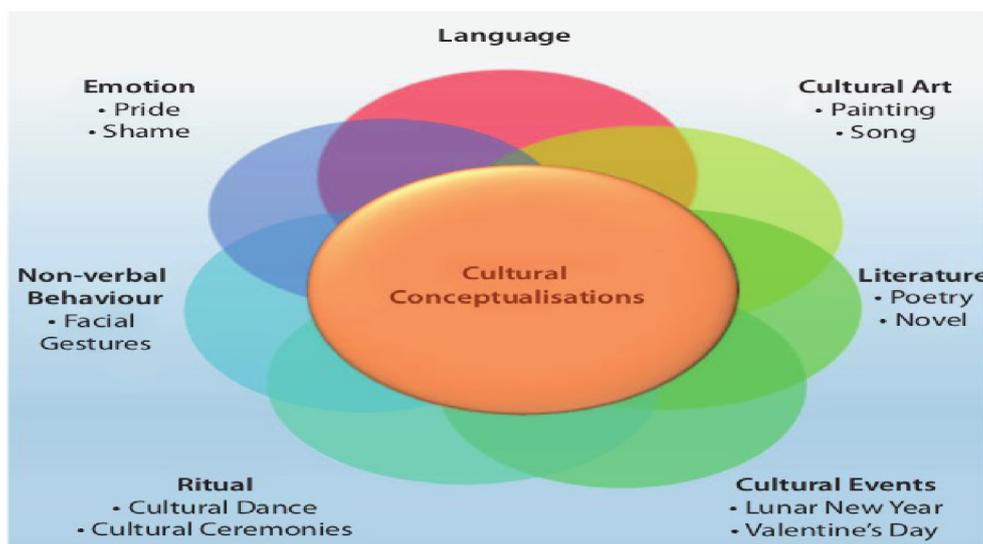
Fonte: Arquivo da autora.

26 No original: The emergent properties of cultural cognition as a system at the global level (the macro-level) are not mere mirror images of those properties that characterise the cognition of each individual (themicro-level), nor are they the sum of the individual cognitions within the group (Sharifian, 2017, p. 04).

No exemplo acima, podemos observar que o *léxico leite* possui vários adjetivos, e cada um deles qualifica e os diferencia simultaneamente, modificando assim o seu significado. Lembrando que estes adjetivos são importantes para os usuários destes produtos, pois é a partir do léxico que eles compreendem a especificação do mesmo, principalmente se formos comparar o *leite de vaca* com o *de caixinha* e o *de saquinho*. Os três tipos, a princípio possuem a mesma origem, são de vaca, mas de acordo com os consumidores, estes possuem diferenças significativas.

Corroborando com essa questão, segundo Sharifian (2017) podemos compreender a partir da cognição cultural que vários aspectos da linguagem de uma comunidade são adaptados pelos seus elementos constituintes sendo possível comparar a linguagem “a um mecanismo primário de “armazenamento” e de comunicação da cognição cultural, atuando tanto como um banco de memória quanto como um veículo fluido para a (re)transmissão da cognição cultural”²⁷ (Sharifian, 2017, p. 05). Mais adiante autor disponibiliza um esquema no qual demonstra a importância das conceptualizações culturais, as quais são relevantes para a linguagem e a linguística, bem como também é refletida em vários aspectos da vida das pessoas, sendo estudada em várias disciplinas, como é possível observar na imagem abaixo:

Figura 36 A relevância das conceptualizações culturais para diversas disciplinas/domínios



Fonte: Print screen web.

27 No original: In this sense, language can be viewed as a primary mechanism for “storing” and communicating cultural cognition, acting both as a memory bank and a fluid vehicle for the (re-)transmission of cultural cognition (Sharifian, 2017, p. 05).

Como afirma Sharifian (2017), estudar conceptualizações culturais é importante tanto à linguagem quanto à linguística, principalmente porque estas conceptualizações se refletem em vários aspectos da vida das pessoas. E neste sentido, ainda complementa afirmando que inúmeros estudiosos podem pesquisar sobre esse tema em diferentes disciplinas como: antropologia, psicologia, literatura, sociologia, teologia e artes plásticas.

Segundo o autor, a estrutura analítica da Linguística Cultural “é responsável por fornecer algumas ferramentas que permitem a análise entre a linguagem e as conceptualizações culturais, além de noções como “esquema, categoria e metáfora culturais” (Sharifian, 2017, p. 07). Nesse sentido, os *esquemas culturais* compreendem crenças, normas, valores e expectativas de comportamento, já as *categorias culturais* são estruturas conceituais tais quais cores, emoções, alimentos, termos de parentesco, eventos, etc. Por fim, as *metáforas culturais* as quais são conceitos fundamentados em tradições culturais, como medicina popular, visão de mundo e um sistema de crença espiritual.

Conforme Sharifian (2017), o estudo das cores é um campo relevante para esta área de estudo. O autor elenca exemplos de vários esquemas culturais em que a mesma cor pode ser relacionada a diferentes sentimentos, bem como, pode ser caracterizada de diferentes maneiras. Por exemplo, certo objeto ser da cor verde para uns e, ao mesmo tempo, da cor azul para outros. O autor ressalta que, as cores também fazem parte de metáforas conceituais, como por exemplo, *ovelha negra ou mentira branca*.

Outro aspecto importante é o fato da capacidade intrínseca de indivíduos pertencentes a diferentes culturas “(re)conceptualizar as conceptualizações culturais já existentes”. Esse fenômeno ocorre principalmente em função do comércio transnacional e da globalização, os quais colaboram com as contínuas convivências entre “diferentes comunidades languageiras, e conseqüentemente diferentes sistemas de conceituação cultural”. Assim, segundo o autor,

(...) a reconceptualização pode assumir várias formas, incluindo a mistura de elementos de sistemas conceituais extraídos de diferentes comunidades discursivas e tradições culturais, um fenômeno que pode ser referido como reconceptualização *transcultural*²⁸ (Sharifian, 2017, p. 09).

De acordo com Sharifian (2017), o conceito de *Esquemas Culturais* advindo da perspectiva da Linguística Cultural, admite que se façam deduções sobre o conhecimento

28 No original: (...) reconceptualisation may take various forms, including the blending of elements of conceptual systems drawn from different speech communities and cultural traditions, a phenomenon that may be referred to as *cross-cultural* reconceptualisation (Sharifian, 2017, p. 09).

do interlocutor, isto porque quando ocorre uma comunicação efetiva, ou seja, para que o diálogo seja satisfatório, é necessário que tanto o falante quanto o ouvinte compartilhem destes esquemas culturais.

Por exemplo, quando falamos no conceito *tomate*, o nosso interlocutor certamente acionará *semas* relacionados a este *léxico*, de acordo com o uso na alimentação e seu conhecimento é categorizado como um *legume*, usado em saladas e pratos salgados. Mas, se o nosso interlocutor tiver acesso a conhecimentos científicos sobre o *conceito tomate*, ele saberá que se trata de uma *fruta* e não um legume. Fatos que corroboram com Sharifian (2017), segundo o qual, as questões culturais estão diretamente relacionadas ao nosso conhecimento sobre as coisas do mundo e, assim, como as categorizamos em nosso cotidiano. O *léxico tomate*, apesar de ser uma fruta, é categorizada como se fosse uma *leguminosa*, não sendo comum ser usada em salada de frutas, por exemplo.

Neste mesmo sentido podemos trazer outro exemplo, o *léxico morcego*. Dentre os seus *semas*, de acordo com o conhecimento de mundo, podemos destacar: *ave noturna, mamífero, se alimenta de insetos e frutas, tem duas asas, hábitos noturnos*. Apesar de parecerem corretas, há uma característica que não condiz com o *conceito de morcego*, cientificamente, ele não é classificado como uma *ave*, mas sim como um *mamífero*. Entretanto, em relação ao conhecimento de mundo, das questões da cognição cultural, conforme aborda Sharifian (2017) e das *semelhanças de família* de Wittgenstein (1991 [1953]), e em relação a categorização que fazemos das coisas do mundo, acabamos considerando o *morcego* uma *ave*, e não um *mamífero*.

O mesmo ocorre com o *conceito de baleia*, este *léxico*, aparentemente pode ser classificado como: *peixe, animal marinho, aquático, de grande porte*. Porém, cientificamente sabemos que a baleia também é um mamífero, e assim, não poderíamos afirmar que se trata de um peixe. Desse modo, de acordo com Sharifian (2017), nos conhecimentos culturais e das *semelhanças de família* de Wittgenstein (1991 [1953]), o conceito de baleia é mais propício de ser categorizado como um peixe do que como um mamífero.

5. Análise de dados

(...) a linguagem não é um simples código nem contém imanente um sistema semântico, mas se caracteriza como um sistema simbólico de grande plasticidade com o qual podemos dizer criativamente o mundo (Marcuschi, 2002, p. 43-44).

Com base nas considerações teóricas da Semântica (Sócio)Cognitiva e dos *espaços mentais*, buscamos compreender de que maneira a *mesclagem conceptual* e o *léxico vegano* podem estabelecer relações para a conceptualização e categorização enquanto processos constitutivos de um *léxico vegano*. Para tanto, investigamos como se dá a constituição do *léxico vegano* em anúncios de produtos veganos a partir de um *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado. Neste sentido, fez-se pertinente o estudo da categorização referencial, por meio dos processos de conceptualização em Lakoff e Johnson (1999), em Fauconnier e Turner (2002) e em Sharifian (2011); e de categorização em Lakoff (1987), em sua relação com a noção de Semelhanças de Família de Wittgenstein (1991[1953]), aplicados à constituição de um *léxico vegano*.

A escolha pelo recorte de estudo, o *léxico vegano*, se deu em função da característica deste léxico, devido a sua vinculação “a formas de designação já consolidadas culturalmente”. Particularidade esta não exclusiva do objeto de estudo em questão, entretanto, está ocorrendo um aumento considerável de produtos veganos no mercado de alimentos, fato que justifica a sua importância.

Deste modo, os objetivos deste trabalho são estudar a relação entre conceptualização, categorização e referenciação sob o escopo da Semântica (Sócio)Cognitiva, a partir do estudo do *léxico vegano* em anúncios publicitários; bem como, buscar compreender os modelos de cognição cultural que emergem destes processos; delimitar uma noção do que designamos como *léxico vegano*.

Cabe mencionar que, a pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que consiste no desenvolvimento de uma análise com base na perspectiva da Semântica (Sócio)Cognitiva, mais especificamente dos *espaços mentais* sobre o fenômeno da constituição do conceito de um *léxico vegano* em anúncios de produtos veganos. Quanto aos procedimentos metodológicos, de acordo com Gil (2002), a pesquisa é exploratória com base nos objetivos propostos. E, com base nos procedimentos técnicos, o fenômeno estudado é a formação de um *léxico vegano* em anúncios de produtos veganos.

Para a execução do trabalho de pesquisa, foram captadas imagens de cardápios, retirados da *internet*, de restaurantes veganos que apresentam alimentos que

designamos como *léxico vegano*, bem como anúncios de produtos em mercados e ainda de *sites* de culinária que anunciam receitas com produtos veganos como, por exemplo, receitas com *leite de coco*, *de soja* e *de banana*. O período de realização da coleta de dados ocorreu entre junho de 2021 a julho de 2022. Quanto aos gêneros textuais presentes no *corpus* temos os gêneros textuais *anúncio* e *cardápio*, os quais pertencem à tipologia textual descritiva, pois descrevem o que querem vender ao público. Os outros dois gêneros textuais são *propaganda* e *receita*, estes podem ser classificados como pertencentes à tipologia textual injuntiva, pois são marcados pela presença do imperativo.

Na figura abaixo podemos observar um dos dados coletados:

Figura 37 Beijinho vegano



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CTBTSNlrvq2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Neste sentido, o *corpus* foi analisado por meio dos processos de conceptualização referencial, de conceptualização cultural, de categorização e prototipicidade em sua relação com a noção de Semelhanças de Família. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 38 Semas do beijinho vegano



Fonte: Arquivo da autora.

Com base nos semas acima, percebemos que eles englobam unidades mínimas de significação que definem o *beijinho vegano*, como sendo um *doce vegano*, feito com coco, leite vegetal, açúcar e que remete a sentimentos como afeto e carinho. E quanto ao *léxico vegano*, o que diferencia o *beijinho vegano* do *beijinho comum*, podemos assim dizer, é a questão do adjetivo *vegano*, o qual engloba os ingredientes de origem vegetal, pois essa é a característica dos *alimentos veganos*. Assim, a partir do processo de análise, observamos como se dá a constituição do conceito de *léxico vegano* advindo, em sua grande maioria, do *léxico alimentar* já sedimentado na cultura.

Neste sentido, pode-se afirmar que a pesquisa, sobre a constituição de um *léxico vegano* é um processo que resulta de um modelo de cognição emergente, já que a *conceptualização* é um processo primordialmente cultural. Ademais, devido ao *léxico vegano* possuir uma relação direta com o *léxico alimentar usual*, as noções de *Semelhanças de Família* e de *efeitos de prototipicidade* se fazem necessárias, justamente por sua relação com os Modelos Culturais Distributivos.

Cabe acrescentar que, os espaços mentais apresentados por Fauconnier e Turner (2002, p. 40), podem ser metaforicamente comparados a *pequenos pacotes conceituais construídos à medida que pensamos e falamos, por propósitos de compreensão e ação local*. Neste sentido, os espaços mentais estão ligados *ao conhecimento de longo prazo*, chamados *frames*, os quais podem ser comparados, por exemplo, a lembranças do passado. Ainda, os autores frisam que *os espaços mentais são muito parciais, pois contêm elementos e são tipicamente estruturados por frames. Eles estão interligados e podem ser modificados de acordo com o desdobramento do pensamento e do discurso*. Por fim, o mapeamento é feito entre linguagem e pensamento e é representado por círculos dentro de um diagrama, nos círculos ficam os elementos e as conexões são feitas pelas linhas. Os círculos representam o *espaço genérico*, as entradas ou *os inputs* são mapeados a partir do espaço genérico e o espaço mescla ou o *blend* é o resultado da conexão dos dois espaços mentais projetados e que darão origem a um único espaço mental, a uma estrutura emergente.

Com base nestas explicações, consideramos pertinente utilizar o modelo básico de integração conceptual de Fauconnier e Turner (2002), a partir do qual, o processo da *mesclagem* ocorre com a junção de estruturas parciais dos espaços mentais prévios para a formação de um espaço emergente distinto, o *espaço de mescla*. Estes espaços são: Espaço Genérico, Espaço Mental 1 (*Input 1*), Espaço Mental 2 (*Input 2*) e Espaço de Mescla (*Blending*). Estruturas que podem ser observadas no segundo capítulo, figura 12.

Para compreender melhor estas definições, vamos analisar alguns termos do *corpus* deste trabalho, iniciando pelo termo *leite* e suas ramificações, como veremos a seguir. O *leite de vaca* é o exemplo mais prototípico entre todos os leites, ele é o mais comum do dia a dia, usado em inúmeras receitas, podemos inclusive dizer que ele é um “coringa” nas receitas. Esse é um dos motivos pelo qual as receitas de alimentos veganos precisaram inovar e assim os seus consumidores criaram vários tipos de leites vegetais com os quais pudessem substituir o leite de vaca em suas receitas. Há inúmeros tipos de *leites veganos* como, o leite de aveia, de coco, de amêndoa, de castanha, entre outros.

Então, para iniciarmos essa análise, acreditamos que seja importante observarmos o conceito de *leite*, pelo fato do *leite de vaca* ser o mais prototípico, e assim, necessariamente, precisar ter alguns traços que o caracterizem como tal. Neste sentido, observando as suas definições em alguns dicionários podemos observar o seguinte:

No dicionário Aurélio (2010), o termo **leite** este definido como:

leite [Do lat. *lacte.*] **S.m.1.** Líquido branco, opaco, segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos animais mamíferos. **2.** Suco branco de alguns vegetais. **3.** Qualquer líquido leitoso: *leite de coco*; *leite de amêndoa*. **Leite de cal.** Pasta de cal aérea e água, usada em caiações. **Leite de gado.** *Bras. CE* Leite de vaca. **Leite de magnésia.** Suspensão aquosa de hidróxido de magnésio, empregada como antiácido e laxante. **Leite desnatado.** *V. leitelho*. **Leite magro.** *V. leitelho*.
(...)

leitelho (ê) [De *leite* + *-elho.*] **S. m.** Leite ácido, semidesnatado, portanto pobre em gorduras, resíduo da fabricação da manteiga, muito usado sob a forma de leite em pó, leite desnatado; leite magro (Aurélio, 2010, p.1249).

Já no dicionário de língua espanhola de Salamanca (2006), o termo **leite (leche)** é designado como:

leite *s.f.1* (não contável) Líquido orgânico branco produzido pelas glândulas mamárias de fêmeas de mamíferos para alimentar seus filhotes: *leite de cabra*, *leite materno*. **café com ~. creme * de ~. 2** (não contável) Substância esbranquiçada secretada por algumas plantas, como a figueira. **3** (não contável) Bebida branca ou semitransparente obtida pela trituração e mistura de certos alimentos com água, como sementes, frutas ou tubérculos: *leite de amêndoa*. **4** (não contável) Produto cosmético em forma de creme líquido branco ou esbranquiçado: *leite hidratante*, *leite de limpeza*. (...) **9 ~ condensado** Leite concentrado, com adição de açúcar, que lhe dá consistência.
(...)

leitoso, sa *adj.* **1** Que tem alguma propriedade do leite, como sua cor esbranquiçada: *casca leitosa*, *sabonete leitoso*, *caldá leitosa*. **2** [Planta, fruta] que

tem um líquido esbranquiçado semelhante ao leite: *O figo é uma fruta leitosa* (Salamanca, 2006, p. 927-928)²⁹.

Outro dicionário consultado é o Oxford (2005) de língua inglesa, este dicionário designa o termo **leite** (milk) como:

leite *substantivo* [U] **1** o líquido branco produzido por vacas, CABRAS e alguns outros animais como alimento para seus filhotes e usado como bebida por humanos: **meio litro/litro de leite**; **uma garrafa/caixa de leite**; **leite fresco/seco/em pó**. *Você toma leite no seu chá?*; *produtos lácteos* (= manteiga, queijo, etc.) - ver também BUTTERMILK, LEITE CONDENSADO, LEITE EVAPORADO, LEITE MALTED, LEITE DESNATADO **2** o líquido branco que é produzido por mulheres e fêmeas.

MAMÍFEROS para alimentar seus bebês: *leite materno* **3** o suco branco de algumas plantas e árvores, especialmente o COCO.

(...)

Leite de magnésia *substantivo* [U] (*BrE*) um líquido branco que é usado para ajudar na INDIGESTÃO.

Leite em pó (também **leite em pó**) (ambos *BrE*) (*US* leite seco) *substantivo* [U] leite seco na forma de um pó (Oxford, 2005, p. 969).³⁰

Assim, podemos observar, a partir das definições do termo *leite* nestes dicionários, que a sua principal característica é se tratar de um líquido branco, esbranquiçado, opaco e de origem animal, produzido pelas glândulas mamárias de fêmeas de animais mamíferos. E em segundo lugar, a descrição que mais aparece é se tratar de um líquido branco ou esbranquiçado de origem vegetal. Também é possível observarmos nas definições dos dicionários, que o *leite* pode ser um produto com finalidade cosmética,

29 No original: **leche** *s.f.* **1** (no contable) Líquido orgánico blanco producido por las glándulas mamarias de las hembras de los mamíferos para alimentar a sus crías: *leche de cabra*, *leche materna*. **café con ~**. **crema* de ~**. **2** (no contable) Sustancia blanquecina segregada por algunas plantas, como la higuera. **3** (no contable) Bebida de color blanco o semitransparente obtenida al machacar y mezclar con agua ciertos alimentos, como samillas, frutos o tubérculos: *leche de almendras*. **4** (no contable) Producto cosmético en forma de crema líquida blanca o blanquecina: *leche hidratante*, *leche limpiadora*. (...) **9 ~ condensada** Leche concentrada, com adición de azúcar, que le da consistencia.

(...)

lechoso,sa *adj.* **1** Que tiene alguna propiedad de la leche, como su color blanquecino: *piel lechosa*, *jabón lechoso*, *salsa lechosa*. **2** [Planta, fruto] que tiene un líquido blanquecino parecido a la leche: *El higo es un fruto lechoso* (Salamanca, 2006, p. 927-928).

30 No original: **milk** *noun* [U] **1** the white liquid produced by cows, GOATS, and some other animals as food for their young and used as a drink by humans: a **pint/litre of milk**; a **bottle/carton of milk**; **fresh/dried/powdered milk**. *Do you take milk in your tea?*; *milk products* (= butter, cheese, etc.) - see also BUTTERMILK, CONDENSED MILK, EVAPORATED MILK, MALTED MILK, SKIMMED MILK **2** the white liquid that is produced by women and female.

MAMMALS for feeding their babies: *breast milk* **3** the white juice of some plants and trees, especially the COCONUT.

(...)

Milk of Mag'nesia *noun* [U] (*BrE*) a white liquid that is used to help with INDIGESTION.

Milk powder (also **powdered milk**) (both *BrE*) (*US* **dry 'milk**) *noun* [U] dried milk in the form of a powder (Oxford, 2005, p. 969).

como afirma o dicionário de Salamanca (2006), um remédio – *leite de magnésia* ou um produto usado em obras como o *leite de cal*, como afirma o dicionário Aurélio.

Desta forma, encontramos nesta palavra - *leite* -, os seguintes *semas relativos às características do leite*: **líquido branco, opaco, suco branco, líquido leitoso, líquido orgânico branco, substância esbranquiçada**, *semas relativos à funcionalidade do leite*: **bebida branca, semitransparente, alimento, açúcar, gordura, água, proteína, cálcio, sais minerais, cosméticos, remédio**, *semas relativos a sua origem*: **origem animal/vegetal, da fazenda**. Esses são alguns dos *semas* mais proeminentes relativo ao termo *leite*, o qual, além de alimento também pode ser usado como base para outros produtos como cosméticos (*leite de amêndoas, leite de aveia, leite de rosas*), remédios (*leite de magnésia*) ou produtos de pintura/ construção (*leite de cal*).

Com base nestes *semas* é possível fazermos uma comparação com o esquema das relações paradigmáticas de Saussure (2012), as quais elencam grupos de palavras formadas por associações mentais que aproximam inúmeros termos criando tantas séries associativas quanto possíveis. Segundo o autor, *um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida* (Saussure, 2012, p. 146). Podemos observar essas relações na figura 29, já apresentada anteriormente no capítulo três.

Assim, com base nesse esquema de Saussure (2012), podemos afirmar que o termo *leite* pode ser elencado como o *termo mais central* dessa relação associativa, e a partir dele, as demais relações são criadas. Logo, em uma das relações temos os *semas relativos às suas características* como: *líquido branco, opaco, suco branco, líquido leitoso, líquido orgânico branco, substância esbranquiçada*. Depois, em outra relação associativa, temos os *semas relativos à sua funcionalidade*, como: *bebida branca ou semitransparente, alimento, açúcar, gordura, água, proteína, cálcio, sais minerais, cosmético, remédio*. Outra relação imagética pode ser em relação a sua origem: *origem animal/vegetal, da fazenda, da indústria*. Podemos inclusive criar outra relacionada a sua composição como: *água, açúcar, gordura, sais minerais, proteínas, cálcio*.

Já no exemplo abaixo, podemos observar a comparação de alguns traços do termo *leite*. Os traços do lado **A** representam o *leite* de origem vegetal para a *alimentação*, enquanto os *semas* do lado **B** representam o *leite* de origem artificial para fins *cosméticos*. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 39 Comparação de traços do termo leite (alimento x cosmético)



Fonte: Arquivo da autora.

A partir deste esquema é possível percebermos que certos traços se mantêm entre os diferentes tipos de *leite*, como: **líquido branco, opaco, suco branco, líquido leitoso, substância esbranquiçada** e outros traços se diferem como por exemplo: **líquido orgânico branco, bebida branca, semitransparente, alimento ou cosmético, origem vegetal ou artificial**. Outro ponto que podemos observar na figura acima é a questão dos vários sentidos que uma mesma palavra pode apresentar, fato já destacado anteriormente por Saussure (2012). O autor afirma que *existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra* (Saussure, 2012, p. 146). No exemplo acima as palavras *aveia* e *amêndoas* podem remeter tanto a características alimentícias do *leite* quanto ao fato de também serem um cosmético.

Da mesma forma é possível ver traços de correspondência entre outros tipos de *leite*, como no exemplo abaixo:

Figura 40 Comparação de traços do termo leite (origem vegetal x animal)



Fonte: Arquivo da autora.

Observando a figura acima, podemos inferir que certos traços de cada lado se mantêm enquanto outros diferem, como por exemplo: **líquido branco, opaco, suco branco, líquido leitoso, líquido orgânico branco, substância esbranquiçada, bebida branca, semitransparente, alimento** são algumas das características que eles mantêm em comum, entretanto há outros traços que os diferem, como por exemplo: **origem**

vegetal ou animal, com ou sem gorduras, proteínas, com ou sem lactose, com ou sem glúten, produto vegano ou de origem animal.

Outro exemplo, no qual podemos observar as diferenças ou semelhanças relacionadas ao *léxico leite*, é em relação a sua forma de comercialização, podendo ser industrializado ou vendido artesanalmente, de acordo com cada tipo de vendedor ou consumidor. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 41 Comparação de traços do termo leite (forma de comercialização)



Fonte: Arquivo da autora.

Neste esquema, da figura acima, podemos observar que existem certos traços que diferenciam os tipos de *leite* deste léxico, apesar de possuírem a mesma origem: *animal*. Dentre estes traços que os tornam diferentes podemos observar a questão da *industrialização ou não* do leite, a *quantidade de gordura* que muda, no *leite de vaca* (direto da fonte) há uma porcentagem maior. O *gosto*, também difere, entre os *leite de vaca* e os *leites industrializados*, segundo os consumidores, um dos fatores de mudança no sabor seria devido aos conservantes presentes no *leite de caixinha*, de *garrafa* e de *saquinho*. E por fim, o *leite de vaca* comparado aos demais leites deste exemplo – caixinha, garrafa e saquinho - , seria *mais saudável*, segundo os consumidores de *leite de vaca*.

A partir deste último exemplo, podemos depreender que a experiência de vida de cada pessoa na sociedade interfere diretamente em suas percepções, crenças e gostos em relação às coisas que os rodeiam. O modo como as pessoas experienciam o mundo que as cerca (cada pessoa experiencia de modo diferente), com base em seus próprios conhecimentos sobre as coisas do mundo. Como afirma Marcuschi (2005, p. 50), “acredito que a ordem de nossos conhecimentos e das instituições que os suportam não é uma ordem natural, mundana. É uma ordem essencialmente cognitiva e interativamente semiotizada: uma ordem histórica e sócio interativa”. Com base nas palavras de Marcuschi (2005), podemos inferir que o exemplo acima, sobre o *leite de vaca* *versus* o *leite de caixinha*, *garrafa* ou *saquinho* possuem a sua distinção baseada essencialmente

sobre este viés apresentado pelo autor, uma questão *histórica e sócio interativa*, pois o conhecimento e a experiência passam e são perpassados por esses pontos.

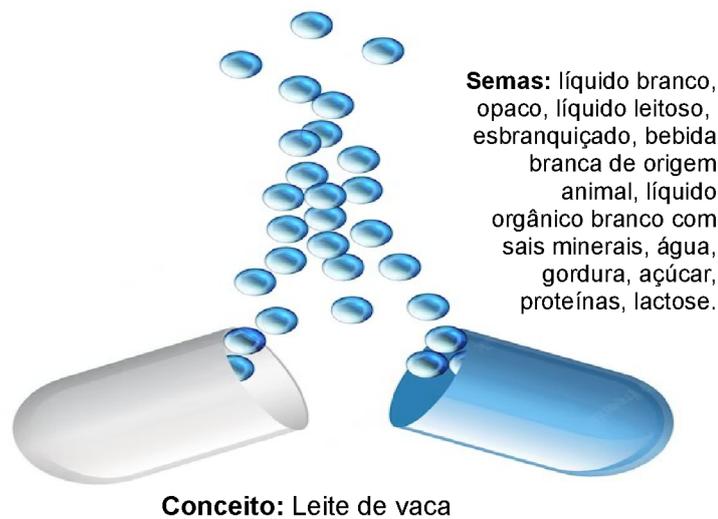
Figura 42 Leite de vaca



Fonte: Print screen web.

O *leite de vaca* é um dos produtos mais consumidos pela humanidade, desde a infância até a fase adulta. Além do *leite de vaca*, outros leites de origem animal também são consumidos pelas pessoas, como o *leite de cabra*, o *leite de búfala* e o *leite de ovelha*. O *leite de vaca* é mundialmente produzido em fazendas de vacas leiteiras e comercializado para o consumo humano. A partir do leite de vaca inúmeros outros produtos derivados são fabricados, os chamados *derivados do leite*, como por exemplo: queijos, iogurte, requeijão, sorvete, doce de leite, manteiga, ricota, creme de leite, leite condensado, entre outros. Na imagem abaixo podemos observar alguns dos componentes do *leite de vaca* (semas) a partir do conceito:

Figura 43 Semas do leite de vaca



Fonte: Arquivo da autora.

Na figura acima vemos os *semas* (traços distintivos) originados a partir do conceito de *leite de vaca*. A partir deles podemos observar, comparando-os aos demais exemplos, que alguns destes traços se mantêm enquanto que outros traços se diferem, pois são característicos do conceito ao qual pertencem. Por exemplo, se comparado aos leites de *origem vegetal*, os traços: *líquido branco, opaco, líquido leitoso, esbranquiçado, líquido orgânico branco, água, gordura, proteínas*, estes traços se mantêm enquanto que os demais traços diferem do leite de *origem animal*, como o *leite de vaca*.

Figura 44 Leite de caixinha



Fonte: Print screen web.

Seguindo esse raciocínio, a respeito do léxico *leite*, cabe observarmos que, cada qual adquire diferentes traços de significação dependendo do tipo de leite ao qual se refere, podendo ser de origens diferentes ou até em função das próprias formas de armazenamento, como ocorre com o leite de origem animal, o leite de vaca. Este leite pode ser armazenado em diferentes tipos de embalagens, e o mais comum deles é a embalagem comumente chamada de *longa vida* ou *UHT* (Ultra High Temperature).

Esse leite passa por um grande processo de preparo, no qual ele é homogeneizado e submetido a uma *temperatura ultra alta de pasteurização*, a temperaturas entre 130° a 150°, durante um período de 2 a 4 segundos e em seguida, é resfriado a uma temperatura inferior a 32°C. O nome *longa vida* é inspirado neste processo, depois de passar por este choque térmico, o qual também permite eliminar as bactérias, faz com que o leite preserve as suas propriedades, sem a necessidade de refrigeração. Há três tipos de leites comercializados no mercado: o *integral*, o *semidesnatado* e o *desnatado*, mudando entre eles principalmente a composição de gorduras, como podemos observar abaixo:

Leite Integral UHT: é composto por 3,0% de gorduras totais, 2,0% de gorduras saturadas, 3,0% de proteínas e 4,5% de carboidratos. Cada 100g do produto contém cerca de 58 Kcal.

Leite semidesnatado UHT: possui menos gordura: 2,0% de gorduras totais, 1,2% de gorduras saturadas, 3,1% de proteínas e 4,6% de carboidratos. Cada 100g fornece cerca de 50 Kcal.

Leite desnatado UHT: o teor de gordura não pode ultrapassar 0,5%, sendo assim, o produto apresenta um máximo de 0,5% de gorduras totais, 0% de gorduras saturadas, 3% de proteínas e 4,5% de carboidratos.

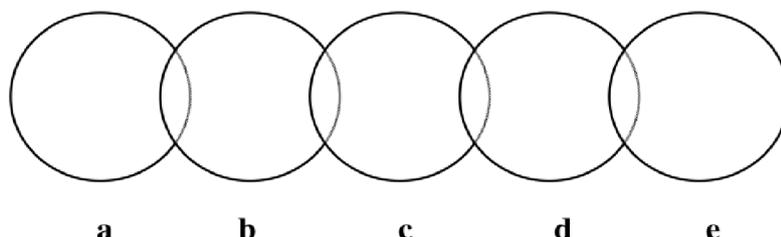
Como o próprio nome já diz, no processo de obtenção do leite desnatado, a nata (maior concentração de gordura) é retirada, cada 100g fornece apenas cerca de 30 kcal (Souza, 2023, s.p.).

Comparando estes três tipos de leites, podemos fazer uma analogia os estudos das *semelhanças de família* de Wittgenstein (1991 [1953]), no qual o autor analisou a categoria *jogos* e concluiu que os traços que possuem em comum podem ser comparados aos encontrados entre as pessoas que compõem uma grande família, tios, tias, primos e assim por diante, os traços que unem todos são pequenas semelhanças, as *semelhanças de família*. Com base nesse princípio podemos afirmar que cada categoria de leite possui certos traços que o aproxima ou distancia da sua categoria mais prototípica, que seria o leite de vaca.

Usando como exemplo a citação acima, podemos afirmar que o *leite integral* seria o leite que mais se aproxima do *leite de vaca*, isto se deve ao fato de que os seus valores percentuais de cada composto não se distanciam muito dos do *leite de vaca*. Já o *leite*

desnatado seria o leite que possui os valores percentuais mais diferentes dos do *leite de vaca*, assim este pertence a categoria que mais se distancia do ser protótipo. Como podemos observar na figura abaixo de Givón (1986), que demonstra essa questão das categorias com base nas *semelhanças de família*.

Figura 45 Esquema de Givón (1986)



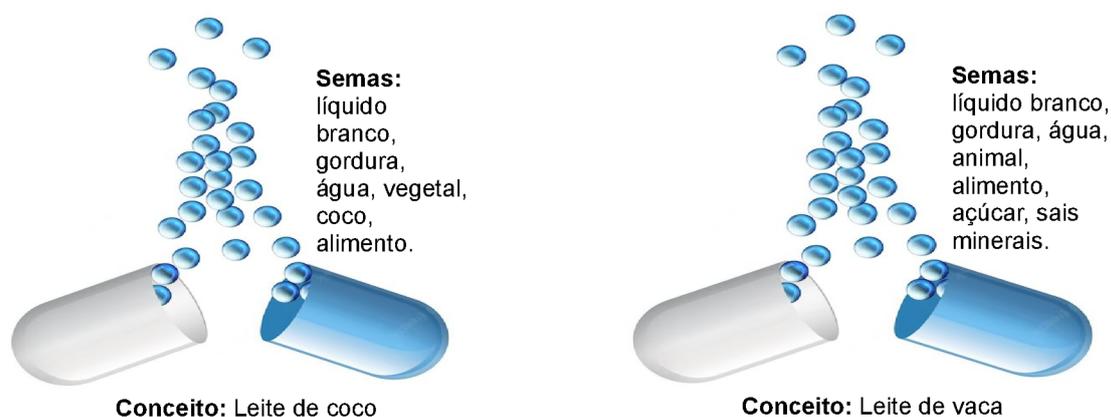
Fonte: Print screen web.

Assim, com base nesse esquema, podemos dizer que cada categoria ou tipo de leite pode ser comparado a um círculo. Nesse sentido, o *leite de vaca* seria o primeiro círculo, correspondente ao da letra '**A**', depois, o *leite integral* seria correspondente ao segundo círculo, o da letra '**B**', já o *leite semidesnatado* corresponderia ao terceiro círculo, o da letra '**C**', e assim sucessivamente. Mas, o ponto importante deste esquema é o fato de que cada um destes círculos possui traços que os ligam ao círculo anterior, ou seja há traços, semelhanças entre as categorias. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que, a primeira categoria, ou seja o primeiro círculo, em comparação a última categoria deste esquema não possuem tantos traços em comum quanto os dois primeiros possuem, ou seja, as semelhanças diminuem proporcionalmente em relação a distância que se forma entre os círculos.

Quanto aos leites de origem vegetal, um dos mais conhecidos é o *leite de coco*. Além o leite de coco, há também outros tipos de leite vegetais, como: *leite de amêndoa*, *leite de aveia*, *leite de soja*, *leite de gergelim*, *leite de arroz*, *leite de castanha de caju*, *leite de quinoa*, *leite de macadâmia*, *leite de amendoim* e *leite de semente de melão*. Cada um deles possui propriedades diversas, o que faz com que cada um seja uma importante fonte de vitamina, proteína, gordura ou fibra, e assim conseqüentemente, sejam adequados a diferentes tipos de dietas.

O *leite de coco* comparado ao leite mais prototípico, o *leite de vaca*, possui algumas semelhanças e outras diferenças em seus conceitos, como podemos observar nos *semas* abaixo:

Figura 46 Comparação entre os conceitos Leite de coco e Leite de vaca



Fonte: Arquivo da Autora.

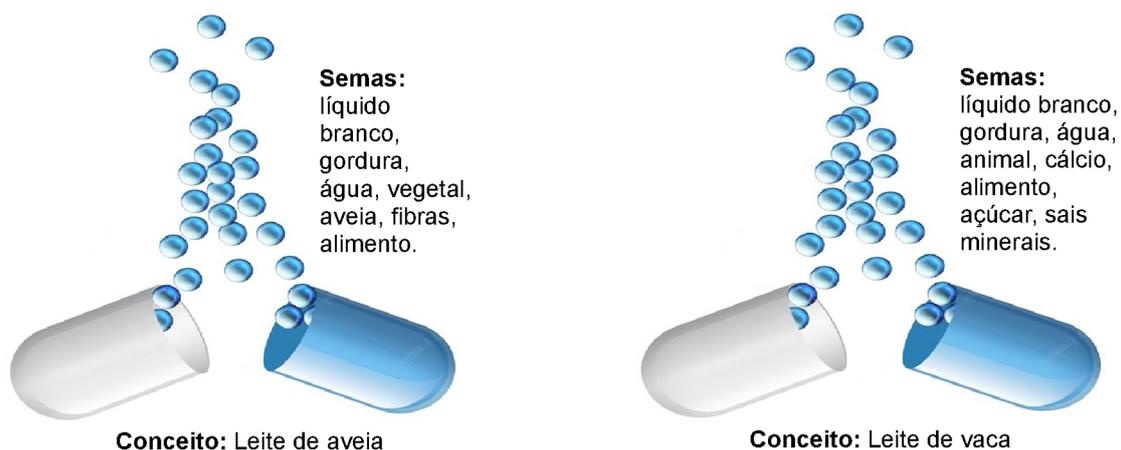
Observando a figura acima, podemos afirmar que o léxico *leite*, oriundo mais especificamente do *leite de vaca*, é o léxico mais prototípico, é ele que causa o efeito de prototipicidade nos demais leites, os de origem vegetal utilizados no léxico vegano. A partir deste protótipo, e de seus semas, os traços distintivos são criados, formando os demais conceitos e os seus traços distintivos. Cada conceito quando é acionado em nossa mente, automaticamente todos esses semas já estão categorizados dentro do conceito ao qual pertencem. Por exemplo, quando alguma pessoa disser que precisa de *leite de coco*, a outra pessoa, em função do seu conhecimento de mundo, e da categorização que fazemos das coisas do mundo, em função da nossa experiência com as entidades do mundo, será capaz de inferir que se trata de um leite de origem vegetal e que este possui traços que o assemelham ao *leite de vaca*, motivo pelo qual também possui o léxico *leite*.

Já o *leite de aveia*, além de possuir uma semelhança com o léxico *leite de vaca*, que é o léxico mais protótipo, ele também possui outra propriedade que o diferencia dos anteriores. O *leite de aveia* pode tanto pertencer a categoria dos alimentos, quanto a categoria dos cosméticos, possuindo assim semelhanças que o classificam em cada uma destas categorias. Se fossemos falar em *identidade*, qual seria a identidade do leite? Seriam os seus *semas*, seus traços de significação, seria o fato de ser um alimento ou

pelo de ser um líquido branco, um pouco gorduroso e adocicado que lembra o nosso primeiro alimento? Acreditamos que seja tudo isso, não há como separar nenhuma destas características, pois se o fizermos, não será mais o mesmo conceito.

Ainda referente ao *leite de aveia*, este também possui traços de significação que originam efeitos de prototipicidade advindo do leite mais prototípico, ou seja, o *leite de vaca*. Comparando os dois tipos de leite, eles possuem várias semelhanças em seus traços, como: *líquido branco ou esbranquiçado, água, sabor adocicado, gordura, proteínas e carboidratos*. Quanto às diferenças nos traços, podemos destacar, por exemplo, os *sais minerais e o cálcio* que estão presentes no *leite de vaca*, e quanto ao *leite de aveia*, este é rico em *fibras*. Assim, podemos comparar na figura abaixo alguns destes traços que os assemelham:

Figura 47 Comparação entre os conceitos Leite de aveia e Leite de vaca



Fonte: Arquivo da Autora.

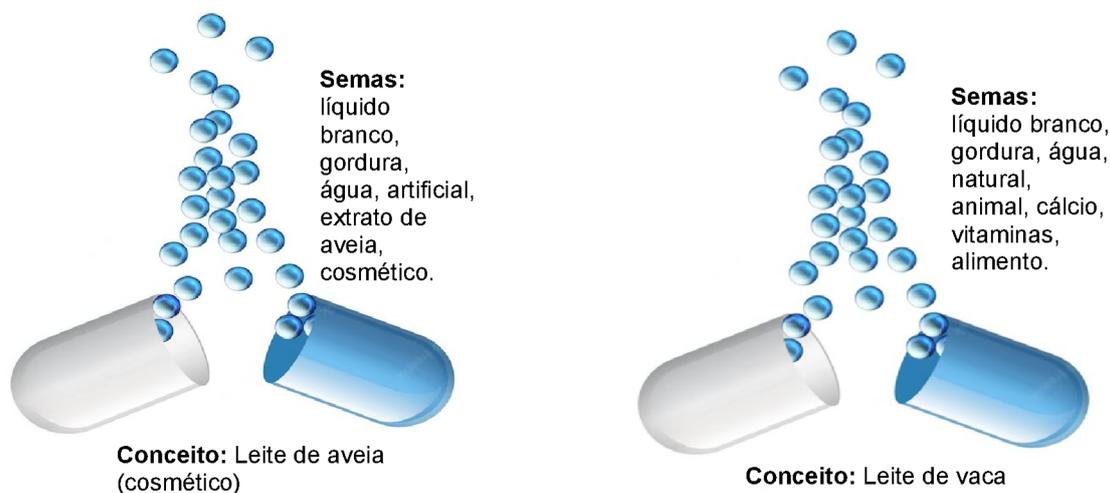
Observando a imagem acima dos semas de cada um destes leites, podemos observar que, as diferenças entre um leite e outro são poucos traços, mas são estes traços que mudam significativamente o modo como lidamos com cada um destes conceitos. Enquanto que o *leite de aveia* faz parte do léxico e do mundo de pessoas que se identificam com alimentos veganos, o *leite de vaca* faz parte do léxico das pessoas que se identificam com hábitos alimentares estabilizados ou não veganos.

Quando estamos categorizando as coisas do mundo que nos cercam é impossível para nós, enquanto seres pensantes, porque somos mentes corporificadas e sócio historicamente situadas, fato que torna impossível separar as categorias, os conceitos e

nossas próprias experiências, como afirmam os autores Lakoff e Johnson (1999, p. 18), “Os sistemas vivos devem categorizar. Como somos seres neurais, nossas categorias são formadas por nossa mente corporificada. O que isso significa é que as categorias que formamos fazem parte da nossa experiência!”³¹ Em outras palavras, os autores afirmam que a constituição e o uso das categorias são a base, o alicerce de nossa experiência com as coisas do mundo.

Entretanto, o *leite de aveia* enquanto *cosmético*, apesar de possuir outras características de base, também mantêm o efeito de prototipicidade que advêm do *leite de vaca*, por mais que essa afirmação pareça estranha, não podemos deixar de observar que o *leite* mais prototípico é o *leite de vaca*, e nesse sentido, os demais leites, tanto os de origem vegetal, muito usado no *léxico vegano*, quanto os leites de *origem artificial*, como os cosméticos possuem traços de significação advindos do leite mais prototípico. Assim, se formos observar os semas de cada um deles perceberemos que há correspondências entre eles, sendo o principal se tratar de um *líquido branco*. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 48 Comparação entre os conceitos Leite de aveia (cosmético) e Leite de vaca



Fonte: Arquivo da Autora.

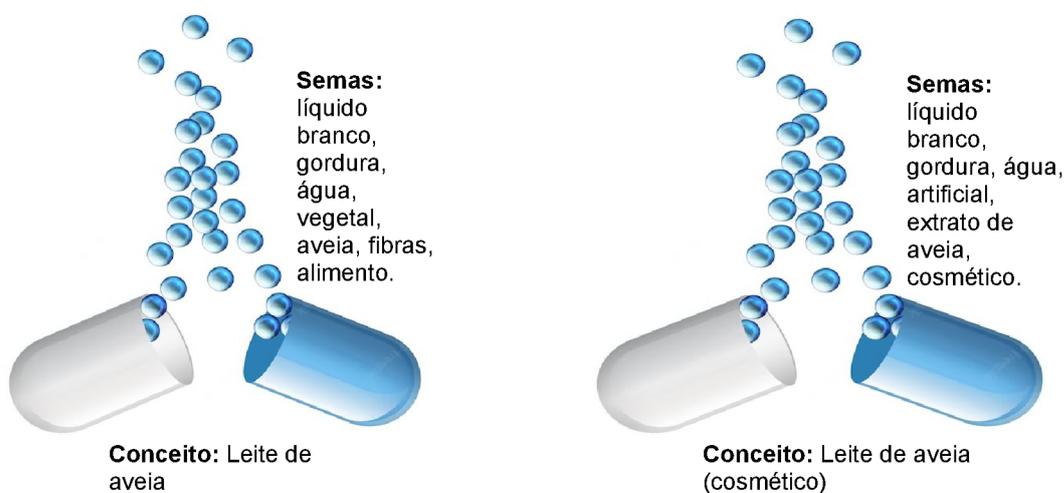
Com base nesta figura, podemos perceber que os *semas* similares são poucos, em comparação a semas diferentes, corroborando com o dito acima, que o traço mais pertinente neste exemplo, é o de líquido branco, depois os outros comuns são água e

31 No original: Living systems must categorize. Since we are neural beings, our categories are formed through our embodiment. What that means is that the categories we form are part of our experience! (Lakoff; Johnson, 1999, p. 18).

gordura, os demais são distintos. Se formos usar o esquema da figura 43 como ilustração para esse exemplo, podemos afirmar que o efeito de prototipicidade observável no leite de aveia cosmético ocorre a partir deste primeiro sema: líquido branco, em relação ao conceito de leite de vaca. E também podemos aplicar o conceito de Wittgenstein (1991 [1953]), das *semelhanças de família*, no qual, apesar destes dois leites não terem nada em comum, no sentido de um ser alimento e o outro ser um cosmético, ainda possuem traços de semelhanças que causam o efeito de prototipicidade advindo destes semas similares.

Outra comparação pertinente é entre os dois leites de aveia, o alimentício e o cosmético. Entre estes dois léxicos também observamos *semelhanças de família*, há semas que são idênticos e outros que diferem, lembrando que o leite mais prototípico, base de nossa discussão a respeito do léxico vegano, é o leite de vaca, mas neste exemplo específico, o leite que será usado como sendo o mais prototípico será o leite de aveia. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 49 Comparação entre os conceitos Leite de aveia e Leite de aveia (cosmético)



Fonte: Arquivo da Autora.

O leite de aveia cosmético possui um efeito prototípico advindo do leite de aveia alimento, sendo este último, o léxico que dá origem a uma outra categoria, um cosmético. Como afirma, Rosch (1975), as categorias se formam sempre ao redor de protótipos, e neste exemplo, é o leite de aveia, o qual também funciona como referência. Lembrando que protótipo, para a autora seria o melhor exemplar de uma categoria. Neste sentido,

para o exemplo acima, os *semas* que corroboram para causar este *efeito de prototipicidade* no conceito *leite de aveia cosmético* são *líquido branco, água e gordura*.

Ademais, caso acrescentássemos mais categorias ao exemplo acima, certamente faríamos outras categorizações. Por exemplo, se além destes dois conceitos da *figura 47*, acrescentássemos também o *leite de vaca* e o *leite de rosas*, certamente o leque de categorias aumenta.

Para iniciarmos, o leite mais prototípico é o *leite de vaca*, e conseqüentemente os demais possuem traços de semelhanças com este primeiro, ou seja, os *efeitos de prototipicidade*. Seguindo uma ordem, ou seqüência, como no *esquema da figura 43*, podemos eleger o *leite de aveia* pertencente ao segundo lugar, ou círculo, como no *esquema de Givón (1984)*, lembrando que os dois léxicos pertencem à categoria *alimentos*.

Continuando esse raciocínio, podemos afirmar que depois deste, por ordem de semelhança podemos elencar o *leite de aveia cosmético* pertencendo ao terceiro lugar, tendo como principais traços em comum, com o segundo lugar, o fato de terem *aveia* em sua composição e serem *líquido branco*. Entretanto, cabe mencionar que já estamos em outra categoria, a dos cosméticos, ou seja, os seus traços já pendem em sua maioria para esta categoria. E, por fim, podemos adicionar um outro exemplo, o *leite de rosas*, que também entra nesta categoria, dos *cosméticos*, e portanto apresenta mais características em comum com o *leite de aveia cosmético* do que com os dois conceitos anteriores, o *leite de vaca* e o *leite de aveia*, que são alimentos. Assim, numa escala de um a quatro, o *leite de vaca* seria o primeiro desta escala, enquanto que o *leite de rosas* ficaria em último lugar, este seria o leite menos prototípico do exemplo, porque teria menos traços de semelhanças com o primeiro.

Outro item lexical muito comum e que iremos apreciar a partir de agora é a *carne vegana, carne de soja* ou *proteína de soja*, presente em muitas receitas veganas, como podemos observar na figura abaixo de um fôlder de alimentos:

Figura 50 Cardápio de marmitas com opções veganas

PEDIDOS: 999733439

ifood CASABARRA

MAR MITA DELIVERY

50% DE DESCONTO NAS ENTREGAS P/ PEDIDOS ATÉ 10:30 NO CASABARRA

SEGUNDA 05.07

CARDÁPIO

1 ALMÔNDEGA VEGANA
DE PROTEÍNA DE SOJA
COM ESPAGUETE
AO MOLHO SUGO
COM PESTO
POLENTINHA DA CASA
CAPONATA
» R\$20 (PROMOÇÃO) VEGAN

2 FRANGO GRELHADO
FRANGO GRELHADO
COM MOLHO
MOSTARDA, ARROZ
INTEGRAL, BATATA
DOCE RÚSTICA E
LEGUMES SALTEADOS
» R\$27

3 CARNE DE PANELA
COM MANDIOCA FRITA NA
MANTEIGA DE ERVAS
ARROZ E ABOBRINHA
REFOGADA NO MOLHO
PESTO
» R\$32

4 MASSA ESPAGUETE
AO MOLHO DE QUEIJO
COM CUBOS DE FRANGO
E PARMESÃO
» R\$20

À LA MINUTAS
ORELHADAS OU À MILANESAS
HAMBÚRGUER VEG. (PROMOÇÃO) » R\$20 VEGAN
PEITO DE FRANGO » R\$25
FILE DE PEIXE » R\$25
FILE MIGNON » R\$30
C/ ARROZ, SALADA
BATATA FRITA E OVO
*TEMOS ARROZ BRANCO OU INTEGRAL

SOBREMESAS
PUDIM » R\$ 5
BANOFFEE DE BANANA » R\$ 7
TORTA ÓREO » R\$ 9

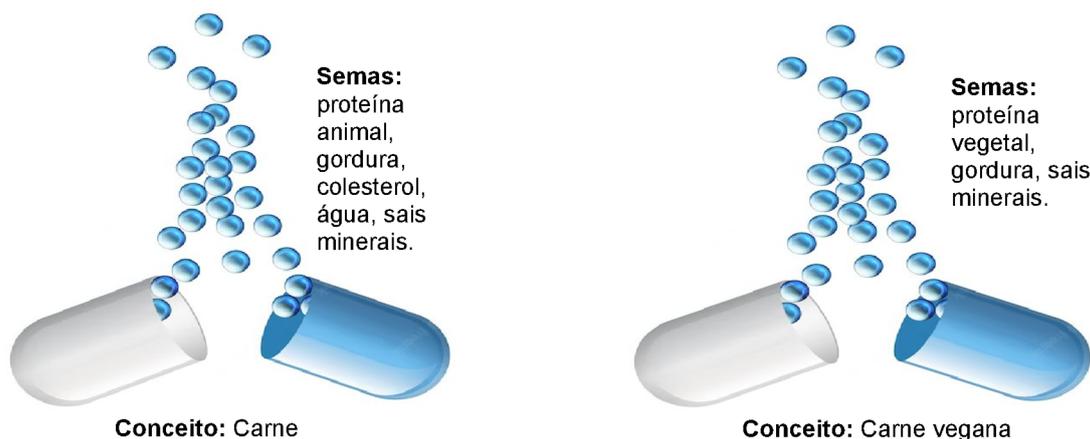
Fonte: Print screen web.

Na figura acima, podemos observar que há dois alimentos que possuem o que chamamos de *léxico vegano*, exatamente como já havíamos explicado anteriormente, em que a nomenclatura é composta por um *substantivo* que advém da comida de *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado, e pelo seu *adjetivo*, *vegano*. Na imagem acima temos a *almôndega vegana* e o *hambúrguer vegano*, e temos outra informação no próprio pôster a respeito da matéria-prima que compõe a *almôndega vegana*, a *proteína de soja*.

Neste sentido, cabe que façamos as primeiras considerações a respeito desta *nova categoria*, na qual temos o *léxico carne* como sendo o *mais prototípico* desta categoria, e a partir dele outras categorias se formam, como a *carne vegana*, a *carne de soja* e a *proteína de soja*. Também podemos incluir as demais categorias que utilizam essa proteína em suas receitas, como por exemplo: *almôndega vegana*, *croquete vegano*, *escondidinho vegano*, *hambúrguer vegano*. Além destes, temos também outras nuances do efeito de *prototipicidade* do *léxico hambúrguer*, como por exemplo: *hambúrguer de feijão*, *hambúrguer de beterraba* e *hambúrguer de milho*.

Então, para iniciarmos a análise, acreditamos ser interessante compararmos os conceitos de *carne* e *carne vegana*, pois são os mais prototípicos destas duas categorias de alimentos, a *categoria dos alimentos convencionais*, podemos assim chamar, e dos *alimentos de origem vegetal ou veganos*. Fazendo um comparativo entre os dois conceitos, podemos observar que também possuem traços em comum, como na figura abaixo:

Figura 51 Comparação entre os conceitos Carne e Carne vegana



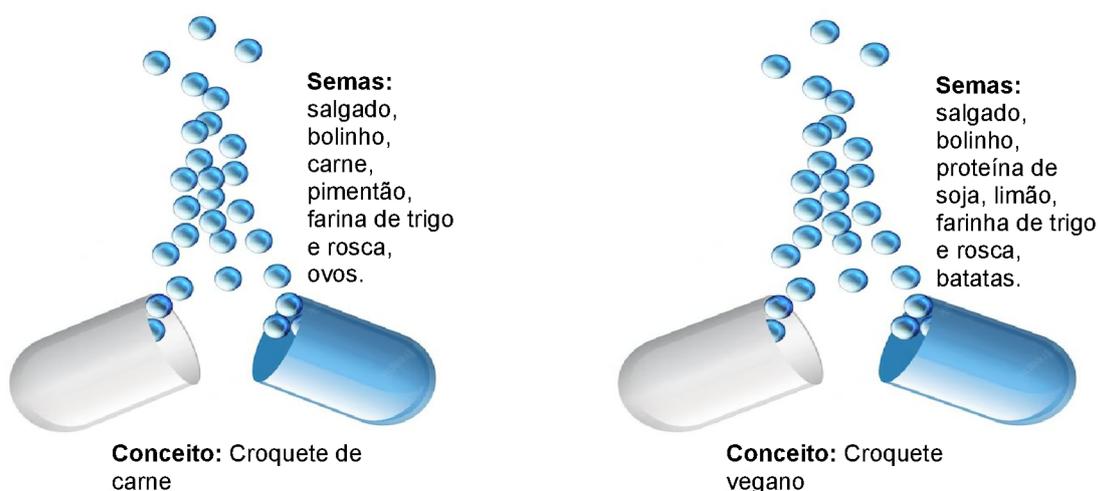
Fonte: Arquivo da Autora.

Observando a imagem acima, podemos perceber que há mais traços de correspondência do que traços diversos, desse modo, o mais significativo destes traços, que difere entre os dois conceitos, é o fato de um ser *proteína animal* enquanto o outro é *proteína vegetal*. Além destes *semas*, a *carne de origem animal* possui também outras características que o diferem, são eles: *água e colesterol*. Ademais, há outros traços de semelhança que os dois conceitos possuem em comum, não apenas o *léxico carne*, que é representado por um substantivo, como já afirmamos anteriormente, a *carne vegana* também possui a *aparência, a textura e o sabor* da carne bovina.

A partir destas informações, podemos afirmar que o *léxico carne vegana* possui inúmeros traços que o assemelham ao seu referente, a *carne (vermelha)*, e nesse sentido, os *efeitos de prototipicidade* são mais significativos neste exemplo. Ainda assim, cabe observarmos que estes dois conceitos possuem origens diferentes, fato crucial que os separa em categorias diferentes, a do *léxico alimentar* já culturalmente sedimentado e a categoria do *léxico vegano*.

Outro exemplo de *léxico vegano* é o *croquete vegano*, assim sendo, para fazermos uma análise mais específica vamos compará-lo ao *croquete de carne* (bovino). Nesse sentido, podemos observar alguns dos *semas* de cada um deles, iniciando pelo *croquete carne*, são eles: *carne, alho, pimentão, temperos, farinha de trigo e de rosca, azeite, cebola, sal e ovos*, já o *croquete vegano* possui: *batatas, proteína de soja, limão, cebola, alho, temperos, azeite, farinha de trigo e de rosca, sal*. Podemos observar esse exemplo na figura abaixo:

Figura 52 Comparação entre os conceitos Croquete de carne e Croquete vegano



Fonte: Arquivo da Autora.

Assim, podemos observar na imagem acima que, novamente, o *efeito de prototipicidade* é muito significativo, isto porque o resultado final é semelhante, principalmente no quesito da *aparência*, além do *sabor* e da *textura*, pois o croquete se trata de um salgado ou bolinho. Ademais, cabe ressaltar que eles pertencem a *categorias diferentes*, enquanto que o primeiro pertence ao que chamamos de *léxico alimentar já sedimentado* o segundo pertence ao *léxico vegano*. Já quando fazemos um comparativo entre os *semas* dos dois conceitos, percebemos que há poucas diferenças, por exemplo, no *croquete de carne*, os *semas* diferentes mais significativos são a *carne*, o *pimentão* e os *ovos*, enquanto que no *croquete vegano* são a *proteína de soja*, o *limão* e as *batatas*.

Outrossim, é interessante que o fato de que, neste léxico, *croquete vegano*, o termo que recebe o valor de *adjetivo*, *vegano*, seja na realidade o determinante fundamental para diferenciá-lo de categoria com o *croquete de carne*. Este último, igualmente é definido pelo segundo termo, que também podemos classificar como

adjetivo. Desse modo, podemos afirmar que o termo *vegano* que acompanha quase todos os nomes no *léxico vegano*, é o que lhe atribui *qualidade e valor* para que as pessoas possam lhe categorizar como tal, apesar de seu *referente*, *croquete de carne*, pertencer a outra categoria. Como afirma Lakoff (1987), categorizamos o tempo todo, automaticamente, e só paramos para observar essa ação, quando encontramos algum problema,

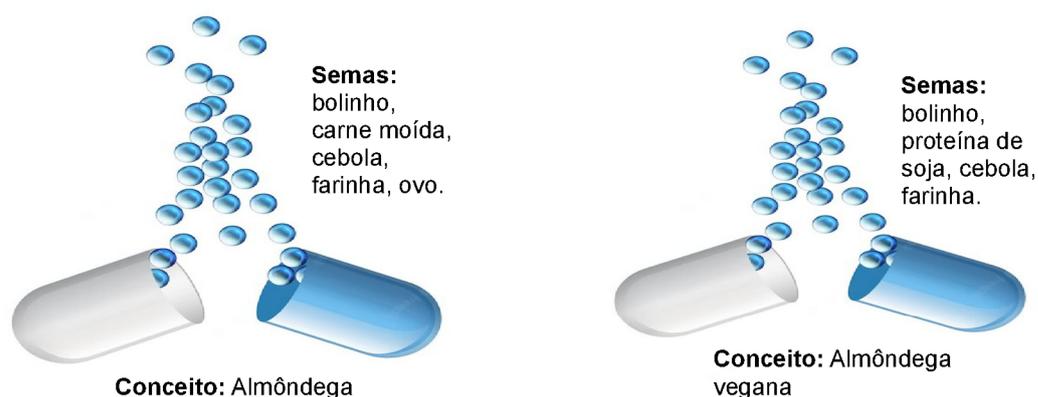
A maioria das categorizações é automática e inconsciente, e se nos tornarmos conscientes disso, é apenas em casos problemáticos. Ao nos movimentarmos pelo mundo, categorizamos automaticamente pessoas, animais e objetos físicos, tanto naturais quanto artificiais. Isso às vezes leva à impressão de que nós apenas categorizamos as coisas como elas são, que as coisas vêm em tipos naturais, e que nossas categorias mentais se ajustam naturalmente aos tipos de coisas que existem no mundo. Mas uma grande proporção de nossas categorias não são categorias de coisas, são categorias de entidades abstratas (Lakoff, 1987, p. 06)³².

Lakoff (1987) é um dos autores que mais abordam essa questão da categorização, e como podemos observar acima, este é um processo automático, acontece o tempo todo sem nos darmos conta disso. O *léxico vegano* também faz parte dessa gama, nos últimos anos ocorreu um aumento considerável deste vocabulário, e o termo *vegano* se tornou o seu principal divisor de águas, entre o *léxico vegano* e o *léxico alimentar já sedimentado*. E, nesse sentido, cabe destacarmos que o *efeito de prototipicidade* que encontramos no *léxico vegano* advém do seu “rival”, o *léxico alimentar já sedimentado*.

Outro exemplo de *léxico vegano* é a *almôndega vegana*. Como podemos observar neste *léxico*, no seu nome temos novamente o adjetivo *vegano*, mais especificamente, *vegana*, pois como sabemos, os adjetivos flexionam de acordo com o gênero. Quanto aos semas, é interessante fazermos um comparativo com o seu referente, a *almôndega (de carne)*, que é um *bolinho de carne*, assim, a *almôndega vegana* possui como semas: *proteína de soja, cebola, alho, molho de soja, sal, temperos, farinha de trigo, azeite*, enquanto que a *almôndega (de carne)* possui: *carne moída, cebola, alho, molho de tomate, sal, temperos, farinha de rosca, azeite, ovo*. Assim, podemos observar os semas na figura abaixo,

32 No original: Most categorization is automatic and unconscious, and if we become aware of it at all, it is only in problematic cases. In moving about the world, we automatically categorize people, animals, and physical objects, both natural and man-made. This sometimes leads to the impression that we just categorize things as they are, that things come in natural kinds, and that our categories of mind naturally fit the kinds of things there are in the world. But a large proportion of our categories are not categories of things; they are categories of abstract entities (Lakoff, 1987, p. 06).

Figura 53 Comparação entre os conceitos Almôndega e Almôndega vegana



Fonte: Arquivo da Autora.

Com base na figura acima, podemos afirmar que o conceito de *almôndega vegana* também possui traços de significação advindos do seu *modelo mais prototípico*, a *almôndega (de carne)*. Os traços mais significativos são o *visual* e o *palatal*, pois eles são muito parecidos no *sabor, na aparência e na consistência*, corroborando com os estudos de Lakoff e Johnson (1999), quando eles afirmam que, *a categorização nada mais é do que uma consequência de nossa mente corporificada* e sócio historicamente situada. Portanto, para categorizar é necessário que as pessoas interajam com o mundo, com as coisas à sua volta.

Utilizando os mesmos critérios de categorização, podemos identificar os traços que diferem entre estes dois conceitos. A principal diferença é a proteína utilizada neste bolinho, na *almôndega (de carne)* foi utilizada a *proteína de carne*, já na *almôndega vegana* foi utilizada a *proteína de soja*, mas também poderiam ser utilizadas outras proteínas como: *o grão de bico, a lentilha, o feijão ou a ervilha*. Logo, o que caracteriza este *léxico vegano* é a sua composição principal, a *proteína vegetal*, e assim, consequentemente, o seu adjetivo, *vegana*, automaticamente ajuda a identificar a qual categoria pertence.

Figura 54 Cardápio com opções veganas de Hambúrguer

PEDIDOS: 999733439
ifood CACHABARRA MAR MITA DELIVERY

SÁBADO 26.06
CARDÁPIO

50% DE DESCONTO NAS ENTREGAS P/ PEDIDOS ATÉ 10:30

1 HAMBURGUER VEGANO
DE LENTILHA COM CEBOLA ROXA E ESPINAFRE, MASSA ALHO E OLEO, MIX DE FOLHAS E CAPONATA
» R\$25

2 FRANGO AO CREAM CHEESE
FRANGO AO CREAM CHEESE COM CEBOLA CARAMELIZADA, MIX DE FOLHAS COM CENOURA E LINHAÇA, CHIPS DE BATATA E ARROZ
» R\$27

3 KIT CHURRASCO
ENTRECOT, LINGUIÇA E PÃO DE ALHO, SALADA DE MAIONESE, ARROZ BRANCO E MIX DE FOLHAS COM TOMATE
» R\$35

4 MASSA ESPAGUETE
AO MOLHO DE QUEIJO COM CUBOS DE BACON E PARMESÃO
» R\$20

À LA MINUTAS
GRELHADAS OU À MILANESAS
PEITO DE FRANGO » R\$25
FILE DE PEIXE » R\$30
HAMBURGUER VEG. » R\$25
FILE MIGNON » R\$30
C/ ARROZ, SALADA, BATATA FRITA E OVO
*TEMOS ARROZ BRANCO OU INTEGRAL

SOBREMESAS
PUDIM » R\$ 5
BANOFFEE DE BANANA » R\$ 7
TORTA OREO » R\$ 9

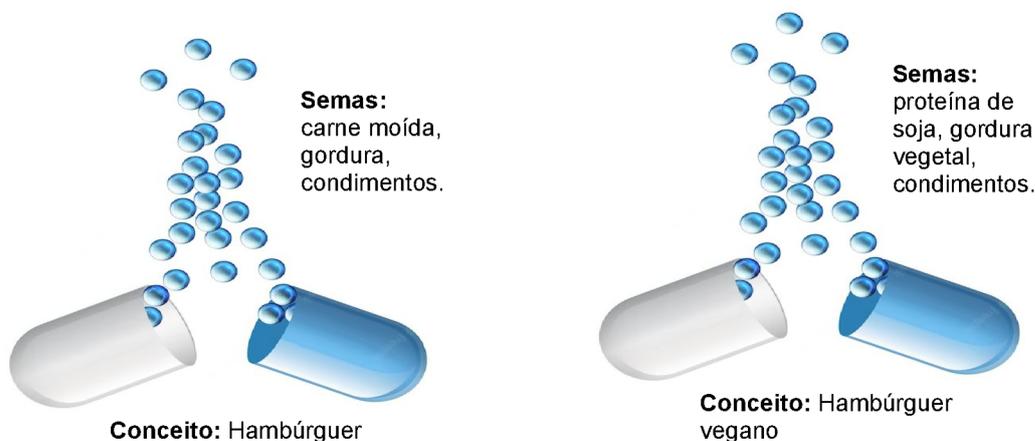
Fonte: Print screen web.

Por fim, vamos aos dois últimos exemplos para elucidar o *léxico vegano*, o *hambúrguer* e o *hambúrguer vegano*. Para iniciarmos a nossa análise, cabe salientar que não iremos nos referir ao hambúrguer em forma de sanduíche, mas sim a parte da proteína, da carne. Quanto à definição de hambúrguer, é considerado um *bife* em formato redondo, feito de carne moída e temperos. Esse alimento tem ganhado bastante espaço nos últimos anos em várias lancherias, cafés, *pubs* e também restaurantes. Nesse sentido, observando os semas de cada um dos conceitos deste *léxico*, percebemos que, no *hambúrguer (de carne)* temos: *carne moída*, *gordura* e *condimentos*, já no *hambúrguer vegano* temos: *proteína de soja*, *gordura vegetal* e *condimentos*. Além da *proteína de soja*, outras proteínas podem ser utilizadas no preparo do *hambúrguer vegano* como, *ervilha*, *grão de bico*, *beterraba*, *feijão*, *milho*, etc.

Neste *léxico*, novamente observamos que o *adjetivo vegano* é o traço significativo que qualifica o *léxico* como pertencente à *categoria alimentícia vegana*. Entretanto, quanto aos traços do *efeito de prototipicidade*, advindos do conhecimento de mundo e das vivências sócio historicamente situadas de mentes corporificadas, vemos que traços como

o formato, a textura e o sabor do hambúrguer vegano lembram o hambúrguer de carne, o qual é o modelo mais prototípico da categoria. Como podemos observar na figura abaixo,

Figura 55 Comparação entre os conceitos Hambúrguer e Hambúrguer vegano



Fonte: Arquivo da Autora.

De acordo com a figura acima, os *semas* divergentes do exemplo convergem quanto ao quesito *vegetal*, tanto a *proteína*, quanto a *gordura* são de origem *vegetal*. Portanto, novamente, o que diferencia as duas categorias de conceitos, é o fato do *hambúrguer vegano* possuir este *adjetivo de classificação* que, ao mesmo, identifica e valora o nome ao qual se refere. O *léxico vegano* é categorizado assim porque a sociedade precisava de uma forma simples e prática designar os alimentos que não possuíam nenhum ingrediente de origem animal para os consumidores veganos, nesse sentido, a forma mais fácil de categorizar foi adicionando o *adjetivo vegano* aos alimentos.

Quanto ao *efeito de prototipicidade* deste léxico, ele está presente principalmente no primeiro termo, o *substantivo*, pois é ele que faz surgir os traços de *semelhança de família* entre o exemplo mais prototípico e os seus exemplares periféricos. É o substantivo que desencadeia esse processo na memória linguística das pessoas, e assim cria as aproximações entre os conceitos. Questão esta muito bem retratada por Marcuschi (2002), como podemos observar:

(...) as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos as coisas aos outros é decorrência de nossa atuação linguística **sobre** o mundo com a língua, de nossa inserção sociocognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimentos diversos. A **experiência** não é um dado, mas uma construção cognitiva, assim como a **percepção** não se dá

diretamente com os sentidos, mas é a organização de sensações primárias. O mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de realidades discretas apreendidas diretamente. O mundo é um contínuo de sensações e a realidade empírica não tem um contorno imediatamente apreensível. A ação de discretização do mundo na forma como o comunicamos é um trabalho sociocognitivo sistemático (Marcuschi, 2002, p. 47).

Corroborando com o autor, podemos afirmar que tanto a *categorização* quanto os *efeitos de prototipicidade*, passam pelas nossas experiências com as coisas do mundo, somente categorizamos, porque a nossa mente é corporificada e sócio historicamente situada. Deste modo, também só comunicamos o mundo a nossa volta do modo que o conhecemos e vivenciamos, aliás, como dizia Benveniste (1991), só conhecemos as coisas do mundo *na e pela linguagem*, em outras palavras, o mundo representado na língua é oriundo de experiências simbólicas e não concretas.

Nenhuma análise é completa e acabada

(...) o signo está em condições de alterar-se porque continua. O que domina, em toda a alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade (Saussure, 2012, p. 89).

Chegamos à parte final do estudo, com a certeza que ainda falta muito por analisar. Iniciamos a nossa caminhada com uma explanação da problemática da referência e da categorização aos estudos da Semântica cognitiva, lembrando que o estudo da relação entre língua(gem) e mundo/realidade sempre foi laboriosa à Semântica, assim neste trabalho, abordamos a problemática da referência a partir de uma Semântica (Sócio)cognitiva, com base nas noções dos *espaços mentais* e de *mesclagem conceptual*, passando pelas *semelhanças de família* aos *modelos culturais distributivos*, que permeiam o processamento discursivo.

Cabe destacar que a *Teoria dos espaços mentais* possui papel de destaque neste trabalho, assim, lembrando, um *espaço mental* pode ser comparado a uma ativação cerebral organizada de significação, e portanto constitutiva do processo de construção referencial, da categorização e da rede conceptual integrada. Neste sentido, estamos falando dos domínios cognitivos de natureza semântico pragmática que são constituídos na linguagem de mentes corporificadas e sócio-histórica e culturalmente situadas.

Como afirmam Lakoff e Johnson (1999, p. 16), “Qualquer raciocínio que você faça usando um conceito requer que as estruturas neurais do cérebro executem esse raciocínio. Consequentemente, a arquitetura das redes neurais do seu cérebro determina o que conceitos que você tem e, portanto, o tipo de raciocínio que você pode fazer³³”. Neste sentido, podemos afirmar que estruturas emergentes são elaboradas pelos indivíduos a partir da atualização de conceitos e significações que compõem os domínios cognitivos. Assim, novos conceitos podem ser formados, como por exemplo, o *léxico vegano*.

Na análise dos dados do *corpus* conseguimos vislumbrar algumas das composições que originam alguns dos conceitos que compõem um *léxico vegano*. Por exemplo o *leite vegetal*, o *leite de aveia*, este possui *semas* em comum com o *leite de vaca*, como a cor, a consistência, as proteínas, vitaminas, além do próprio nome, o léxico

33 No original: Any reasoning you do using a concept requires that the neural structures of the brain carry out that reasoning. Accordingly, the architecture of your brain's neural networks determines what concepts you have and hence the kind of reasoning you can do (Lakoff e Johnson, 1999, p. 16).

- *leite*. No caso do *hambúrguer vegano*, podemos observar que a estrutura emergente é composta do nome de origem *hambúrguer* juntamente com a palavra *vegano*, principal termo para diferenciar os alimentos veganos dos demais alimentos. Assim, estes conceitos são constituídos pelo mesmo processo de construção do conceito de *vírus de computador* estudado por Fauconnier (1997).

No início do trabalho, duas questões foram levantadas, a primeira referente ao fato de ser possível postularmos a existência de um *léxico vegano*, constituído em função de um modelo de cognição cultural emergente e distributiva. Acreditamos que a resposta é positiva, porque de acordo com o modelo distributivo de cognição cultural de Sharifian (2011), apresentado no capítulo três, em cada nova estrutura emergente, encontramos conceitos antigos e novos mesclados, e o mais importante, estes somente existem e são possíveis dentro de um contexto social, cultural e historicamente situado, como podemos observar no *léxico vegano*.

Quanto à segunda questão, referente aos processos de conceptualização e de categorização envolvidos na constituição de um *léxico vegano* os quais seriam decorrentes de Semelhanças de Família em Wittgenstein (1991 [1953]), e dos consequentes efeitos de prototipicidade em Lakoff (1987) que discursivamente desencadeariam, acreditamos que novamente podemos responder positivamente a este questionamento. O fato de que necessariamente são da ordem da cognição referencial, esses processos de elaboração diária de conceptualizações a partir das categorizações. Enquanto seres neurais, mais especificamente mentes corporificadas e sócio historicamente situadas, estamos sempre categorizando, e assim consequentemente, conceptualizando. Neste sentido, as semelhanças de família e os efeitos de prototipicidade são essenciais para formar as estruturas emergentes, como o *léxico vegano*, por exemplo.

Por fim, cabe salientarmos que o trabalho de pesquisa em questão é ainda, metaforicamente falando, uma plantinha em fase de crescimento, há muito a ser estudado e analisado nesta área e, principalmente, com este objeto de estudo. Portanto, gostaríamos de enfatizar que o *léxico vegano* ainda está em pleno processo de construção social, mais precisamente, sócio cognitiva, ou seja, um amadurecimento discursivo.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **Nome não.** Disponível em: <https://www.arnaldoantunes.com.br/nome-nao>. Acesso em: 10 set. 2023.

ARISTÓTELES. **Organon**. Categorias da interpretação analíticas anteriores e posteriores. Tópicos, Refutações sofistas. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros**. São Paulo: Edusp, 2001.

BADARACCO, Lucas Mario Dacuña. **Os efeitos prototípicos da categoria roupa e sua influência na tradução interlinguística: uma abordagem cognitivista**. Pelotas: UFPel, 2016.

BASÍLIO, Raquel. Saussure: uma filosofia da linguística? **ReVEL**, vol. 8, n. 14, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

COSCARELLI, Carla Viana. Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista Brasileira de Linguística aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, 2005. p. 291-303.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DOCE VIDA VEGANA RG. **Doce Vida Vegana RG**. (@docevidavegavars). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTBTSNIrvq2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 20 jul. 2022.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística** (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1977.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: primeira parte. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 21. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO07/21/010.pdf>>. Acesso em: 06 jun. de 2022.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: segunda parte. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 22. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO08/22/006.pdf>>. Acesso em: 06 jun. de 2022.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**: Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. **The way we think**: Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução a linguística**. I. Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2007.

FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. *In*: ALCOFORADO, Paulo (Org. e trad.). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978. p. 59-86.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**: The Embodied. Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem,

cultura e categorização. *In*: Miranda, N.S., Name, M.C. (Orgs.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p.49-77.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. *In*: FELTES, Heloísa Pedroso de M. **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 239-261.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-61, 2002. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2002-2/volume-6-n-1-2002/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 17-52.

MONDADA, Lorenza. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. **Boletim da ABRALIN**, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 66-70, 2001. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.

OXFORD. **Oxford English Dictionary**. New York: Oxford University Press, 2005.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PLATÃO. **Crátilo**. Diálogo sobre a justeza dos nomes. Tradução de Pe. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

RIZZATTI, Cleonice Lucia. Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 3, n. 6, 2001. p. 11-24.

ROSCH, Eleanor. **Natural categories**. *Cognitive Psychology*, n. 4, 1973. p. 328-350.

ROSCH, Eleanor. & MERVIS, Carolyn. B. **Family resemblance: Studies in the internal structure of categories**. *Cognitive Psychology*, v. 7, 1975. p. 573-605.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. 3ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANTILLANA EDUCACIÓN. **Diccionario salamanca de la lengua espanola**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2006.

SANTO AGOSTINHO. De Magistro. *In: Os Pensadores*. Tradução: Angelo Ricci. São Paulo: Editora Abril, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEARLE, John. **Mente, cérebro e ciência**. Lisboa: Edições 70, 1984.

SHARIFIAN, Farzad. **Cultural conceptualisations and language: theoretical framework and applications**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

SHARIFIAN, Farzad. **Cultural Linguistics: cultural conceptualisations and language**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017.

SOUZA, Líria Alves de. **Composição do leite UHT**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/composicao-leite-uht.htm>. Acesso em: 25 abr. 2023.

TAVARES, Eliana da Silva. **Referenciação e espaços mentais interligados: como a igreja inventou a publicidade**. Rio Grande, RS: FURG, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, (1991 [1953]).